

MESTRADO EM HISTÓRIA E PATRIMÓNIO

A candidatura da ‘Muralha de Adriano’ a Património Mundial (UNESCO)

Bernardo Luiz Martins Milazzo

M

2024



Bernardo Luiz Martins Milazzo

A candidatura da ‘Muralha de Adriano’ a Património Mundial (UNESCO)

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História e Património, orientada pelo
Professor Doutor José Ramiro Marques de Queirós Gomes Pimenta

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2024

Sumário

Declaração de honra	6
Agradecimentos	7
Resumo.....	8
Abstract	9
Índice de Figuras	10
Lista de abreviaturas e siglas.....	11
Introdução.....	12
1.1. A História e a análise semântica	12
1.2. A semiótica textual	14
1.3. O quadrado semiótico	17
2.A Muralha: um breve panorama.....	25
2.1. A Construção da Fronteira Imperial Romana	27
2.2. A fronteira medieval.....	30
2.3. The Hanoverian Wall	32
2.4. The Victorian Wall	34
2.5. A Muralha de Adriano – uma nova paisagem	35
2.6. A mesma Muralha?.....	37
3.Política de património.....	39
3.1. Nacional (‘Heritage’).....	39
3.2. Contexto da gestão.....	42
3.2.1. Áreas de Conservação (conservation areas).....	42
3.2.2. Monumentos Antigos Programados (scheduled ancient monuments)	42
3.2.3. Listed buildings	43
3.2.4. Lista do património mundial.....	44
3.3. Agências, Estatutos e Políticas do património nacional britânico.....	44
3.3.1. Historic Buildings and Monuments Act (1953).....	46
3.3.2. Civic Amenities Act (1967)	46
3.3.3. Town and Country Amenities Act (1974).....	46
3.3.4. Ancient Monuments and Archaeological Areas Act (1979).....	47
3.3.5. National Heritage Act (1983)	47

3.4. UNESCO: Património Mundial	47
3.4.1. World Heritage Convention (Convenção do Patrimônio Mundial)	49
3.4.2. O Papel dos Estados Membros na Convenção e a Participação do Reino Unido	50
3.4.3. A Criação do Patrimônio Mundial	51
3.4.4. A Muralha no Século XX-XXI	53
4. Análise da candidatura da Muralha de Adriano a património UNESCO	54
4.1. Sumário do Dossiê (Summary)	54
4.1.1. “Construção” e “Modificação”	54
4.1.2. “Militar” e “Defesa”	55
4.1.3. “Herança” e “Preservação”	56
4.1.4. “Significado” e “Reconhecimento”	58
4.2. Extrato “History” do Dossiê	60
4.2.1. “Conquista” e “Expansão” (romanas)	61
4.2.2. “Desafios” e “Resistências”	61
4.2.3. “Soluções de Fronteira” e “Estratégias Defensivas”	62
4.2.4. “Construção” e “Modificação Arquitetônica”	67
4.2.5. “Decadência” e “Legado”	69
4.3. Extrato “Justification” do Dossiê	72
4.3.1. “Complexidade Arqueológica” e “Diversidade Arqueológica”	72
4.3.2. “Valor Histórico” e “Valor Cultural”	77
4.3.3. “Preservação” e Visibilidade”	82
4.3.4. “Importância” e “Singularidade”	85
4.3.5. “Documentação” e “Estudo”	89
4.3.6. “Escala” e “Impacto Estratégico”	93
4.3.7. “Raridade”	97
5. Considerações Finais	104
5.1. Estrutura linguísticas	105
5.2. Histórias enfatizadas e marginalizadas	107
5.3. Ideologias e valores	108
5.4. Discurso, poder e identidade	110
5.5. O Património como campo de Poder, Resistência e Legitimação	111
6. Referências Bibliográficas	115
Anexos	124

Anexo 1 – Mapa do World Heritage List (site da web)	124
Anexo 2 – Quadrado Semiótico “Construção” e “Modificação”	124
Anexo 3 – Quadrado Semiótico “Militar” e “Defesa”	124
Anexo 4 – Quadrado Semiótico “Herança” e “Preservação”	125
Anexo 5 – Quadrado Semiótico “Significado” e “Reconhecimento”	125
Anexo 6 – Quadrado Semiótico “Conquista” e “Expansão” (romanas)	125
Anexo 7 – Quadrado Semiótico “Desafios” e “Resistências”	126
Anexo 8 – Quadrado Semiótico “Soluções de Fronteira” e “Estratégias Defensivas”	127
Anexo 9 – Quadrado Semiótico “Soluções de Fronteira” e “Estratégias Defensivas”	127
Anexo 10 – Quadrado Semiótico “Soluções de Fronteira” e “Estratégias Defensivas”	128
Anexo 11 – Quadrado Semiótico “Construção” e “Modificação Arquitetônica”	128
Anexo 12 – Quadrado Semiótico “Decadência” e “Legado”	129
Anexo 13 – Quadrado “Complexidade Arqueológica” e “Diversidade Arqueológica”	129
Anexo 14 – Quadrado Semiótico “Valor Histórico” e “Valor Cultural”	130
Anexo 15 – Quadrado Semiótico “Preservação” e Visibilidade”	131
Anexo 16 – Quadrado Semiótico “Importância” e “Singularidade”	131
Anexo 17 – Quadrado Semiótico “Documentação” e “Estudo”	132
Anexo 18 – Quadrado Semiótico “Escala” e “Impacto Estratégico”	132
Anexo 19 – Quadrado Semiótico “Raridade”	133
Apêndices	134
Apêndice 1 – Extrato “Summary” do Dossiê	134
Apêndice 2 – Extrato “History” do Dossiê	137
Apêndice 3 – Extrato “Justification” do Dossiê	140

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de parte(s) da presente dissertação.

[Porto, 29 de Julho de 2024]

[Bernardo Luiz Martins Milazzo]

Agradecimentos

À Direção do Mestrado em História e Património,

Em especial às Professoras Doutoras Maria Helena Cardoso Osswald e Maria Inês Ferreira de Amorim Brandão da Silva, que acompanharam-me também como docentes, por toda a ajuda e disponibilidade, pela paciência e compreensão durante todos esses anos.

Ao Orientador,

Professor Doutor José Ramiro Pimenta, agradeço por todo o apoio, disponibilidade, paciência e compreensão durante todo o processo.

À Família

Agradeço a Deus por ter vocês em minha vida, por serem o meu alicerce, meu apoio incondicional, minha força e inspiração, além de serem uma das minhas principais motivações para resistir, persistir e continuar a seguir em frente, mesmo nas minhas piores adversidades. Amo-vos.

Resumo

Esta dissertação é o produto de uma pesquisa sobre o Dossie de candidatura da Muralha de Adriano à Património Mundial, especificamente da análise semiótica de três partes que representam o núcleo central argumentativo do documento, quais sejam: Sumário, História e Justificação. Tem como objetivo identificar temáticas presentes que indiquem as suas intenções, influências e estratégias, bem como se apresentam continuidades ou mudanças, sejam elas explícitas ou mais sutis, quanto à ideologia, identidade, poder e gestão de património. O estudo foi realizado a partir do percurso da Muralha ao longo dos séculos de sua existência, não só pelo aspecto histórico, como também o patrimonial, com base em bibliografia e documentação selecionada.

Palavras-chave: História, Património, Discurso, Identidade, Poder

Abstract

This dissertation is the product of research on the application dossier for Hadrian's Wall as a World Heritage Site, specifically the semiotic analysis of three sections that represent the central argumentative core of the document, namely: Summary, History, and Justification. Its objective is to identify recurring themes that indicate their intentions, influences, and strategies, as well as to determine whether there are continuities or changes, whether explicit or more subtle, in terms of ideology, identity, power, and heritage management. The study was conducted based on the history and heritage of Hadrian's Wall over the centuries of its existence, drawing on selected bibliography and documentation.

Key-words: History, Heritage, Discourse, Identity, Power

Índice de Figuras

FIGURA 1- SIGNO E SEUS CONSTITUINTES	15
FIGURA 2- O 'QUADRADO SEMIÓTICO' DE GREIMAS	18
FIGURA 3- TERMOS CONTRÁRIOS E CONTRADITÓRIOS	19
FIGURA 4- QUADRADO SEMIÓTICO	20
FIGURA 5- NÍVEIS SEMÂNTICOS E AS CATEGORIAS ISOTÓPICAS	22

Lista de abreviaturas e siglas

UNESCO	UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION
ICOMOS	INTERNATIONAL COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES
WHC.....	WORLD HERITAGE CONVENTION
WHL.....	WORLD HERITAGE LIST
OUV	OUTSTANDING UNIVERSAL VALUE
ICCROM	INTERNATIONAL CENTRE FOR THE STUDY AND RESTORATION OF CULTURAL PROPERTY
IUCN	INTERNATIONAL UNION FOR THE CONSERVATION OF NATURE
EH	ENGLISH HERITAGE
DEFRA.....	DEPARTMENT FOR ENVIRONMENT, FOOD AND RURAL AFFAIRS
DCMS.....	DEPARTMENT FOR CULTURE, MEDIA, AND SPORT
PPG15	PLANNING POLICY GUIDANCE 15
PPG16	PLANNING POLICY GUIDANCE 16

Introdução

Na presente dissertação analisamos o Dossiê de Candidatura da Muralha de Adriano à Património Mundial, de 1987, que atualmente faz parte de um monumento transnacional chamado “*Frontiers of the Roman Empire*”, que abrange Reino Unido e a Alemanha. Para atingir este objetivo, foi fundamental a escolha criteriosa destes textos a serem analisados, garantindo a relevância e a profundidade necessárias para esta investigação.

O Dossiê é de domínio público e está disponível para consulta no portal da web correspondente ao “*Frontiers of the Roman Empire*”, da UNESCO¹. A escolha das fontes analisadas foi baseada em critérios específicos que assegurassem a qualidade e a pertinência dos dados coletados. Trata-se de documentação oficial e de relevância histórica, pois é um documento produzido por um elemento organizacional do Governo Britânico da época. Os extratos específicos foram selecionados por serem textos dissertativos e argumentativos, que se destacam pela sua discursividade entre as demais partes do Dossiê, que apresentam maior caráter técnico e descritivo.

A combinação destas fontes com a análise semiótica permitiu-nos uma análise abrangente e detalhada, garantindo que os aspetos relevantes do nosso tema sejam considerados e explorados. A seguir, discutiremos a metodologia utilizada para a análise das fontes, apresentaremos um breve panorama da Muralha de Adriano, bem como acerca do Património Histórico na Inglaterra, e, mais adiante, a Análise dos textos selecionados e como os dados obtidos foram interpretados para alcançar as conclusões apresentadas nesta dissertação.

1.1. A História e a análise semântica

A análise de textos em pesquisa histórica pressupõe que um documento sempre contém um discurso, não sendo transparente. O historiador deve atentar para a apresentação do conteúdo histórico: vocabulário, enunciados, tempos verbais, etc. Em pesquisas sobre história das ideias e cultura, a forma do texto é crucial.

¹ Frontiers of the Roman Empire [Em linha]. UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. [Consult. 29 Jul. 2024]. Disponível em WWW:<URL: <https://whc.unesco.org/en/list/430/>>.

Lucien Febvre, fundador dos *Annales*, destacou essas vantagens ao estudar Rabelais em *L'époque de l'incroyance* (1942). Ele demonstrou a "mentalidade pré-lógica" do europeu do século XVI. Em *Combats pour l'histoire* (1953), Febvre reafirmou a importância da linguística como "aliada da história" (Febvre, L., 1977)².

Ao aproximar linguística e história, todo cuidado é necessário. Alphonse Dupront, na historiografia francesa, propôs em 1969 uma "semântica histórica" para desvendar o mental e o irracional dos comportamentos coletivos (Dupront, 1969, pp. 15-16).³ Outros, inspirados por Saussure, Foucault ou Hayden White, levaram ao extremo a importância da linguagem, questionando a capacidade explicativa da história e reduzindo-a a um gênero narrativo ou aprisionando-a em estruturas discursivas (Kramer, 1992, pp. 131-175).⁴

Considerar o conteúdo histórico do texto dependente de sua forma é essencial, sem reduzir a história ao texto. É importante relacionar texto e contexto, buscando nexos entre ideias e as influências extratextuais na produção, circulação e consumo dos discursos. O historiador deve sempre vincular o discurso ao social, sem negligenciar sua forma.

A história é sempre um discurso—escrito, iconográfico, gestual—e decifrá-los é o trabalho do historiador. Eliseo Verón afirma que o sentido, o ideológico e o poder estão em toda parte. As condições de produção de um discurso estão ligadas ao ideológico e aos valores sociais, enquanto seu reconhecimento depende das instâncias de poder que legitimam sua aceitação na sociedade (Verón, 1981, p. 192).⁵

A história não se reduz à estrutura do texto, mas essa estrutura é vital na análise do conteúdo histórico-social dos discursos. É necessário inventariar métodos para decifrar a semântica do texto como portadora de valor histórico, considerando reflexões entre história e linguística. Antes disso, pesquisadores devem tomar esses cuidados:

² FEBVRE, L. - Combates pela história (Vol. 2). Lisboa: Ed. Presença, 1977.

³ DUPRONT, A. - Sémantique historique et histoire. Cahiers de Lexicologie. I/II (1969) 15-16.

⁴ KRAMER, L. S. - Literatura, crítica e imaginação histórica: O desafio de Hayden White e Dominick La Capra. In: HUNT, L., ed. lit. - A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992. pp. 131-175.

⁵ VERÓN, E. - A produção de sentido. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1981. p. 192.

- Valorizar a interpretação semântica do texto, evitando o uso de citações apenas ilustrativas, que levam a tentações positivistas.
- Escolher métodos de trabalho compatíveis com sua formação de historiador, evitando métodos que exigem sólida formação linguística.

Ser flexível no uso do método escolhido, evitando rigidez que prejudique interpretações históricas e a verificação de hipóteses. Métodos quantitativos ou estatísticos, se usados rigidamente, podem transformar a pesquisa em um "relatório técnico", constatando apenas o óbvio.

1.2. A semiótica textual

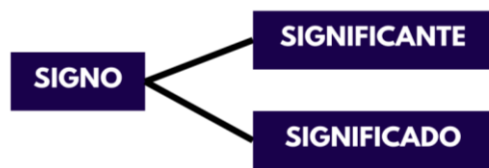
Desenvolvendo as indicações fundadoras do linguista Ferdinand de Saussure e do filósofo Charles Sanders Peirce, a semiótica surgiu como uma teoria geral dos signos e seus códigos estruturados. Ao longo de um processo envolvendo figuras como L. Hjelmslev, Roland Barthes, Julia Kristeva e Eliseo Verón, a semiótica passou pela "crise do signo" até se tornar uma teoria da significação (Lozano, et al., 1989, pp. 15-55).⁶

Ferdinand de Saussure, um linguista e filósofo suíço, propôs a compreensão da linguística por meio de dicotomias: diacronia e asincronia; língua e fala; conceito e forma acústica; e paradigma e sintagma.

As mensagens contêm muitos signos articulados. O menor elemento de significação é o signo linguístico, que une um conceito e uma forma. Um signo é uma célula com duas faces, ligando significante a significado.

⁶ LOZANO, J. [et al.] - Análisis del discurso, hacia una semiótica de la interacción textual. Madrid: Cátedra, 1989. pp. 15-55.

Figura 1- Signo e seus constituintes



Saussure afirma que a definição de um signo depende de sua relação com os outros signos, que é uma relação social e arbitrária em vez de individual.

Nas teorias saussureanas, o signo pode ser analisado em dois componentes: o significante, que representa a forma física do sinal (como as letras n-a-v-i-o), e o significado, que se refere ao significado conceitual associado ao significante (como a definição da palavra “navio”). O significado pode ser analisado em unidades menores chamadas semes. Por exemplo, o conceito representado pela palavra “navio” inclui elementos como “navegação”. Uma isotopia é formada através da replicação iterativa de um único sema. As palavras "navio", "mastros" e "mares" compartilham o significado subjacente de "navegação", juntamente com outros significados relacionados. Isso cria uma conexão temática de “navegação” ao longo do poema, conhecida como isotopia de “navegação”.

Segundo a tradição aristotélica, o signo pode ser dividido em três componentes: o significante, que é a forma ou símbolo utilizado para representar algo, o significado, que é o conceito ou significado associado ao significante, e o referente, que é o objeto ou entidade real que o signo representa, como um cavalo físico. Ao empregar os termos “significante” e “significado” para nos referirmos aos dois componentes iniciais do signo, estamos adotando a linguagem de Saussure. Vale a pena notar que foram sugeridas alternativas que podem ocasionalmente alinhar-se com perspectivas teóricas distintas. Em oposição à tradição diádica saussuriana, Peirce, conhecido lógico americano, que pertenceu à segunda escola da semiótica, por exemplo, apresentou uma perspectiva inovadora. Segundo Peirce, os três elementos fundamentais da semiótica são: signo, objeto e interpretante. O signo é o estímulo que carrega significado, o objeto é aquilo a que o signo se refere e o interpretante é o efeito que o signo produz no intérprete. Os

componentes do signo que ele identifica são: representamen, interpretante e objeto (Fisch, 1978, pp. 31-70).⁷

Cada signo conecta elementos em dois planos, e qualquer sistema de significação tem um plano de expressão e um plano de conteúdo (Barthes, 2008).⁸ O plano de expressão é a forma como o significado é apresentado, incluindo elementos como palavras, imagens e sons. Já o plano de conteúdo é o significado em si, ou seja, a ideia que está sendo transmitida. Os planos de expressão e conteúdo estão interligados e se influenciam mutuamente. A escolha de elementos no plano de expressão pode impactar o significado transmitido, e o significado pode influenciar a escolha de elementos no plano de expressão. A análise do plano de conteúdo envolve a compreensão do significado do texto, incluindo a identificação de temas, ideias principais e argumentos. Além de compreender conceitos sobre signo, é essencial entender o processo gerativo de sentido na elaboração de mensagens. As estruturas semionarrativas e discursivas são as distinções correspondentes aos dois níveis de profundidade do percurso gerativo global que resulta na produção de discurso (Greimas & Courtés, 2012).⁹

A expressão de estruturas semionarrativas requer a compreensão das estruturas semióticas profundas, que são responsáveis pela criação de significado e fornecem padrões de organização geral do discurso. Em um nível mais superficial, as estruturas discursivas organizam a colocação das estruturas narrativas em discurso (discursivização).

A etapa do percurso gerativo conhecida como nível fundamental projeta a organização no nível mais profundo da estrutura semionarrativa. É aqui que as definições conceituais e relacionais são feitas. Os termos são organizados e as relações entre eles são definidas por meio de relações de contrariedade, que são compostas por categorias semânticas opostas.

Não descrevemos aqui todo o processo, mas apontamos algumas de suas características centrais. Primeiro, os semiotistas perceberam que nem todos os sistemas de significação

⁷ FISCH, M. H. - Peirce's general theory of signs. In: SEBEOK, T. A., ed. lit. - Sight, sound, and sense. Bloomington: Indiana University Press, 1978. pp. 31-70.

⁸ BARTHES, R. - Elementos de semiologia. 17.ª ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

⁹ GREIMAS, A.; COURTÉS, J. - Dicionário de semiótica. São Paulo: Contexto, 2012.

são redutíveis a unidades ou que essas unidades sejam sempre signos. Estudos de semiótica em fenômenos não-linguísticos frequentemente envolvem unidades maiores que o signo, como o sema (Buyssens, Prieto), o mitema (Lévi-Strauss), e o behaviorema (Pike, Scheflen). Segundo, o conceito tradicional de signo (a união de significante e significado) foi gradualmente substituído pelo conceito de função sígnica, que surge sempre que um plano de expressão e um plano de conteúdo se relacionam, sejam ou não signos. Isso define a semiótica como o estudo dos sistemas de significação, sígnicos ou não. Na semiótica, "texto" ou "discurso" se refere a qualquer fenômeno com significado completo: texto em língua natural, texto figurativo, filme, música, etc. (Cardoso, 1988, pp. 84-87).¹⁰

Focaremos exclusivamente na semiótica textual (ou do discurso), restringindo-nos à linha Greimas-Courtés (Greimas & Courtés, 2012).¹¹, e, dentro dessa linha, optamos pela aplicação do quadrado semiótico e da leitura isotópica.

1.3. O quadrado semiótico

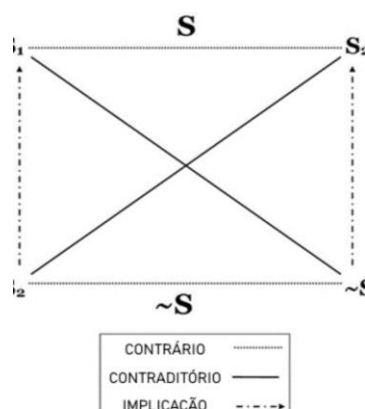
A análise semiótica do discurso postula que, no texto, permanência e mudança, identidade e alteridade são faces opostas, mas complementares, de uma mesma situação de significação. Cada elemento implica seu contrário, tornando os dois termos "aparentados". Assim, o contrário de "doença" pode ser "cura", mas não, por exemplo, "riqueza".

O quadrado semiótico (Figura 2) é uma elaboração de Greimas que representa visualmente a articulação de uma categoria semântica, um elemento de significação encontrado em um discurso ou conjunto de discursos (corpus), funcionando como um núcleo da significação. Forma-se a partir de dois termos geradores (s1 e s2) em relação de contrariedade. Os opostos de cada termo gerador são colocados em diagonal, formando uma relação de contraditoriedade (-s1 e -s2). Os termos geradores são contrários porque, no contexto do discurso analisado, a negação de um implica a afirmação do outro, tornando complementares s1 e -s2, e s2 e -s1.

¹⁰ CARDOSO, C. F. - Ensaios racionalistas. Rio de Janeiro: Campus, 1988. pp. 84-87.

¹¹ GREIMAS, A.; COURTÉS, J. - Dicionário de semiótica. São Paulo: Contexto, 2012 e COURTÉS, J. - Analyse sémiotique du discours: De l'énoncé à l'énonciation. Paris: Hachette, 1991.

Figura 2- O 'quadrado semiótico' de Greimas



Num quadrado semiótico, os percursos principais são: de s_1 a s_2 passando antes por $-s_1$; e de s_2 a s_1 passando antes por $-s_2$.

No trabalho com o quadrado semiótico, é possível definir metatermos, elementos que criam uma ponte entre s_1 e s_2 , s_1 e $-s_2$, s_2 e $-s_1$, ou $-s_1$ e $-s_2$. Um metatermo que une os contrários (termos geradores) é chamado termo mediador, enquanto aquele que une os subcontrários é chamado termo neutro.

O Quadrado Semiótico é uma representação visual da articulação lógica de determinada categoria semântica. A contrariedade, a contradição e a complementaridade são as três relações principais que existem aqui (Greimas & Courtés, 2012).¹²

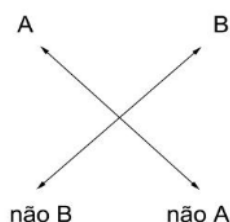
A contrariedade é a relação de pressuposição recíproca entre os dois termos de um eixo semântico quando a presença de um pressupõe a do outro e, vice-versa, quando a ausência de um pressupõe a do outro. Em um eixo semântico, dois termos só podem ser chamados de contrários se o termo contraditório de cada um deles implica o contrário do outro. O eixo dos contrários é então usado para descrever o eixo semântico.

O que é conhecido como "relação de contradição" é a relação que existe entre dois termos pertencentes à categoria binária de asserção ou negação. A contradição é a relação que surge após o ato cognitivo de negação entre dois termos, em que o primeiro é ausente por essa operação e o segundo é presente. É, portanto, uma relação de suposições no nível do conteúdo posto, pois a presença de um termo implica a ausência

¹² GREIMAS, A.; COURTÉS, J. - Dicionário de semiótica. São Paulo: Contexto, 2012 e COURTÉS, J. - Analyse sémiotique du discours: De l'énoncé à l'énonciation. Paris: Hachette, 1991.

do outro e vice-versa. Os dois esquemas do quadrado semiótico (A não é A e B não é B) são definidos pela contradição. Os termos de um esquema são chamados de contraditórios um do outro.

Figura 3- Termos contrários e contraditórios



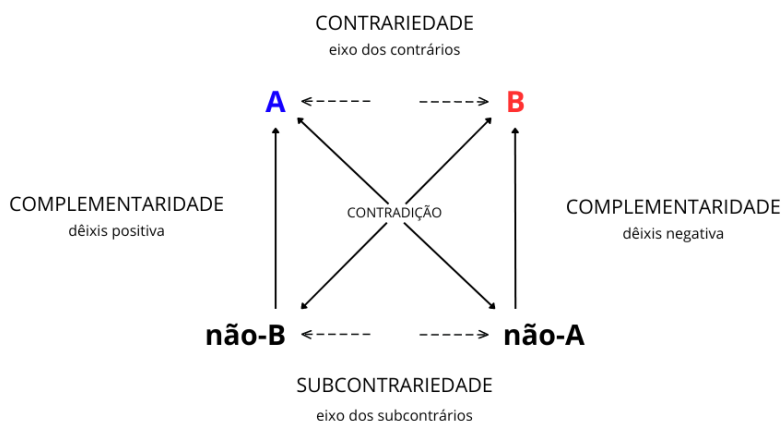
A complementaridade é um exemplo específico de uma relação orientada que vai do termo pressuponente ao termo pressuposto. É uma das relações fundamentais da categoria semântica, que envolve o subcontrário e o contrário, que pertencem à mesma dêixis (referência deíctica), positiva e negativa, do quadrado semiótico. Portanto, um quadrado será usado para representar esse conjunto de relações.

Contrariedade e contradição são relações recíprocas, o que significa que A é o oposto de B e vice-versa. Em contraste, a complementaridade/implicação é uma relação unilateral, onde não-B implica A e não-A implica B. Num sentido mais amplo, dois conceitos (s1 e s2) são considerados opostos se a negação de um implica a afirmação do outro, e vice-versa” (Fontanille, 2003, p. 60).¹³

Os movimentos no quadrado semiótico, ou movimentos de um ponto a outro do quadrado (a direção do deslocamento é indicada pela seta), são descritos pelas seguintes operações: 1) Negação: termo A → termo não-A; termo B → termo não-B; e 2) Asserção (afirmação): termo não- B → termo A; termo não- A → termo B.

¹³ FONTANILLE, J. - *Sémiotique du discours*. Limoges: Presses de l’Université de Limoges, 2003. p. 60.

Figura 4- Quadrado Semiótico



A semiótica greimasiana define os sujeitos que realizam um repertório de ações em uma narrativa como actantes (Volli, 2015)¹⁴. Cada história tenta transmitir algo, seja um conhecimento, um bem, o poder de reinar, a mão de uma jovem, a abundância de um tesouro ou a consciência do culpado. Essa comunicação consiste em um emissor (destinador) enviando algo a um receptor (destinatário). O destinatário é aquele que se vê obrigado a realizar a ação, e o destinador é aquele que quer que a ação seja concluída e que, no final, certifica seu sucesso.

Algo (objeto), concreto ou abstrato, deve ser transmitido e comunicado entre o destinador e o destinatário. Finalmente, deve-se levar em consideração a possibilidade de circunstâncias ou agentes secundários favoráveis ou desfavoráveis, que podem ser auxiliares positivos ou negativos.

Por último, mas não menos importante, no nível discursivo, a estrutura discursiva é expressa por meio da discursivização, tematização e figurativização, que descrevem as ações, o tempo e o espaço.

Um aspecto importante é que um investimento afetivo ou emocional pode conferir à dêixis uma valorização positiva (eufórica) ou negativa (disfórica). A sua ausência caracteriza uma situação afórica.

¹⁴ VOLLI, U. - Manual de semiótica. 3.ª ed. São Paulo: Loyola, 2015.

A dêixis é um conceito fundamental na semiótica e na linguística, referindo-se a elementos de linguagem que ancoram a comunicação no contexto situacional do discurso.

De acordo com Louis Hébert¹⁵, *deixis* envolve termos que têm sua referência dependente do contexto de enunciação, ou seja, eles são compreendidos apenas em relação ao ponto de vista do falante no momento da fala. Esses termos incluem outros termos de referência que requerem a compreensão do contexto situacional para que sejam plenamente interpretados. (Hébert, 2006)

Thomas Sebeok¹⁶, explica que *deixis* refere-se aos elementos da linguagem que ancoram a comunicação no contexto espacial e temporal. (Sebeok, 2001, pp. 83-100)

A compreensão da deixis é essencial para a análise da linguagem, pois esses elementos são fundamentais para a interpretação correta do significado em contextos específicos. A escolha de como investir as posições do quadrado semiótico com elementos de um texto é, simultaneamente, uma hipótese sobre a estrutura profunda de significação desse texto.

Para exemplificar a aplicação do quadrado semiótico, vamos aproveitar um dos temas presentes na documentação que selecionamos e que aprofundaremos a análise mais adiante neste trabalho: a temática “construção-destruição”.

Para construir o quadrado semiótico, vamos primeiro definir os conceitos e as relações que emergem dessa isotopia, tendo em mente as operações de contrariedade, contraditoriedade e complementaridade. Construção é o conceito central. Seu contrário, portanto, será Destruição.

A partir desses dois conceitos principais, podemos derivar: a Contrariedade se expressa tendo em vista que a construção implica em edificar e criar, já a destruição refere-se à remoção, demolição ou desaparecimento de estruturas. São conceitos diretamente opostos em um espectro de criação e eliminação física; a Contraditoriedade pode ser expressa entre o ato de modificar e o de preservar, manter inalterado. A modificação

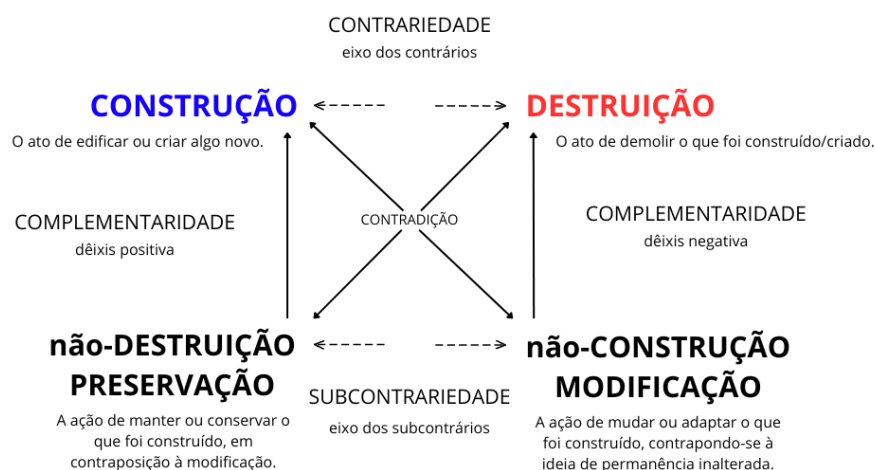
¹⁵ HÉBERT, L. - Tools for text and image analysis: An introduction to applied semiotics. [S.l.]: [s.n.], 2006.

¹⁶ SEBEOK, T. A. - Signs: An introduction to semiotics. 2.ª ed. Toronto: University of Toronto Press, 2001. pp. 83-100.

implica em mudança, enquanto manter inalterado representa a permanência sem alterações; e a Complementaridade entre a construção (e suas modificações) e a preservação: Enquanto a construção e modificação tratam do ato de criar e alterar, a preservação se refere ao esforço de manter e proteger o que foi construído, sugerindo uma relação complementar na realidade entre criar, modificar e conservar. Outra perspectiva seria entender o ato de modificar como algo negativo, de que no seu processo há alguma forma a destruição pelo seu caráter de intervenção/alteração daquilo que foi construído, mesmo que com o objetivo de preservar.

Com essas relações definidas, o quadrado semiótico seria estruturado da seguinte maneira:

Figura 5- Níveis semânticos e as categorias isotópicas



Na semiótica discursiva (especificamente narrativa) derivada das teorias de Greimas e Courtés, reconhecem-se três níveis semânticos no discurso: figurativo, temático e axiológico.

Segundo Courtés, podemos considerar como figurativo tudo o que pode estar diretamente relacionado a um dos sentidos tradicionais, ou seja, tudo o que diz respeito à imagem do mundo exterior. O figurativo é um significado correlacionado aos cinco

sentidos, dependendo da percepção do mundo exterior e criando uma ilusão referencial no discurso. (Courtés, 1991, pp. 163-168)¹⁷

Já o temático é concebido como não tendo nenhuma ligação com o mundo natural, isto é, não é perceptível em si mesmo, caracterizando pelo seu aspecto conceitual. Assim, o “ódio” e a “bondade” não existem, se pode dizer, no plano da percepção: são conceitos abstratos, e o que vemos então no mundo exterior não é o ódio ou a bondade, mas sim gestos de “ódio”/“bondade”.

O temático é conceitual e abstrato. Por exemplo, o amor é um tema representado por diferentes manifestações observáveis, como flores, beijos e assim por diante. Na imprensa, a foto de um político, que remete ao mundo real, é um tipo de figurativo chamado icônico. A caricatura, que retém poucos traços da "realidade" do político, é do domínio do figurativo abstrato. Há uma gradação do figurativo icônico ao abstrato e deste ao temático, sem fronteiras claras.

O autor também afirma que o temático e o figurativo são opostos e complementares, pois o temático geralmente requer o figurativo para ser expresso em um discurso, do mesmo modo que o figurativo frequentemente requer um tema específico para ser compreendido.

Devido a isso, existem várias formas de relação entre as figuras e os temas: uma mesma imagem pode representar mais de um assunto diferente; várias figuras podem representar um mesmo assunto; e uma figura corresponde a um único tema: duas figuras estão conectadas por meio de um terceiro elemento, seja este um outro elemento ou um tema diferente.

Além disso, é importante destacar que tanto a figurativização quanto a tematização, especialmente a mais acentuada delas, só podem ser percebidas e significadas em relação a uma visão de mundo em um determinado contexto sociocultural. Portanto, elas diferem de acordo com que o discurso é produzido. Além disso, é necessário recuperar o contexto sugerido pela isotopia do discurso - um tipo de contexto intradiscursivo que cria uma relação de parentesco semântico entre unidades de sentido que *a priori* não

¹⁷ COURTÉS, J. - Analyse sémiotique du discours: De l'énoncé à l'énonciation. Paris: Hachette, 1991. pp. 163-168.

são relacionadas entre si. (Courtés, 1991, p. 193)¹⁸ É a isotopia que torna possível a leitura uniforme da narrativa, tal como resulta das leituras parciais das declarações e da resolução de suas ambiguidades que é guiada pela busca da leitura única. (Courtés, 1991, pp. 195-196)¹⁹ Portanto, as isotopias temáticas e figurativas de um discurso são estabelecidas pela redundância e reiteração dos temas e figuras. Devido ao fato de que um discurso costuma ser polissêmico e plurisotópico, uma leitura única é necessária.

Assim, as figuras se articulam aos temas durante um discurso (em qualquer uma das relações mencionadas anteriormente), tornando os valores conceituais que elas carregam visíveis. Após a expressão desses valores no nível temático, é necessário atribuí-los uma axiologia, ou seja, rotulá-los positivamente ou negativamente, sobre-determinando-os pela categoria temática euforia *versus* disforia (Courtés, 1991, p. 173)²⁰. Isso porque a marcação positiva ou negativa está diretamente ligada às decisões que uma cultura, geografia e história específica toma em relação a esse valor: se o atrai (euforia) ou o repele (disforia).

O nível semântico axiológico relaciona-se a sistemas de valores (éticos, estéticos, políticos, religiosos, etc.) que produzem euforização ou disforização. Valores éticos euforizam o bem e disforizam o mal; valores religiosos euforizam a santidade e disforizam o pecado; valores estéticos euforizam o belo e disforizam o feio.

Com base nos níveis semânticos especificados, é possível empregar uma técnica de leitura fundamentada no conceito de isotopia. Esse conceito refere-se a um conjunto redundante de categorias semânticas que possibilita uma leitura uniforme do relato. Tal leitura é decorrente das leituras parciais dos enunciados e da resolução de suas ambiguidades, orientada pela busca de uma interpretação. (Greimas, 1975, p. 188)²¹

¹⁸ COURTÉS, J. - Analyse sémiotique du discours: De l'énoncé à l'énonciation. Paris: Hachette, 1991. p. 193.

¹⁹ COURTÉS, J. - Analyse sémiotique du discours: De l'énoncé à l'énonciation. Paris: Hachette, 1991. pp. 195-196.

²⁰ COURTÉS, J. - Analyse sémiotique du discours: De l'énoncé à l'énonciation. Paris: Hachette, 1991. p. 173.

²¹ GREIMAS, A. J. - Sobre o sentido: Ensaios semióticos. Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar; revisão técnica de Milton José Pinto. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 188.

A leitura isotópica, portanto, é uma leitura uniformizadora do texto, baseada em certas hipóteses e apoiada na identificação de elementos repetitivos (categorias repetitivas de significação) que reforçam a confiança nas hipóteses formuladas.

A isotopia permite a transição, em uma análise semiótica, do nível microsemântico (significação em cada enunciado ou frase) ao nível macrossemântico (significação do discurso como um todo). Essa transição depende da identificação das categorias isotópicas (recorrentes, redundantes, repetitivas), por meio de um método em três etapas aplicado ao texto: primeiro, o exame comparativo dos elementos de um texto (frases, enunciados) revela categorias de significação (sêmicas) subjacentes; em seguida, isolam-se as categorias sêmicas recorrentes no texto, denominadas categorias isotópicas; e, finalmente, distribuem-se as categorias isotópicas nos três níveis semânticos do discurso: figurativo, temático e axiológico.

Procuramos demonstrar que o uso transdisciplinar da semiótica pelos historiadores — ou seja, sua utilização a serviço de hipóteses formuladas pelo pesquisador enquanto historiador — pode, em muitos casos, enriquecer o conjunto de procedimentos disponíveis para enfrentar os sempre novos desafios da hermenêutica no tratamento dos textos utilizados como fontes.

2. A Muralha: um breve panorama

A Muralha de Adriano é um dos monumentos arqueológicos mais relevantes da Grã-Bretanha e tem sido tema de estudo acadêmico desde a Idade Média (Birley 1961; Ewin 2000; Hepple 2003; Shannon 2007). Depois de uma busca antiquária e arqueológica de mais de trezentos anos, sabe-se agora com um grau bastante relevante como esta obra prima de fronteira foi construída (Breeze & Dobson, 2000; Symonds & Mason, 2009): foi construída na década de 120 d.C., sob a égide do imperador Adriano (76[117-138]138) (Breeze & Dobson, 2000), sendo esta, de longe, uma das áreas mais conhecidas do Império Romano (Symonds & Mason, 2009).

No entanto, essa certeza em si está restringindo nossa compreensão do monumento, anexando-nos firmemente ao passado recente de Roma de uma maneira que não leva em consideração a biografia cultural deste monumento de maneira mais abrangente (Witcher et al. 2010). Para as práticas de pesquisa e patrimônio, é fundamental

considerarmos os monumentos antigos como elementos que tiveram uma longa existência, em vez de meros sobreviventes intactos de uma era passada. Outros trabalhos recentes focaram-se nas biografias de estruturas monumentais (Bender 1998; Beard 2002) e a natureza mais íntima dos dados disponíveis sobre a vida pós-romana da Muralha a torna especialmente apropriada para esse gênero de perspectiva.

Contudo, os escritores e as fontes documentais tenderam, até recentemente, a ser lidos com o preconceito de retratarem a visão romana da "Muralha romana" (Birley 1961). No entanto, atualmente, os autores e fontes têm sido valorizados pelos insights que oferecem para a história "não romana" da Muralha. (Jolly, 1996; Breeze, 2003). Para ilustrar, Woodside & Crow (1999) registram a extensa renovação do trecho intermediário da Muralha de Adriano nas Terras Altas por John Clayton na segunda metade do século XIX como um fator que contribui para o maior destaque e conhecimento deste trecho da Muralha (Witcher, 2010). Isso ilustra o potencial de aprender sobre a Muralha como uma obra que não é estritamente um monumento romano (Barrett 1994, p. 14). No entanto, apenas relocalizá-la de um contexto romano para um vitoriano realmente não a representava na medida de sua graciosa estrutura ou de sua preservação, da fronteira militar romana ao legado monumental.

A Muralha foi importante, apesar do desaparecimento do Império Romano, e sua impressionante persistência na paisagem continuava a influenciar grandemente a vida dos residentes e dos visitantes. De fato, por pelo menos quatro séculos desde o final do século XVI, a Muralha foi muito inspiradora. Os estudos continuaram a recorrer a evidências literárias e imagéticas para investigar a forma como era percebida (Merriman, 1984; Smiles, 1994, pp. 142-46; Griffiths, 2003; Hingley, 2010). Podemos considerar, portanto, duas coisas: primeiro, que a maior parte do material físico existente da Muralha não é romano, nem vitoriano, e segundo, que pelo menos algumas das partes implicadas na reconstrução da Muralha estavam alegando uma autoridade em última análise baseada no poder de Roma. Muitas das reconstruções da Muralha Romana reimprimiram o material "romano" existente, reconstruindo-o sobre seus fundamentos físicos, mas também metaforicamente sobre o conhecimento antiquário e arqueológico contemporâneo. Mas nem todas as alterações físicas na estrutura da

Muralha eram uma declaração do ideal de Roma. A própria Muralha havia sido destruída e invadida em eras anteriores, como as evidências e pesquisas mostram, não por razões ideológicas, mas para fechar um cinturão de pedra, estradas e estruturas (Whitworth, 2000).

O objetivo, em todo caso, não é senão o de mostrar as virtudes de tal "escavação" criativa da estrutura e sequência da Muralha, por meio da qual se descobre a natureza compósita da Muralha (Foucault, 1989; Barkan, 1999, xxi). Serão apresentados brevemente: a sua construção e as eras medieval, hanoveriana, vitoriana e pós-industrial, e como estas quatro últimas tiveram Roma como um interlocutor explícito.

2.1. A Construção da Fronteira Imperial Romana

Antes de deixar de funcionar como fronteira romana no século V, a Muralha de Adriano, construída no início da década de 120 d.C., foi mantida por quase três séculos. Devido ao seu tamanho e complexidade, está entre as estruturas antigas mais significativas das Ilhas Britânicas e das fronteiras romanas. Hoje, a muralha é apreciada por turistas e impulsiona a economia do norte da Inglaterra, com uma marca registrada que apoia produtos do "País da Muralha de Adriano". Parte do Patrimônio Mundial das Fronteiras do Império Romano, a muralha é uma barreira física que serviu como fronteira norte da Britânia.

Quando não era mais necessária, o ciclo de vida da Muralha de Adriano terminou no contexto romano. Agora, é preservada, supervisionada e explicada ao público. É o monumento romano mais conhecido na Grã-Bretanha, apesar da Muralha de Antonino na Escócia. (Breeze, 2006)²²

Embora frequentemente chamada de Muralha Romana, o fim de sua fase romana marcou apenas o fim de um estágio em sua longa história. (Bender, 1998, p. 9)²³ Tanto para moradores quanto visitantes, seus vestígios criam uma ligação concreta com o passado romano. (Whitworth, 2000)²⁴ Apesar de pedras terem sido roubadas desde pelo

²² BREEZE, D. J. - The Antonine Wall. Edinburgh: John Donald, 2006.

²³ BENDER, B. - Stonehenge: Making space. Oxford: Berg, 1998. p. 9.

²⁴ WHITWORTH, A. M. - Hadrian's Wall: Some aspects of its post-Roman influence on the landscape. Oxford: Archaeopress, 2000. (British Archaeological Reports, British Series 296).

menos o século VII, os restos da Muralha, incluindo torres e castelos de milha (milecastles), sobreviveram, especialmente nas seções montanhosas.²⁵

As características auxiliares da Muralha, como o fosso norte e a terraplenagem conhecida como "*Vallum*", continuam a denotar essa estrutura de fronteira. Restos de cidades e fortes ao sul da Muralha podem ser vistos ao lado dessas características. Apesar da erosão e destruição ao longo dos séculos, o suficiente deste monumento sobreviveu para ser eleito Patrimônio Mundial, em 1987.

Os visitantes e as comunidades residentes ao longo da Muralha de Adriano foram moldados por esses vestígios durante séculos. Conhecida na era medieval, antiquários no final do século XVI ficaram fascinados por seu tamanho e significado. (Shannon, 2007)²⁶ Investigada, mapeada e retratada, a Muralha evoluiu para um complexo monumento, resultado de técnicas de conservação e reconstrução.

A Muralha de Adriano passou por muitas mudanças durante sua ocupação, não sendo uma estrutura única e imutável. Inscrições mostram diferentes partes construídas e reconstruídas pelos romanos. (Hingley & Hartis, 2011, pp. 79–96).²⁷ Comunidades cresceram ao longo da Muralha, ocupando e cultivando as terras na região.

Em 122 d.C., após ordenar a construção das barreiras germânicas, Adriano (76 [117-138] 138) viajou para a Britânia. A Muralha foi construída predominantemente de pedra, com postos de guarda a cada milha romana e duas torres entre eles, ao contrário da fronteira germânica com paliçadas de madeira, servindo como lembrete do limite da expansão romana e proteção para terras imperiais. (Birley, 1997, p. 134)²⁸

Começando perto de *Wallsend* no rio *Tyne*, a construção da Muralha moveu-se do leste para o oeste, foram encontradas inscrições que identificavam o número ou emblema de legiões que completaram seções da Muralha. (Perowne, 1960, p. 88)²⁹

²⁵ Embora tenha sido amplamente depredada e reconstruída desde o século XIX.

²⁶ SHANNON, W. D. - *Murus ille famosus (that famous wall): Depictions and descriptions of Hadrian's Wall before Camden*. Cumberland and Westmorland Antiquarian and Archaeological Society, Transactions Series 22. Kendal: Titus Wilson & Son, 2007.

²⁷ HINGLEY, R.; HARTIS, R. - Contextualizing Hadrian's Wall: The Wall as "debatable lands." In: HEKSTER, O.; KAIZER, T., ed. lit. - *Impact of Empire 13: Frontiers of the Roman World*. Leiden: Brill, 2011. pp. 79–96.

²⁸ BIRLEY, A. R. - *Hadrian: The restless emperor*. Londres: Routledge, 1997. p. 134.

²⁹ PEROWNE, S. - *Hadrian*. Londres: Hodder and Stoughton, 1960. p. 88.

A Muralha de Adriano consiste na própria Muralha de pedra com um fosso ao norte, fortes, castelos de milha e torres para guarnições, o *Vallum* ao sul e estradas para transporte. As dimensões variavam, mas em média tinham 10m de largura e 4,5m de altura, feitas principalmente de pedra com algumas seções de turfa.

P. Mummius Sisenna foi Governador da colônia em 133 d.C. e durante o seu governo (133–139) foram realizadas modificações em algumas partes da Muralha. (Birley, 1981, p. 249)³⁰ Algumas seções foram reforçadas com pedra, talvez para torná-las mais resistentes a ataques. Essas áreas foram reconstruídas e partes que antes estavam em zonas difíceis de controlar foram reforçadas com a adição de mais fortes. (Salway, 1993, p. 131)³¹

Antonino Pio (86-161) foi imperador de 138 a 161, expandindo o domínio romano na Britânia. Ele fortaleceu a fronteira britânica construindo uma nova muralha ao norte da Muralha de Adriano, ao invés de adicionar tropas a ela. A Muralha de Antonino, concluída em 143 d.C., exigia apenas 60% dos soldados da Muralha de Adriano, mas tropas adicionais eram necessárias para policiar o território e apoiar os homens ao norte, aumentando o investimento na região. (Fulford, 2000, pp. 559-576)³² A Muralha de Adriano foi reativada e a defesa da fronteira Antonina praticamente abandonada entre 150 e 170, durante o governo de Júlio Vero, nomeado governador da Britânia na década de 150 d.C. (governou de 154 a 158).

Na terceira fase, a fronteira foi retomada. Isso pode ter começado em 158 d. C., já que uma inscrição da área de Newburn (Wall Mile 8 ou 9) parece mostrar que a cortina de pedra da parede foi fixada nessa época. (Hodgson, 2011, pp. 1-13).³³ No quarto período, a Muralha de Adriano foi reorganizada e cidades cresceram ao redor dos fortes. (Hodgson, 2008, p. 15)³⁴ No final do século II, há evidências de assentamentos fora dos

³⁰ BIRLEY, A. R. - The fasti of Roman Britain. Oxford: Clarendon Press, 1981. p. 249.

³¹ SALWAY, P. - The illustrated history of Roman Britain. Oxford: Oxford University Press, 1993. p. 131.

³² FULFORD, M. - Chapter 18: Britain. In: BOWMAN, A. K.; GARNSEY, P.; RATHBONE, D., ed. lit. - The Cambridge Ancient History: Volume XI: The High Empire A.D. 70-192. 2.ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. pp. 559-576.

³³ HODGSON, N. - The Provenance of RIB 1389 and the Rebuilding of Hadrian's Wall in AD 158. Antiquaries Journal. 91 (2011), pp. 1-13.

³⁴ HODGSON, N. - After the Wall periods. In BIDWELL, P. (Ed.) - Understanding Hadrian's Wall. Kendal : Arbeia Society, 2008. p. 15.

fortes, mas as ruínas mais relevantes são do século III. (Jones, 2011, p. 15)³⁵ Inscrições latinas indicam que unidades militares estavam permanentemente ligadas aos fortes ao longo da Muralha. O *Notitia Dignitatum* (Hodgson, 2008, p. 15)³⁶ lista muitos desses fortes romanos, mostrando como comunidades cresceram em grandes assentamentos ao longo da Muralha.

Depois de meados do século IV, os fortes ao longo da Muralha não eram mais mantidos em sua forma original. (Hodgson, 2008, p. 20)³⁷ Depois de meados do século IV, os fortes ao longo da Muralha não eram mais mantidos em sua forma original. Fortificações foram cercadas por muralhas de terra e constantemente reparadas. Alguns fortes ficaram vazios no final do século IV, mas outros, como Vindolanda, South Shields e Birdoswald, foram ocupados até o século V e após o fim do domínio romano. (Wilmott, 2010, pp. 10–16)³⁸ Em Birdoswald, construções de madeira sobre um celeiro e estradas indicam ocupação até cerca de 520 d.C. (Jones, 2011, p. 167)³⁹ Em South Shields, partes do forte foram usadas até o século V. (Jones, 2011, p. 169)⁴⁰

No início do século VI a Muralha não estava mais sendo usada, mas seus grandes restos acabavam por ser um lembrete imponente do que e de quão importante havia sido. Evidências do Cristianismo foram encontradas nos últimos tempos desses fortes, como em Vindolanda, que foi ocupada até o início do século VIII. (Birley, 2009, p. 169)⁴¹

2.2. A fronteira medieval

³⁵ JONES, R. - Frontiers of Knowledge. In SYMONDS, M. F. A.; MASON, D. J. P., eds. - A Research Framework for Hadrian's Wall, Part of the Frontiers of the Roman Empire World Heritage Site. Durham : Durham County Council, 2011. Vol. B, p. 15.

³⁶ HODGSON, N. - After the Wall periods. In BIDWELL, P. (Ed.) - Understanding Hadrian's Wall. Kendal : Arbeia Society, 2008. p. 15.

³⁷ HODGSON, N. - After the Wall periods. In BIDWELL, P., ed. - Understanding Hadrian's Wall. Kendal : Arbeia Society, 2008. p. 20.

³⁸ WILMOTT, T. - The Late Roman frontier: A structural background. In COLLINS, R.; ALLASON-JONES, L., eds. - Finds from the Frontier: Material Culture in the 4th–5th Centuries. York : Council for British Archaeology, 2010. (Council for British Archaeology Research Report 162). pp. 10–16.

³⁹ JONES, R. - Frontiers of Knowledge. In SYMONDS, M. F. A.; MASON, D. J. P., eds. - A Research Framework for Hadrian's Wall, Part of the Frontiers of the Roman Empire World Heritage Site. Durham : Durham County Council, 2011. Vol. A, p. 167.

⁴⁰ JONES, R. - Frontiers of Knowledge. In SYMONDS, M. F. A.; MASON, D. J. P., eds. - A Research Framework for Hadrian's Wall, Part of the Frontiers of the Roman Empire World Heritage Site. Durham : Durham County Council, 2011. Vol. A, p. 169.

⁴¹ BIRLEY, R. - Vindolanda: A Roman Frontier Fort on Hadrian's Wall. Stroud : Amberley, 2009. p. 169.

A Muralha de Adriano foi renovada em várias ocasiões na antiguidade romana, não menos do que uma restauração substancial patrocinada pelo imperador Septímio Severo (Hodgson, 2008). Seus vestígios monumentais sobreviveram até a Idade Média (Whitworth, 2000, p. 46), e o conhecimento de sua existência e da natureza de sua construção sobreviveu na consciência de clérigos e outros letrados, como é evidenciado por sua representação em mais de um mapa medieval da Grã-Bretanha (Shannon, 2007, pp. 4-5). As igrejas mais antigas medievais em muitos casos levavam a forma e os locais dos materiais de construção romanos, possivelmente refletindo uma conexão simbólica com a chegada do cristianismo na Grã-Bretanha sob o domínio romano (Whitworth, 2000, pp. 10-13; Bell, 2005, pp. 19-20).

A fronteira medieval entre os reinos da Inglaterra e da Escócia foi a designação do território entre os séculos X e XII (Ellis, 1999), e o próprio fato da presença física dos vestígios da Muralha provavelmente teve um efeito no desenvolvimento de sua edificação. Os castelos de Newcastle upon Tyne e Carlisle dos séculos XI e XII se beneficiaram dos vestígios da Muralha Romana, assim como centenas de outras mansões fortificadas e castelos medievais (Whitworth, 2000, pp. 20-21). Nesses casos, a operação foi provavelmente vista como um uso pragmático de uma estrutura degradada, embora deva ter havido momentos em que a operação foi reconhecida por seu significado político (Summerson, 2000, pp. 1).

A arqueologia moderna estabeleceu evidências da reutilização e reparo de partes da Muralha de Adriano durante os distúrbios nas fronteiras medievais (Ellis, 1999; Phillips, 1999). O priorado de Lanercost foi estabelecido no século XII, a pouca distância ao sul da linha da Muralha de Adriano, com pedra trazida das construções romanas, e faz várias menções à muralha em sua correspondência, quase como se estivesse ciente daquela obra romana (Todd, 1997; Summerson, 2000). A escavação de uma seção da Muralha Romana em Hare Hill, perto de Lanercost, mostrou que muito do material da muralha de pedra romana foi removido, provavelmente durante a construção do Priorado (Hodgson & McKelvey, 2006). Um muro de fronteira posterior que estabeleceu a extremidade norte do domínio do Priorado foi construído sobre os remanescentes da Muralha Romana, aparentemente datando de um tempo posterior na Idade Média.

Aqui, a muralha foi reconstruída como melhoria de propriedades e terras pelo Priorado, ou por proprietários que compraram a terra após a Dissolução (Hodgson & McKelvey, 2006, p. 54).

Outro importante local é um pequeno edifício medieval situado 190 jardas a leste da Torre Steel Rigg, em Peel Gap (Simpson, 1976). De acordo com Simpson, o edifício foi descoberto contra a face interna da Muralha e era tal como uma torre romana (Simpson, 1976, p. 109). Esta construção pode ter sido o castelo original (casa fortificada) que deu nome à fazenda atual e à borda rochosa adjacente (Simpson, 1976, p. 109). Embora a construção atual não esteja em um local de comando e defensável (Crow, 2004, p. 119), é muito provável que a localização tenha sido projetada para expressar o caráter de defesa da própria Muralha de Adriano. (Whitworth, 2000, p. 23) sugere que a construção em Peel Crag pode ter sido uma torre de vigia. A fronteira entre a Inglaterra e a Escócia no século XVI era uma terra selvagem e desordeira; assim, as condições ditavam a criação de uma faixa larga de território ao longo da fronteira em ambos os lados, medidas que poderiam ter sido postas em práticas informais. Estes foram uma série de postos de vigilância que foram mantidos entre Thirlwall e Walwick no curso da Muralha Romana, como registrado num documento de 1542 (Hingley, 2008). A "Muralha" é mencionada em dois desses documentos, ou seja, eram conhecidas mesmo nesses tempos.

O nome mais popular para a Muralha de Adriano antes do século XVIII era "A Muralha dos Pictos" (Shannon, 2007, pp. 23–26; Hingley, 2008, pp. 86), referindo-se à sua suposta construção para manter o povo (relativamente) civilizado ao sul do mar de bárbaros ao norte. A concepção é antiga o suficiente, é claro, sendo declarada por Gildas no século VI e Beda no século VIII. A Torre de Peel Gap e a Muralha em Hare Hill podem representar um empenho em recusar o trabalho anterior para torná-lo defensável em termos operacionais, mas são projetos em partes específicas da Muralha, não empreendimentos destinados a recusar o monumento em sua totalidade.

2.3. The Hanoverian Wall

A Muralha como fronteira desgastada pertence ao mundo do século XVIII. Os reinos da Inglaterra e da Escócia foram unidos em 1707 pelo Ato de União (Robertson, 1995, 202), mas as rebeliões de 1715 e 1745-6 mostraram a ameaça jacobita à segurança da Inglaterra augustana (Pittock, 1997, pp. 121-22). A importância da Muralha foi estabelecida nesses pontos de tensão política, quando se acreditava que uma invasão do norte era possível. Os eventos políticos e as mentalidades culturais tornaram a sobrevivência prática das obras romanas na paisagem norte da Inglaterra e nas terras baixas da Escócia - a Muralha Antonina, estradas romanas e 'estações' militares - uma questão proeminente. Criou-se uma paisagem e uma zona fronteira 'neo-romana' sobre mapeamentos e o curso de estradas e estações militares em simulação das estruturas romanas sobreviventes (Hingley, 2008, pp. 133-35).

A necessidade, portanto, de aprimorar a segurança, ditava que as comunicações militares entre Newcastle e Carlisle fossem atualizadas, pois o exército hanoveriano experimentou uma série de problemas em se deslocar nesse terreno durante as campanhas de 1745; isso, por sua vez, provou-se incapaz de impedir o exército jacobita invasor, que foi capaz de atravessar a Muralha e invadir a Inglaterra (Lawson, 1966, 185-88). Nas décadas de 1750, os segmentos remanescentes fisicamente da muralha romana foram usados como base para a nova estrada militar ao longo da maior parte de sua extensão de leste a oeste, de Newcastle a Sewingshields (Whitworth, 2000, p. 50). A construção daquela estrada foi um dos movimentos através dos quais a ordem foi trazida para a região do norte. Os alicerces da Muralha de Adriano foram usados para essa estrada militar devido à sua praticidade de fornecer alicerces duros e secos. William Stukeley também fez esforços para persuadir as autoridades a realocar a estrada para que a arqueologia não fosse destruída; ele achava que o caminho romano ao longo da Muralha Romana ao sul teria sido uma fundação suficiente para sua nova estrada (Stukeley 1754: 141). No entanto, de qualquer forma, pois foi durante o século XVIII, grandes trechos da muralha romana foram derrubados e aterrados (Lawson, 1966, pp. 198-99).

O *Vallum Romanum* de John Warburton (1753) é a evidência de que esse escritor entendia o trabalho novo de uma maneira muito peculiar. Ao louvar a restauração das

boas comunicações entre Newcastle e Carlisle e o renascimento da paz imperial na fronteira, Warburton concebia a nova estrada como uma "reconstrução" da muralha romana (Warburton, 1753, página de título). Warburton baseava-se na imagem da Inglaterra augustana sobrevivendo à esteira do manto do mundo imperial romano clássico (Ayres, 1997, p. 97). Neste aspecto, o significado da Muralha era o de um limite material, ou fronteira, da civilidade das terras baixas nessa paisagem fronteira. Ele sustentava que o exército de Hanover estava impondo uma forma de ordem à paisagem, como vinha sendo apreciada desde os tempos romanos (Hingley, 2008, pp. 133–39). Há, é claro, uma diferença aguda de interpretação entre Stukeley e Warburton: um achou que a nova estrutura era uma profanação, enquanto o outro estava convencido de que era o resgate de princípios e práticas clássicos.

2.4. The Victorian Wall

John Clayton (1792-1890) foi um dos pioneiros dos estudos da Muralha no século XX, tendo sido o secretário da cidade de Newcastle, e uma figura fundamental por trás de grande parte do desenvolvimento da cidade entre 1830-1840. Ele comprou, e com o tempo reconstruiu, uma grande propriedade ao longo do traçado da Muralha, com as ruínas romanas no meio, comprando qualquer pedaço de terra onde uma descoberta fosse feita. Ele estava envolvido em algumas das primeiras escavações na Muralha e, de fato, na reconstrução de muito do mais espetacular trecho central da muralha de pedra romana.

Em 1840, o trecho central da muralha de pedra romana era um emaranhado de pedras (Woodside & Crow, 1999, p. 103). Clayton mandou derrubar e reconstruir o que havia sobrado da muralha, muito possivelmente entre 1848 e 1873. Um segmento do que é agora referido como a "Muralha Clayton" corre ao longo do segmento do meio de onde a maioria dos visitantes passa. A reconstrução romana desta parede de Clayton envolveu a limpeza dos detritos de algumas evidências da alvenaria remanescente e a reconstrução da alvenaria dos materiais removidos, incluindo a substituição das pedras da face e a reconstrução real de grande parte do comprimento, coroando o topo com uma camada de grama (Woodside & Crow, 1999, p. 103). Clayton também deslocou

personas e prédios da linha da Muralha, a fim de que eles pudessem ser mais proeminentes. Woodside e Crow comentam que em Cuddy's Crag, o ponto médio da linha da Muralha, a aparência do campo hoje em dia deve muito provavelmente ser creditada ao trabalho de Clayton e de seus continuadores ao invés dos romanos (Woodside & Crow, 1999).

Desde a tentativa de reconstrução da muralha de Clayton, ela havia sido reparada e reconstruída por outros em um estilo de construção dramaticamente diferente (Woodside & Crow, 1999, p. 104). Quando a propriedade de Chesters foi dividida, esta parte da Muralha foi aceita pelo National Trust como propriedade, mas a parte em questão que contém o forte de Housesteads foi aceita pelo Ministério de Obras Públicas; as outras foram descobertas e restauradas até a década de 1970 pelo Ministério e pelo Departamento de Meio Ambiente (Woodside & Crow, 1999, p. 95). O desenvolvimento do sério conhecimento arqueológico da estrutura e do plano da Muralha, ao mesmo tempo, resultou na completa reinterpretação do significado e do caráter do monumento. Clayton em si fez muitas escavações em suas próprias terras ao longo da Muralha, entre elas no forte de Cilurnum, que estava a uma curta distância de sua casa de campo em Chesters (Northumberland), e onde ele mesmo realizou as escavações que deram origem à maior parte do forte (Ewin, 2000, p. 25).

O outro grande estudioso da Muralha durante a época vitoriana foi o contemporâneo colaborador e amigo próximo de Clayton, John Collingwood Bruce (Breeze, 2006; Nesbitt & Tolia-Kelly, 2009). Bruce foi um personagem muito mais público na formação da interpretação popular da Muralha, combinando com a colocação de sua importância em toda uma geração de volumes e panfletos, os quais ele produziu entre as décadas de 1860 e 1890. Mantinha registros de visitantes em sua grande propriedade, o que tornava possível que a reconstrução dos restos romanos fosse usada como uma ferramenta para compartilhar esses remanescentes com seus contemporâneos que estudaram os restos romanos com a ajuda de seu uso. No entanto, foi Bruce quem tornou a Muralha uma peça para o público em geral.

2.5. A Muralha de Adriano – uma nova paisagem

Desde os últimos séculos medievais, as paisagens em ambas as extremidades da Muralha de Adriano mudaram consideravelmente com o desenvolvimento de Newcastle e Carlisle. O subsequente processo de industrialização do vale do Tyne no século XIX soterrou os poucos vestígios acima do solo da Muralha a leste; no entanto, o crescente interesse ao longo dos séculos romanos levou a que as ruínas soterradas fossem reveladas e pesquisadas. Grandes escavações em Wallsend e South Shields começaram no final da era vitoriana, com estruturas e artefatos agora expostos ao público (Ewin, 2000). Nessas terras pós-industriais ao redor da virada do século XX-XXI, as estruturas eram novamente vitais, neste caso em termos de regeneração econômica e identidade de comunidades (Barlow, 2007). Este foi o primeiro passo em grandes escavações e na restauração de locais para a fruição do público em Wallsend e South Shields, introduzindo, na consciência da paisagem moderna, um senso do legado romano como paisagem.

Ambas as localidades viram a reconstrução de edifícios romanos genuínos. A reconstrução do Portão Oeste em South Shields (Arbeia), em especial, faz uma contribuição instrutiva para as questões de autenticidade arqueológica (Lengkeek 2008). Na década de 1980, houve uma proposta para reerguer este portão acima dos restos da fundação. Isso causou polêmica, uma vez que houve alegações de que tal reerguimento teria um impacto negativo em futuras escavações e também não seria muito representativo do que realmente existia (Bidwell et al., 1988). O Conselho dos Edifícios Históricos e Monumentos, o serviço estatal de antiguidades (agora English Heritage), opôs-se firmemente com a afirmação de que isso representaria um grande salto em direção a abordagens modernas de curadoria para monumentos antigos e que os vestígios deviam ser preservados como estavam (Ewin, 2000, p. 31). Uma investigação pública local ocorreu entre 27 e 30 de novembro de 1984, após a qual se fizeram garantias de que a estrutura arqueológica subjacente seria reparada em concreto. A continuação do trabalho foi condicionada à prestação das medidas àqueles o maior número possível de especialistas em arquitetura militar romana (Bidwell et al., 1988).

Assim, uma conferência acadêmica foi realizada para considerar como criar o portão mais autêntico para o local (Bidwell et al., 1988). As escavações forneceram o plano; os elementos elevados da reconstrução foram inspirados pelos portões sobreviventes de dois fortes na fronteira africana e por representações de portões militares em esculturas romanas (Bidwell et al., 1988, p. 156). A reconstrução resultante é, portanto, uma mistura de conhecimento específico do local e análise comparativa de estruturas fronteiriças de outras partes do império. Enquanto a muralha vitoriana de Clayton reciclava materiais de construção romanos, o portão de South Shields foi feito inteiramente de concreto moderno, com arenito local recém-extraído usado para revestir as paredes (Bidwell et al., 1988, p. 224). A fachada externa foi projetada para parecer autêntica; no entanto, a estrutura subjacente utilizou técnicas e materiais modernos.

O portão foi inaugurado em 1988 com considerável cerimônia. Desde então, vários outros edifícios foram reconstruídos em Tyneside: em South Shields, isso inclui a casa do comandante e um bloco de quartéis, novamente sobre as fundações originais; em Wallsend, foi construído um grande balneário (com base nas evidências arqueológicas do forte romano de Chesters) logo fora da área protegida por legislação nacional e internacional. Além disso, uma extensão da muralha de pedra da Muralha de Adriano também foi reconstruída nas proximidades. Isso ocorre porque essas reconstruções urbanas têm um impacto muito menor sobre o monumento do que seria o caso nas áreas rurais.

Essas reconstruções reconstituem literalmente elementos do antigo monumento romano na paisagem urbana contemporânea. Muitas vezes reconstruindo estruturas romanas desde as fundações, elas fornecem às pessoas locais e aos visitantes a base para encontros tangíveis com a cultura romana (Witcher, 2010).

2.6. A mesma Muralha?

Em um estudo recente, Peter Hill afirmou que grande parte da Muralha então visível não era a Muralha de Adriano, mas a Muralha de Clayton ou a Muralha do DoE [Department of the Environment] (HILL, 2004, p. 4). Por mais cuidadosamente que uma

muralha ou estrutura seja restaurada, algo se perde e, em certa medida, ela se torna arqueologicamente "morta". O objetivo de Hill era reconstruir as maneiras pelas quais a Muralha Romana foi construída e, sob essa perspectiva, a história do monumento após sua construção inicial é problemática.

Por outro lado, vemos virtudes no estudo dessa história posterior. É evidente que não existe uma Muralha verdadeiramente autêntica hoje: desde o início do século V, a Muralha de Adriano deixou de ser inteiramente obra do exército romano e se tornou um monumento composto. Como uma construção de múltiplos períodos, ela incorpora sequência e tempo em sua complexidade, exigindo sua desconstrução metódica. Comparamos esses momentos cronologicamente distintos, explorando a ideia de que diferentes engajamentos com a materialidade da Muralha operaram de maneiras bastante diferentes. Esses estudos refletem as maneiras mutáveis pelas quais a Muralha foi vista: como um lugar de defesa, como um lugar de romance e como patrimônio.

As pessoas medievais aproveitaram o valor prático da Muralha como uma estrutura defensiva. A reinterpretação das evidências medievais por Shannon (2007) indica que a Muralha manteve uma posição significativa na mente dos clérigos e possivelmente da nobreza local, indicando que alguns dos responsáveis pelas atividades medievais ao longo da linha da Muralha deliberadamente aproveitaram o simbolismo e a materialidade dos restos romanos. No século XVIII, a adoção do muro como uma estrada militar foi vista por Warburton como uma ação que se baseava diretamente nos métodos militares pelos quais os romanos haviam criado a ordem colonial nesta área da Grã-Bretanha. No entanto, Stukeley percebeu a construção da nova estrada como uma depredação de um grandioso monumento imperial, sugerindo que sua compreensão do monumento priorizava a estrutura existente, por mais dilapidada que estivesse, em vez de sua regeneração em um estado transformado.

Quando Clayton reconstruiu o muro sobrevivente da Muralha no século XIX, ele utilizou as pedras romanas originais que haviam desmoronado para os lados para criar uma estrutura impressionante e romantizada. No entanto, durante a década de 1950, o Ministério das Obras Públicas preferiu preservar apenas o tecido romano encontrado in situ, sem novas reconstruções. Um portão foi reconstruído em South Shields, mas não

utilizou pedras provenientes das estruturas romanas, cujos restos foram cuidadosamente selados sob uma laje de concreto.

É claro, a partir desses estudos de caso, que o conceito da Muralha é maleável e pode ser retrabalhado em diferentes épocas e de maneiras radicalmente diferentes. Essa observação tem importância para a gestão e apresentação da Muralha ao público hoje. Por exemplo, a estrada militar hanoveriana foi construída sobre as fundações romanas para controlar e excluir, enquanto o Portão Oeste em South Shields faz parte de uma agenda patrimonial mais ampla de desenvolvimento econômico, inclusão e educação. Estamos agora vendo a resposta do estado à mudança no patrimônio, passando da preservação de ruínas com argamassa de cal para o uso de monumentos como cenários para entretenimento público e reencenações.

Nesses exemplos, a "romanidade" da Muralha sempre permanece primordial. Mas, como argumentamos aqui, a Muralha de Adriano é muito mais do que uma Muralha Romana; ela tem uma rica vida pós-romana. Aqui, como em outros lugares, a apresentação de monumentos ao público deve referir-se às suas longas e variadas biografias, não apenas ao propósito e concepção de seus construtores originais.

3. Política de património

3.1. Nacional ('Heritage')

Após a saída dos romanos, as pedras da Muralha foram reutilizadas na construção de castelos, igrejas, casas e outras construções, servindo a um propósito prático significativo. Registros da era normanda indicam que a Muralha funcionou como demarcação entre propriedades, terras agrícolas e divisões administrativas locais, além de inspirar a nomenclatura de locais como Walton, Walwick, Thirlwall e Walby.

Referências à Muralha datam do século VIII, mas o primeiro relato abrangente foi publicado em 1599 pelo antiquário William Camden, que detalhou e explicou o Muro e suas estruturas.

Durante os séculos XVIII e XIX, a Muralha continuou a ser uma fonte significativa de material de construção. Na década de 1750, a Military Road, que se estende por aproximadamente 48 quilômetros (30 milhas), foi construída para conectar Newcastle e

Carlisle.⁴² A estrada foi construída no topo do Muro para mitigar os danos aos campos dos proprietários de terras próximos e para economizar, utilizando os restos do Muro como base de estrada e como recurso de pedra. (Ewin, 2000, p. 41)

A degradação gradual da Muralha levou a esforços maiores para sua preservação. No século XVIII, estudos sobre a antiguidade foram conduzidos, incluindo a publicação de William Hutton em 1801. Hutton evitou a pilhagem de um pedaço do Muro em Planetrees, um triunfo inicial na conservação.⁴³

John Clayton teve um papel significativo na preservação da Muralha. Em 1832, tornou-se dono de uma propriedade com o Forte Romano de Chester. No século XIX, áreas do Muro eram mantidas por indivíduos privilegiados. (Ewin, 2000, p. vii) Clayton financiou a escavação, preservação e restauração da Muralha por quase sessenta anos, adquirindo artefatos romanos e conduzindo trabalhos arqueológicos em cinco sítios na área de Chesters, além de supervisionar escavações nos fortes de Housesteads, Carrawburgh e Carvoran.

No século XIX, surgiram “sociedades científicas” dedicadas ao estudo das antiguidades, coincidindo com um fascínio pela cultura romana e a crença de que o Império Romano modelou os territórios imperiais da Inglaterra. Essas sociedades aumentaram o interesse pelo Muro, mas restrito aos privilegiados. O movimento romântico também encorajou a valorização das ruínas e dos ambientes naturais. (Ewin, 2000, p. 2) Em 1849, John Collingwood Bruce liderou a primeira peregrinação ao longo da Muralha de Adriano. Dois anos depois, Bruce lançou *The Roman Wall*, resumindo as descobertas arqueológicas de Clayton e promovendo a hipótese de John Hodgson sobre a construção da Muralha por Adriano. Em 1863, Bruce publicou *Handbook of the Roman Wall*, um guia histórico significativo até hoje.

No final do século XIX, houve a aquisição pública de uma seção da Muralha e a criação do primeiro museu para seus artefatos romanos. Em 1875, o South Shields Urban District Council inaugurou o Roman Remains Park, marcando a primeira exposição

⁴² Atualmente a Military Road é conhecida como B6318.

⁴³ ENGLISH HERITAGE. - Hadrian's Wall World Heritage Site Management Plan, 2002–2007. 2001. p. 14. Disponível em [WWW:URL:https://nationaltrusts.s3.eu-west-2.amazonaws.com/uploads/2_management_plan_2002_to_2007.pdf](https://nationaltrusts.s3.eu-west-2.amazonaws.com/uploads/2_management_plan_2002_to_2007.pdf). [Consult. 27 dez. 2023].

pública de uma seção da Muralha. Em 1896, o museu do Forte Romano de Chesters foi construído para a coleção de John Clayton.

No século XX, o governo tomou medidas para proteger a Muralha. Em 1932, atividades de escavação em curso ameaçavam a integridade do Muro, levando à criação do *Hadrian's Wall and Vallum Preservation Scheme* para proteger a seção central e suas zonas tampão. O *National Trust* adquiriu a região central da Muralha em Housesteads, tornando o Museu Housesteads acessível ao público em 1935-36.⁴⁴

O turismo em massa pós-Segunda Guerra aumentou os visitantes da Muralha, atingindo o pico em 1973. Desde o início, as experiências turísticas oferecidas têm sido diversificadas e continuam assim.

O *Vindolanda Trust*, fundado em 1970 no forte de Vindolanda, é uma organização sem fins lucrativos focada em escavar, conservar e exibir artefatos romanos locais. No século XX, Birdoswald foi adquirido pelo Conselho do Condado de Cumbria, Rudchester pelo condado de Northumberland, Wallsend por North Tyneside e South Shields por South Tynesid.

O *English Heritage* (EH), estabelecido pelo National Heritage Act de 1983, desempenhou um papel ativo na preservação, administração e exibição da Muralha. Em 1984, a agência criou o Museu Corbridge e iniciou o Wall Recording Project, documentando os vestígios visíveis da Muralha e recebendo o título de Longest drawing project pelo Guinness World Records.⁴⁵ A EH continua a manter várias secções da Muralha atualmente.

Em 1987, a UNESCO reconheceu a Muralha de Adriano como Patrimônio Mundial, destacando sua rica história e os esforços para preservá-la.

⁴⁴ ENGLISH HERITAGE. - Sources - Housesteads Roman Fort: History. Disponível em WWW: [URL:https://www.english-heritage.org.uk/visit/places/housesteads-roman-fort-hadrians-wall/history/sources/](https://www.english-heritage.org.uk/visit/places/housesteads-roman-fort-hadrians-wall/history/sources/). [Consult. 21 jul. 2024].

⁴⁵ O WALL RECORDING PROJECT permitiu, pela primeira vez, um registro detalhado de todos os vestígios visíveis da Muralha, incluindo fortes, castelos e torres de milhas, com os desenhos concluídos sendo usados como parte da gestão e conservação da Muralha. Disponível em WWW: [URL:https://www.guinnessworldrecords.com/world-records/70211-longest-drawing-project](https://www.guinnessworldrecords.com/world-records/70211-longest-drawing-project). [Consult. 21 jul. 2024].

3.2. Contexto da gestão

A preservação do patrimônio no Reino Unido começou com esforços para proteger sítios arqueológicos importantes. Em 1882, a Lei de Proteção aos Monumentos Antigos formalizou o movimento de preservação. Com o tempo, cresceu o interesse por edifícios históricos, paisagens, parques e campos de batalha, levando a atividades de documentação, restauração e salvaguarda para as gerações futuras. A Lei de Monumentos Antigos e Áreas Arqueológicas de 1979 é a legislação primária atual. Medidas de proteção, integradas nos procedimentos de planejamento nacional e distrital, recebem apoio de entidades governamentais e não governamentais.

Os monumentos e estruturas da Muralha de Adriano possuem um estatuto nacional distinto e são reconhecidos como Patrimônio Mundial. Esta designação se baseia no seu significado conceitual, não na localização geográfica. Aplicam-se todas as salvaguardas governamentais e internacionais, incluindo a Convenção do Patrimônio Mundial e suas diretrizes. A seguir, uma visão geral das classificações de patrimônio, agências e autoridades que fundamentam a gestão do patrimônio britânico.

A designação estatutária é uma ferramenta fundamental na Inglaterra para proteger o patrimônio. As tipologias de locais patrimoniais sob proteção legal distinta são: *conservation areas*, *listed buildings* e *scheduled ancient monuments*.

Os campos de batalha, Sítios do Patrimônio Mundial e parques e jardins registrados são protegidos por processos de planejamento integrados, do nível local ao distrital.

3.2.1. Áreas de Conservação (conservation areas)

Uma região de especial interesse arquitetônico ou histórico é chamada de área de conservação. Autoridades locais podem designar essas áreas e incluir diretrizes de proteção nos planos de desenvolvimento. Elas decidem se novos empreendimentos afetarão o caráter e a aparência da área. Para proteger a área da Muralha de Adriano, nenhuma área de conservação foi estabelecida nas proximidades.

3.2.2. Monumentos Antigos Programados (scheduled ancient monuments)

Um monumento antigo classificado é aquele que satisfaz requisitos específicos, conforme descrito pela *Ancient Monuments and Archaeological Areas Act* (1979), de:

idade; raridade; documentação; valor de grupo; sobrevivência; fragilidade ou vulnerabilidade; diversidade; e potencial.

Quando um monumento satisfaz o requisito de importância nacional, o secretário de Estado, em consulta com o *English Heritage*, o aprova.

Os *scheduled ancient monuments* têm a proteção legal mais restrita entre as três categorias de patrimônio. As políticas de urbanismo e ordenamento do território não estão incluídas na gestão desses monumentos, sendo tratadas a nível nacional. O secretário de Estado deve conceder consentimento para todos os trabalhos, incluindo manutenção.

Autoridades podem receber consentimento para realizar certos trabalhos em monumentos sob sua guarda sem procedimentos específicos. O *Planning Policy Guidance* (PPG 16) forneceu consultoria de planejamento para esses trabalhos, incluindo os propostos em acordos de gestão.⁴⁶ A Muralha de Adriano recebeu primeiro a designação de *scheduled ancient monument* e, mais tarde, as designações de *listed building* e de *World Heritage Site*.

3.2.3. Listed buildings

As construções podem obter proteção nacional por meio de tombamento. O secretário de Estado mantém uma lista de construções de interesse arquitetônico, histórico, associação histórica ou valor de grupo, com aconselhamento do *English Heritage* (EH). Definições, critérios de seleção e considerações estão no *PPG 15: Planning and the Historic Environment*, que também oferece recomendações para lidar com edifícios tombados.⁴⁷

Para construções classificadas, é necessária autorização antes de iniciar qualquer trabalho. A maioria das decisões sobre esses pedidos de consentimento foi delegada às

⁴⁶ PLANNING POLICY GUIDANCE 16: Archaeology and Planning. Disponível em WWW:<https://webarchive.nationalarchives.gov.uk/ukgwa/20120919132719/www.communities.gov.uk/documents/planningandbuilding/pdf/1514132.pdf>. [Consult. 21 jul. 2024].

⁴⁷ PPG 15: Planning and the Historic Environment, section. Department of the Environment and Department of National Heritage, 1994. Her Majesty's Stationery Office. Disponível em WWW:<https://webarchive.nationalarchives.gov.uk/ukgwa/20120919122719/http://www.communities.gov.uk/documents/planningandbuilding/pdf/142838.pdf>. [Consult. 10 jan. 2024]. Foi substituído pelo Planning Policy Statement 5: Planning for the Historic Environment em 23 de Março de 2010.

autoridades locais pelo secretário de Estado. O EH ou outros órgãos nacionais devem revisar os pedidos de demolição.

3.2.4. Lista do património mundial

Desde a assinatura da Convenção do Patrimônio Mundial em 1984, o Reino Unido adicionou vinte e quatro novos Sítios à lista do Patrimônio Mundial. As diretrizes da Convenção aconselham o desenvolvimento de planos de gerenciamento para cada sítio e encorajam os Estados Membros a prepararem planos para a gestão e salvaguarda de cada propriedade natural e cultural indicada. Todas as informações sobre esses planos devem estar disponíveis quando solicitada cooperação técnica.⁴⁸

Apesar de não haver uma lei ou norma específica que abranja os Sítios do Patrimônio Mundial ou as candidaturas, algumas orientações oficiais fazem menção específica às normas administrativas que dão cumprimento à Convenção.

O PPG15 exige que governos locais criem políticas para garantir a proteção de longo prazo desses locais e que propostas de desenvolvimento sejam consideradas pelos seus efeitos estéticos e ambientais.

A política nacional coopera com os regulamentos para que o status de Patrimônio Mundial do Reino Unido encoraje um planejamento integrado de conservação. A Muralha de Adriano teve o primeiro plano de gestão de um Patrimônio Mundial no país (1996) e o primeiro atualizado (2002).

3.3. Agências, Estatutos e Políticas do património nacional britânico

Atualmente, vários departamentos e organizações gerem o patrimônio nacional. O *Department for Culture, Media, and Sport* (DCMS), através da *Architecture and Historic Environment Division*, é responsável pela manutenção do patrimônio edificado. O Secretário de Estado da Cultura, Comunicação Social e Desporto, por recomendação do EH, arrola edifícios de interesse arquitetónico ou histórico e decide sobre pedidos de

⁴⁸ UNESCO. - Convention Concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage: Operational Guidelines, part I.21. Disponível em WWW: [URL:https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000116351.locale=en](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000116351.locale=en). [Consult. 10 jan. 2024].

ordenamento de monumentos. O secretário colabora com a UNESCO em questões de Patrimônios Mundiais Britânicos.

O Gabinete do Vice-Primeiro-Ministro supervisiona o planejamento do uso da terra, que inclui legislação nacional e diretivas de políticas. A gestão do patrimônio é uma grande responsabilidade do *Department for Environment, Food and Rural Affairs* (DEFRA), que trata das questões rurais. A *Countryside Agency*, parte do DEFRA, é encarregada das questões rurais.

O conselheiro oficial do governo para preservação histórica da Inglaterra é o *English Heritage* (EH), um órgão público executivo não departamental patrocinado pelo DCMS, responsável pela gestão de mais de 400 imóveis. O EH é financiado pelo governo e por receitas autogeradas. A União Europeia e o *Heritage Lottery Fund* são outros importantes financiadores do patrimônio no Reino Unido.

Para proteger patrimônios ameaçados, o *National Trust* foi fundado como instituição de caridade privada em 1985.⁴⁹ Protege mais de 250.000 hectares de terra, 780 milhas de litoral, mais de 500 estruturas e jardins e cerca de um milhão de obras de arte na Inglaterra, País de Gales e Irlanda do Norte. Perto da Muralha de Adriano, o *National Trust* é de grande relevância.

A gestão e proteção da Muralha de Adriano são influenciadas por várias leis, regras e diretrizes. Atos do Parlamento, regulamentos e documentos de políticas contêm disposições sobre a preservação do patrimônio pelo governo nacional.

A *Ancient Monuments Protection Act* de 1882⁵⁰ iniciou a proteção legal do patrimônio na Grã-Bretanha. Desde então, novos estatutos e políticas nacionais ampliaram significativamente o controle governamental sobre o patrimônio cultural. Iniciativas de conservação foram incorporadas ao planejamento desde o final da década de 1960. Os

⁴⁹ NATIONAL TRUST. - About the National Trust Today [Em linha]. [S.l.]: National Trust, [s.d.]. Disponível em WWW:URL:<https://www.nationaltrust.org.uk/who-we-are/about-us/about-the-national-trust-today>. [Consult. 21 jul. 2024].

⁵⁰ ANCIENT MONUMENTS PROTECTION ACT 1882. - Ancient Monuments Protection Act 1882 [Em linha]. [S.l.]: [s.n.], 1882. Disponível em WWW:URL:https://www.legislation.gov.uk/ukpga/1882/73/pdfs/ukpga_18820073_en.pdf. [Consult. 21 jul. 2024].

principais estatutos abaixo referem-se à designação, proteção aprimorada e novas técnicas de planejamento e gerenciamento.

3.3.1. Historic Buildings and Monuments Act (1953)⁵¹

O *Historic Buildings and Ancient Monuments Act* de 1953 foi uma lei do Parlamento do Reino Unido relacionada a edifícios históricos e monumentos antigos na Inglaterra, País de Gales e Escócia. Especificamente, ela previa a preservação e aquisição de edifícios de notável interesse histórico ou arquitetônico, juntamente com seus conteúdos e propriedades relacionadas. Conferia ao ministro o poder de nomear Conselhos de Edifícios Históricos (*Historic Buildings Councils*) para Inglaterra, País de Gales e Escócia, para aconselhá-lo sobre a preservação de edifícios históricos. A lei visava salvar o patrimônio cultural do Reino Unido, permitindo ao governo adquirir e manter estruturas históricas significativas e sítios arqueológicos.

3.3.2. Civic Amenities Act (1967)

A tendência de incorporar a preservação do patrimônio nos processos de planejamento do condado e do distrito foi iniciada por este ato. Além disso, reconheceu a importância de conservar áreas em oposição a edifícios específicos e legalizou o valor de grupo dos edifícios. É responsabilidade das autoridades de planejamento local designar como áreas de conservação quaisquer locais sob seu controle que tenham interesse arquitetônico ou histórico especial e cujas características ou aparência devam ser preservadas ou melhoradas.⁵²

3.3.3. Town and Country Amenities Act (1974)

Definiu, entre outras questões, que uma autoridade de planejamento local deverá revisar o desempenho anterior de suas funções sob esta seção e determinar se

⁵¹ HISTORIC BUILDINGS AND ANCIENT MONUMENTS ACT 1953. - Historic Buildings and Ancient Monuments Act 1953 [Em linha]. [S.l.]: [s.n.], 1953. Disponível em WWW:[URL:https://www.legislation.gov.uk/ukpga/1953/49/pdfs/ukpga_19530049_en.pdf](https://www.legislation.gov.uk/ukpga/1953/49/pdfs/ukpga_19530049_en.pdf). [Consult. 21 jul. 2024].

⁵² ANCIENT MONUMENTS ACT 1967. - Ancient Monuments Act 1967 [Em linha]. [S.l.]: [s.n.], 1967. Disponível em WWW:[URL:https://www.legislation.gov.uk/ukpga/1967/69](https://www.legislation.gov.uk/ukpga/1967/69). [Consult. 21 jul. 2024].

quaisquer partes de sua área devem ser designadas como áreas de conservação; e, se decidirem fazê-lo, devem designar essas partes de acordo com sua determinação.⁵³

3.3.4. Ancient Monuments and Archaeological Areas Act (1979)

Com a adição da categoria de área arqueológica, este ato melhorou a definição de designações de status protegido, que poderiam ser feitas pelo secretário de estado ou pelas autoridades locais de planejamento com a aprovação do secretário. O padrão de importância nacional ainda estava em vigor. Ao tornar certas ofensas contra monumentos listados puníveis por lei, fortaleceu os mecanismos de proteção.⁵⁴

3.3.5. National Heritage Act (1983)

Este ato criou o *English Heritage*,⁵⁵ conhecido oficialmente como *Historic Buildings and Monuments Commission for England*, como uma organização pública encarregada de todas as facetas da proteção e promoção do ambiente histórico, tendo assumido as funções anteriormente exercidas pelos *Department of the Environment*, *Ancient Monuments Board for England* e *Historic Buildings Council for England*.⁵⁶

3.4. UNESCO: Patrimônio Mundial

A *Hague Convention on the Laws and Customs of War on Land* (1907) foi a primeira referência na legislação internacional à proteção do patrimônio cultural. A orientação internacional começou com a *Athens Charter*, de 1931.⁵⁷ Após a destruição do patrimônio cultural durante a Segunda Guerra Mundial, a UNESCO (1945) iniciou Convenções e Recomendações para proteger o patrimônio cultural.⁵⁸ Essas medidas

⁵³ ANCIENT MONUMENTS AND ARCHAEOLOGICAL AREAS ACT 1974. - Ancient Monuments and Archaeological Areas Act 1974 [Em linha]. [S.l.]: [s.n.], 1974. Disponível em WWW:URL:https://www.legislation.gov.uk/ukpga/1974/32/pdfs/ukpga_19740032_en.pdf. [Consult. 21 jul. 2024].

⁵⁴ ANCIENT MONUMENTS AND ARCHAEOLOGICAL AREAS ACT 1979. Disponível em WWW:URL:<https://www.legislation.gov.uk/ukpga/1979/46/enacted>. [Consult. 21 jul. 2024].

⁵⁵ NATIONAL HERITAGE ACT 1983. Disponível em WWW:URL:https://www.legislation.gov.uk/ukpga/1983/47/pdfs/ukpga_19830047_en.pdf. [Consult. 21 jul. 2024].

⁵⁶ Em abril de 2015, o English Heritage foi dividido em dois: o *Historic England* e o *English Heritage*.

⁵⁷ YOUNG, C. - Conventions and Charters: A shifting focus. *Association for Studies in the Conservation of Historic Buildings Transactions*. 32 (2011), pp. 58–68.

⁵⁸ YOUNG, C. - Conventions and Charters: A shifting focus. *Association for Studies in the Conservation of Historic Buildings Transactions*. 32 (2011), pp. 58–68.

visavam minimizar as consequências do conflito, protegendo bens culturais em tempos de guerra e prevenindo o tráfico ilícito de obras de arte e antiguidades.

Nesta época, havia grande interesse internacional na conservação e padronizações, demonstrado pela Venice Charter de 1964 e a criação do *International Council on Monuments and Sites* (ICOMOS) em 1965. O *International Centre for the Study and Restoration of Cultural Property* (ICCROM) foi criado pela UNESCO em 1959 para promover a conservação de bens culturais.

A UNESCO promoveu projetos cooperativos para preservar o patrimônio cultural de importância internacional. O mais significativo foi o salvamento dos templos de Abu Simbel durante a construção da represa de Aswan, no Egito, aumentando a consciência das responsabilidades internacionais para a proteção do patrimônio cultural.

Na Conferência da Casa Branca em 1965, foram propostas a criação de um *World Heritage Trust* para proteger áreas naturais e sítios históricos.⁵⁹ Propostas similares surgiram na *International Union for the Conservation of Nature* (IUCN) em 1968, antes da *Stockholm United Nations Conference on the Human Environment*, em 1972.⁶⁰ Isso resultou na adoção pela UNESCO, em 16 de novembro de 1972, da *Convention on the Protection of the World Cultural and Natural Heritage*, conhecida como *World Heritage Convention*.⁶¹

Em 1975, a *World Heritage Convention* foi implementada após a ratificação por vinte Estados Membros iniciais. A Lista do Patrimônio Mundial em Perigo foi criada para destacar locais que necessitam de atenção e assistência imediata. O Fundo do Patrimônio Mundial, financiado por contribuições obrigatórias e voluntárias, foi instituído para apoiar na identificação, preservação e promoção dos locais de Patrimônio Mundial. O Comitê do Patrimônio Mundial definiu critérios de seleção para

⁵⁹ UNESCO. - Convention Concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage [Em linha]. [S.l.]: UNESCO, 1972. Disponível em WWW:[URL:https://whc.unesco.org/en/convention/](https://whc.unesco.org/en/convention/). [Consult. 21 jul. 2024].

⁶⁰ UNESCO. - Convention Concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage [Em linha]. [S.l.]: UNESCO, 1972. Disponível em WWW:[URL:https://www.unesco.org/en/legal-affairs/convention-concerning-protection-world-cultural-and-natural-heritage](https://www.unesco.org/en/legal-affairs/convention-concerning-protection-world-cultural-and-natural-heritage). [Consult. 21 jul. 2024].

⁶¹ BATISSE, M.; BOLLA, G. - L'invention du 'patrimoine mondial'. Les Cahiers d'Histoire [Em linha]. Vol. 2. Paris: Club Histoire Association d'anciens fonctionnaires de l'UNESCO, 2003, atual./rev. 2005. p. 23-24. Disponível em WWW:[URL:https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000186697](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000186697). [Consult. 21 jul. 2024].

a Lista do Patrimônio Mundial e formulou Diretrizes Operacionais para a execução da Convenção, incluindo princípios de monitoramento e divulgação dos sítios listados.

3.4.1. World Heritage Convention (Convenção do Patrimônio Mundial)

A Convenção do Patrimônio Mundial abrange patrimônios culturais e naturais. Os Estados Membros comprometem-se a cumprir seus preceitos, mas cada Estado define a metodologia para implementá-los.⁶²

Os Estados Membros são incentivados a integrar a proteção do patrimônio cultural e natural em seus programas de planejamento regional. Devem estabelecer equipes qualificadas, promover pesquisas de conservação e adotar estratégias que confirmem a esse patrimônio um papel ativo na vida comunitária.

A Convenção exige que os Estados Membros relatem periodicamente ao Comitê do Patrimônio Mundial sobre a conservação dos sítios classificados. Também incentiva o reconhecimento público desses bens e a proteção por meio de programas educacionais e informativos.

A Convenção destaca a *World Heritage List* (WHL) de locais de *Outstanding Universal Value* (OUV).⁶³ Segundo a Convenção, *Outstanding Universal Value* significa importância cultural e/ou natural tão excepcional que transcende fronteiras nacionais e é de importância comum para as gerações presentes e futuras da humanidade. A proteção permanente desse patrimônio é de suma importância para a comunidade internacional. O Comitê define os critérios para a inscrição de propriedades na *World Heritage List*.⁶⁴ A Convenção do Patrimônio Mundial destaca o dever coletivo de preservar esses locais para futuras gerações. Ela atribui a cada Estado a responsabilidade de identificar,

⁶² Os Estados Membros são países que aderiram a *Convenção do Patrimônio Mundial*. Acordam assim em identificar e nomear bens existentes no seu território nacional para serem considerados para inscrição na Lista do Patrimônio Mundial. Quando um Estado Parte nomeia uma propriedade, fornece detalhes sobre como a propriedade é protegida e fornece um plano de gestão para a sua manutenção. Espera-se também que os Estados Membros protejam os valores do Patrimônio Mundial dos bens inscritos e sejam incentivados a apresentar relatórios periódicos sobre o seu estado.

⁶³ WORLD HERITAGE LIST. - World Heritage List [Em linha]. [S.l.]: UNESCO, [s.d.]. Disponível em WWW:URL:<https://whc.unesco.org/en/list/>. [Consult. 30 jan. 2024].

⁶⁴ UNESCO. - Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention (WHC.19/01 - 10 July 2019) [Em linha]. [S.l.]: UNESCO, 2019. Disponível em WWW:URL:<https://whc.unesco.org/document/178167>. [Consult. 30 jan. 2024].

proteger, conservar, expor e transmitir seu patrimônio, reconhecendo a tensão entre obrigações nacionais e internacionais.⁶⁵ Sítios sob ameaça podem ser incluídos na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo para mobilizar apoio, não como sanção. Se um sítio perder seu OUV, pode ser excluído da Lista.

A Convenção estipula responsabilidades amplas para a salvaguarda de todo o patrimônio cultural e natural dentro do território de cada Estado Membro (Artigo 5), independentemente da designação de Patrimônio Mundial. Salienta a importância da cooperação internacional (Artigo 6) através de apoio mútuo e assistência para proteger o patrimônio global, fundamentando a criação do Fundo do Patrimônio Mundial e prevendo assistência internacional técnica e financeira.

O mecanismo de implementação da Convenção é claro: uma Assembleia Geral dos Estados Membros, que se reúne bienalmente, elege os membros do Comitê do Patrimônio Mundial e define as contribuições para o Fundo do Patrimônio Mundial. O Comitê do Patrimônio Mundial, composto por 21 Estados Membros eleitos alternadamente, é auxiliado por três órgãos consultivos — ICCROM, IUCN e ICOMOS. Desde 1992, o Secretariado do Comitê é provido pelo Centro do Patrimônio Mundial da UNESCO, em Paris.

A Convenção do Patrimônio Mundial abrange 195 Estados membros.⁶⁶ Em mais de cinquenta anos, a definição de Patrimônio Mundial expandiu-se, especialmente no patrimônio cultural, incluindo paisagens culturais, marcos industriais e locais históricos. Contudo, persistem preocupações sobre a desigualdade na representação geográfica dos sítios de patrimônio mundial, como podemos ver no mapa presente no site da *World Heritage List* (Anexo 6).

3.4.2. O Papel dos Estados Membros na Convenção e a Participação do Reino Unido

⁶⁵ UNESCO. - Artigo 4 [Em linha]. [S.l.]: UNESCO, 1972. Disponível em WWW:URL:<https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>. [Consult. 30 jan. 2024].

⁶⁶ WORLD HERITAGE LIST. - Dados atuais indicativos dos números, localizações, mapas, documentação e outras informações adicionais acerca dos Sítios do Patrimônio Mundial podem ser consultados no site da Convenção. World Heritage List [Em linha]. [S.l.]: UNESCO, [s.d.]. Disponível em WWW:URL:<https://whc.unesco.org/en/list/>. [Consult. 21 jul. 2024].

Os Estados membros são responsáveis pela execução da Convenção, gestão e preservação do patrimônio cultural e natural em seus territórios. Embora tenham autonomia para aplicar as diretrizes conforme julgarem adequado, estão sujeitos a avaliações internacionais regulares para assegurar o cumprimento dos padrões. A prerrogativa de nomear locais para a Lista do Patrimônio Mundial é exclusiva dos Estados membros, que, por regra, não podem propor sítios fora de seus domínios soberanos. Atualmente, o total alcança 1199 locais.⁶⁷

O Reino Unido aderiu à Convenção do Patrimônio Mundial em 1984 e inscreveu 34 locais na Lista do Patrimônio Mundial desde então. O país participou ativamente no Comitê do Patrimônio Mundial de 2001 a 2005. No Reino Unido, o Comitê do ICOMOS e o Fórum do Patrimônio Mundial das Autoridades Locais são ativos, defendendo os interesses de entidades locais que gerenciam ou desejam submeter novos sítios.

As obrigações do Reino Unido são geridas pelo *Department for Culture, Media and Sport*, em colaboração com as administrações da Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte, e com apoio do *English Heritage*. A Comissão Nacional do Reino Unido para a UNESCO facilita a interação entre o governo e a UNESCO e engaja a sociedade civil.

A gestão e conservação dos Sítios do Patrimônio Mundial no Reino Unido são compartilhadas entre autoridades locais, agências nacionais de patrimônio e proprietários. Embora não haja financiamento centralizado específico, o *Heritage Lottery Fund* oferece suporte financeiro significativo para a conservação desses locais.

3.4.3. A Criação do Patrimônio Mundial

A inclusão da Muralha de Adriano na Lista do Patrimônio Mundial em 1987 marcou uma nova era para a proteção da fronteira romana. Como muitas nomeações da época, a documentação era concisa, sem detalhes precisos, limites claros ou descrição detalhada de gestão e proteção.

Isso não significa ausência de preocupações com a gestão da Muralha. Na década de 1970, o foco era o turismo, seus impactos e benefícios potenciais para a região. Entre

⁶⁷ WORLD HERITAGE LIST. - World Heritage List [Em linha]. [S.l.]: UNESCO, [s.d.]. Disponível em WWW:[URL:https://whc.unesco.org/en/list/](https://whc.unesco.org/en/list/). [Consult. 21 jul. 2024].

1965 e 1973, houve um aumento anual de 168% de visitantes em Housesteads e 118% em Chesters. (Shackley, 2000, p. 110) Embora o número de visitantes em locais sem cobrança fosse desconhecido, estava crescendo. Preocupações incluíam desgaste físico da Muralha, erosão de sítios arqueológicos, danos às alvenarias, degradação de caminhos, descoordenação turística e interpretação histórica insuficiente. Propôs-se incentivar turistas a explorar áreas menos frequentadas. Paralelamente, o turismo começava a ser visto como um vetor econômico significativo para a região.

Em resposta às preocupações, a *Countryside Commission* contratou o *Dartington Amenity Research Trust* em 1974 para elaborar uma estratégia de conservação e serviços para visitantes. O relatório de 1976 ofereceu recomendações para a conservação da Muralha e a melhoria da experiência dos visitantes⁶⁸, incluindo a criação de uma Trilha Nacional ao longo da Muralha, sem um plano de implementação detalhado. (McGlade, Pickles & Richards, 2022, pp. 251-253)

Em 1977, a Comissão estabeleceu o Comitê Consultivo da Muralha de Adriano, composto por representantes de departamentos e agências governamentais, autoridades locais, conselhos paroquiais e outras partes interessadas como o *National Trust*, *Vindolanda Trust*, *National Farmers Union*, *Country Landowners Association* e sociedades arqueológicas. Esse comitê reflete um esforço conjunto para abordar a gestão da Muralha de maneira holística, considerando a conservação e as oportunidades de desenvolvimento sustentável.

O relatório de Dartington e a estratégia do Comitê Consultivo motivaram as partes interessadas a ver a Muralha como um recurso gerível em termos de conservação, turismo e educação. Essa abordagem integrada visava promover uma gestão eficaz que equilibrasse a preservação do patrimônio com as demandas e benefícios do turismo.

No mesmo período, o *Hadrian's Wall Advisory Committee* foi estabelecido pelo *Department of the Environment* para orientar nas questões de pesquisa arqueológica, políticas de conservação, proteção dos monumentos e outros assuntos relacionados ao sistema fronteiro romano. O comitê abordava questões como desenvolvimento,

⁶⁸ DARTINGTON AMENITY RESEARCH TRUST. - Hadrian's Wall, a strategy for conservation and visitor services. [S.l.]: Countryside Commission, 1976. (CCP 98).

agricultura, silvicultura, escavações arqueológicas e proteção da configuração paisagística.

No final da década de 1980, o reconhecimento dos desafios e oportunidades da Muralha cresceu. As pressões do turismo e a inadequação da infraestrutura turística tornaram-se temas centrais, juntamente com o debate sobre o *National Trail*, gerando controvérsias entre arqueólogos, proprietários de terras e agricultores. Esse período marcou uma virada na percepção pública sobre a Muralha, evidenciando a necessidade de uma abordagem mais abrangente para sua gestão e conservação, alinhando o valor histórico e arqueológico com as potencialidades econômicas para a comunidade local.

3.4.4. A Muralha no Século XX-XXI

A inclusão da Muralha de Adriano na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO em 1987 coincidiu com mudanças paradigmáticas na administração de sítios arqueológicos na Inglaterra. Este evento ocorreu num contexto de evolução nas práticas de gestão do patrimônio, marcado pela fundação da *Historic Buildings and Monuments Commission for England (English Heritage)* em 1983. A designação da Muralha reflete o reconhecimento de seu valor universal e a consolidação de um debate teórico e práticas inovadoras na preservação de monumentos arqueológicos.

O ano de reconhecimento da Muralha também viu a publicação de *The Heritage Industry: Britain in a Climate of Decline* (Hewison, 1987), de Robert Hewison, e *The Past Is a Foreign Country* (Lowenthal, 1985), de David Lowenthal. Ambos os autores criticavam a fabricação de um passado inautêntico em *'heritage sites'*, idealizando erroneamente o século XIX como uma época de esplendor e unidade. Esta crítica ressoava com a política cultural do governo Thatcher, que buscava espelhar esses valores no contexto contemporâneo, uma narrativa vista como politicamente motivada e historicamente descontextualizada.

A inscrição da Muralha de Adriano na Lista do Patrimônio Mundial reflete um período em que o gerenciamento e a representação de sítios patrimoniais estavam sendo intensamente revisados. Na metade dos anos 80, emergiu um contexto novo e complexo para a administração do patrimônio arqueológico, refletindo-se nas práticas

adotadas para a gestão da Muralha de Adriano. Essa conjuntura mostrou-se tão pertinente em 2013 quanto em 1987 e na elaboração do primeiro Plano em 1996.

Desde sua designação como Patrimônio Mundial, o sítio evoluiu de um singular monumento romano no norte da Inglaterra para um componente do *Frontiers of the Roman Empire World Heritage Site*. Este abrange mais de 2.000 elementos distribuídos por cerca de 5.500 km em até 18 países. Essa expansão transformou a complexidade da gestão do sítio, apresentando desafios significativos. Muitos países ainda estão alinhando suas práticas de gestão do patrimônio arqueológico com discussões teóricas avançadas por especialistas como Cleere e reflexões sobre o uso contemporâneo do passado por Lowenthal e Hewison.

4. Análise da candidatura da Muralha de Adriano a património UNESCO

4.1. Sumário do Dossiê (Summary)

No Sumário do Dossiê, para cada temática (isotopia), identificamos termos euforizantes (positivos) e disforizantes (negativos) e delineamos análises com base na dinâmica e lógica do quadrado semiótico.

4.1.1. “Construção” e “Modificação”

A primeira isotopia é "construção" e "modificação". Termos como "construída", "planejada", "modificações" e "alterações", e materiais como "pedra" e "turfa" sugerem transformação e permanência, que refletem a evolução física da Muralha de Adriano ao longo de séculos e sua adaptação a necessidades militares e estratégicas, além do planejamento e execução romana.

Termos euforizantes como "planejada" e "implementada" sugerem ação eficaz, destacando a habilidade estratégica romana. "Modificações" e "alterações" implicam adaptação e melhorias. Não há termos disforizantes nesta isotopia, que foca na capacidade de construção e adaptação de forma positiva.

Para as relações entre "Construção e Modificação", definimos os conceitos e suas relações. “Construção” representa edificação e criação de estruturas, associada a

planejamento, execução e materialização. “Modificação” refere-se a alterações e melhorias, representando evolução ao longo do tempo.

Uma relação se manifesta entre “construção” e “destruição”. “Construção” implica edificar e criar, enquanto “destruição” refere-se à remoção ou demolição de estruturas, sendo conceitos opostos em um espectro de criação e eliminação física. A outra relação aparece entre “modificar” e “preservar/manter inalterado”, onde modificação implica mudança e preservação representa permanência.

Outra relação há entre “construção” (incluindo modificações) e preservação considera que, enquanto construção e modificação tratam de criar e alterar, preservação refere-se ao esforço de manter e proteger o que está construído, sugerindo uma relação entre criar e conservar.

Com essas relações definidas, o quadrado semiótico é estruturado (Anexo 2). Assim, o quadrado ilustra a dinâmica entre criar, destruir, mudar e conservar, destacando a complexidade das interações no contexto da Muralha de Adriano e de construções históricas em geral.

Esta isotopia estabelece um fundamento do texto, destacando a engenhosidade romana na construção da Muralha. Ao enfatizar a origem e modificações da Muralha, o texto informa sobre seu passado e introduz o tema da permanência através da mudança.

O efeito pretendido é que o leitor aprecie a magnitude do projeto da Muralha e a capacidade romana de planejamento e execução, entendendo-a como uma realização técnica e estratégica importante.

4.1.2. “Militar” e “Defesa”

A segunda isotopia é marcada por termos como "controle militar", "postos de vigilância", "rede rodoviária militar romana", "fortes", "fortalezas", "guarnição" e "conspiração bárbara". Esta isotopia destaca a função primária da Muralha como um instrumento de defesa e controle territorial, reforçando sua importância estratégica na história militar romana e na proteção das fronteiras do império.

Os conceitos associados incluem defesa territorial, infraestrutura militar e estratégias de controle, sublinhando a finalidade militar e estratégica da Muralha. Termos euforizantes como "controle militar" e "defesa" implicam força, segurança e proteção.

Termos como "fortes" e "guarnição" reforçam robustez e resistência, enquanto "conspiração bárbara" evoca ameaças e hostilidades, sugerindo perigo e conflito.

"Militar" abrange forças armadas, estratégias de combate e defesa territorial, enquanto "defesa" foca na proteção contra ameaças externas.

A relação entre "Militar" e "Civil" refere-se ao domínio civil, focado em aspetos da vida social não diretamente relacionados à defesa militar. A relação entre "Defesa" e "Ataque" mostra a defesa como proteção contra ameaças e o ataque como iniciação de conflito.

Considera-se, portanto, que o poder militar é necessário para a defesa e proteção da sociedade civil, garantindo a paz. A paz é a ausência de guerra, o objetivo da defesa. Da mesma forma, a sociedade civil está fora do alcance direto da violência e dos conflitos (guerras civis, violência urbana).

A relação entre "Militar" e "Ataque/Perigo/Conflito" é evidente, pois o âmbito militar lida com ameaças de violência, ataques e outros perigos.

Com essas definições, podemos estruturar o quadrado semiótico para "Militar e Defesa" (Anexo 3).

A defesa (e a capacidade militar que a possibilita) e o objetivo de alcançar a paz refletem a dinâmica entre o uso da força para proteção e o desejo de estabilidade. Este quadrado destaca a complexidade entre militarismo, sociedade civil, conflito e paz, especialmente no contexto da Muralha, que foi construída para defesa e demarcação territorial.

Esta isotopia reforça a Muralha como uma fortificação defensiva e elemento chave no controle territorial romano sobre a Britânia. Ela sublinha o papel estratégico da Muralha dentro das estratégias militares romanas. Ao esclarecer o contexto histórico e militar da Muralha, valoriza-se não apenas como estrutura física, mas como componente vital da defesa romana.

4.1.3. "Herança" e "Preservação"

A terceira isotopia, centrada em herança e preservação, inclui termos associados à conservação, como "restos sobreviventes", "cuidados do Estado", "National Trust", "Vindolanda Trust", "proteção", "preservação", "monumentos" e "sítios". O envolvimento de entidades como o Estado, o National Trust e o Vindolanda Trust

destaca a valorização e o esforço contínuo para a preservação da Muralha. Isso reflete a consciência contemporânea da importância histórica e cultural da Muralha e os esforços para sua manutenção como património.

Os conceitos associados incluem esforços de conservação, gerenciamento patrimonial e entidades de preservação. Esta isotopia destaca a Muralha como um património de valor inestimável e os esforços contínuos para sua manutenção e proteção.

Termos euforizantes, como "proteção", "cuidado" e "preservação", destacam o valor atribuído à Muralha e o compromisso com sua manutenção para futuras gerações. Termos como "monumentos" e "sítios", associados a entidades como o "Estado", "National Trust" e "Vindolanda Trust", sugerem valorização através de uma gestão responsável do património. Não há termos disforizantes, pois o foco está na preservação e celebração do património.

Preservação abrange ações para manter, conservar e proteger o património, garantindo sua transmissão para gerações futuras, evitando a degradação e perda de valor cultural, histórico ou arquitetónico. Herança refere-se ao património herdado das gerações passadas, ligada à preservação.

Estabelecemos a relação entre “preservação” e “negligência”. O oposto de preservar é negligenciar, uma falha ou ausência de ação para manter e proteger a herança. Entre “herança” e “inovação” há outra relação. A herança enfoca o valor do passado e a importância de sua conservação, enquanto a inovação busca mudança e novas criações. A relação positiva entre a preservação da herança e o uso sustentável envolve integrar a herança no presente para o bem-estar das comunidades sem comprometer sua disponibilidade para gerações futuras.

Assim, o quadrado semiótico para "Herança e Preservação" pode ser organizado (Anexo 4) e suas relações trabalhadas.

A relação entre a preservação da herança e o uso sustentável reflete a dinâmica entre conservar o valor do passado e integrá-lo de forma produtiva no presente e futuro. Este quadrado ressalta a complexidade entre a conservação do património e as necessidades de desenvolvimento.

Focando nos esforços de preservação e nas entidades envolvidas na gestão da Muralha, esta isotopia destaca o valor contínuo atribuído à Muralha pelas gerações posteriores. Ela reflete um compromisso com a manutenção e proteção da Muralha, sublinhando sua importância histórica e cultural. Isso encoraja o leitor a ver a Muralha como um bem precioso, merecedor de conservação contínua, fortalecendo a responsabilidade compartilhada pela herança cultural e sua transmissão às futuras gerações.

4.1.4. “Significado” e “Reconhecimento”

A quarta isotopia, centrada no significado e reconhecimento, é estabelecida pela menção aos critérios da UNESCO e pela descrição da Muralha de Adriano como "o exemplo mais bem-preservedo e mais completo de um Limes romano" e "um dos complexos de vestígios arqueológicos mais significativos do mundo". Destaca o reconhecimento global e o significado excepcional da Muralha, ressaltando sua importância histórica, arqueológica e seu valor universal como património da humanidade.

Os conceitos associados incluem valor arqueológico e cultural, critérios de seleção da UNESCO e reconhecimento global. A isotopia refere-se ao significado cultural e ao reconhecimento internacional da Muralha, enfatizando sua importância como marco histórico global e Património Mundial.

Termos euforizantes, como "o exemplo mais bem-preservedo", "mais completo" e "um dos complexos de vestígios arqueológicos mais significativos do mundo", comunicam apreço e admiração pela Muralha e seu status mundial. A menção aos "critérios da UNESCO" implica reconhecimento internacional e validação do valor excepcional da Muralha. Não há termos disforizantes, pois o foco está no reconhecimento e importância global da Muralha.

O conceito de “significado” refere-se ao valor cultural, histórico e simbólico da Muralha de Adriano, abrangendo sua importância como marco histórico. “Reconhecimento” está relacionado à formalização ou celebração desse valor, como a designação como Património Mundial da UNESCO.

Temos a relação entre “significado” e “insignificância”, representando o valor da Muralha versus a possibilidade de ser vista como sem importância. A relação entre

“reconhecimento” e “obscuridade” mostra que o reconhecimento formaliza o valor da Muralha, enquanto a obscuridade indica falta de reconhecimento.

A relação entre o significado da Muralha e a educação/promoção é essencial para sustentar o reconhecimento e valor da Muralha, garantindo que seu significado seja compreendido e valorizado. A falta de reconhecimento (obscuridade) contribui para que a Muralha seja percebida como irrelevante ou esquecida.

Assim, o quadrado semiótico para "Significado e Reconhecimento" é estruturado (Anexo 5).

A relação entre “significado” e “reconhecimento” (educação/promoção) ilustra a importância de transmitir conhecimento e valorizar o patrimônio cultural para manter vivo seu reconhecimento. Este quadrado destaca a interdependência entre a compreensão do significado da Muralha de Adriano, seu reconhecimento formal e os esforços contínuos de educação e promoção.

Esta isotopia eleva a Muralha de um marco histórico a um símbolo de importância cultural e arqueológica mundial. A menção aos critérios da UNESCO e ao status de Patrimônio Mundial serve como um selo de reconhecimento global, validando a significância da Muralha além das fronteiras locais ou nacionais. Isso amplia a perspectiva do leitor, encorajando-o a valorizar a Muralha como parte do patrimônio cultural da humanidade, promovendo orgulho e admiração universais.

Essas categorias temáticas nos permitem compreender as diversas camadas de significado no dossiê, representando diferentes aspectos. Juntas, elas compõem uma perspectiva complexa que abrange desde a engenhosidade romana e sua importância militar até os esforços de preservação, o significado cultural e as iniciativas educacionais, ressaltando a riqueza e a multifacetada importância da Muralha de Adriano.

Essas isotopias trabalham juntas para construir um texto que articula um argumento sobre a importância da Muralha, tanto histórica quanto culturalmente. A presença desses temas recorrentes reforça a candidatura da Muralha, destacando seu valor excepcional, riqueza histórica e significado contemporâneo no campo da preservação patrimonial.

O texto confirma a hipótese inicial de usar uma linguagem predominantemente euforizante para construir uma narrativa positiva em torno da Muralha, destacando sua importância histórica, estratégica e cultural, além dos esforços contínuos de preservação e reconhecimento global. Os poucos termos disforizantes servem para enfatizar os desafios enfrentados, realçando a resiliência e o valor da estrutura ao longo do tempo.

A interpretação do texto sobre a Muralha de Adriano, considerando as isotopias identificadas, revela uma narrativa complexa que entrelaça temas de engenhosidade humana, resiliência, património cultural e responsabilidade educacional e de preservação. As isotopias, juntas, buscam tecer um argumento convincente sobre a importância universal da Muralha, refletindo temas amplos sobre a interação da humanidade com seu passado, presente e futuro.

As isotopias de "Construção e Modificação" e "Militar e Defesa" destacam a engenhosidade romana e a resiliência ao longo dos séculos. O texto celebra as realizações técnicas e a capacidade de adaptação da Muralha, sublinhando a resistência humana e a habilidade de construir estruturas duradouras.

As isotopias de "Herança e Preservação" e "Significado e Reconhecimento" trazem a noção de que a Muralha é um bem da humanidade, cuja importância transcende fronteiras geográficas e geracionais. A ênfase na preservação e no reconhecimento internacional reforça a Muralha como um símbolo da herança cultural comum, refletindo uma responsabilidade coletiva de proteger e valorizar nosso património cultural para futuras gerações.

A interação dessas isotopias apresenta a Muralha como um símbolo vivo de história, cultura e identidade. Destaca sua relevância contínua em um contexto global, defendendo seu reconhecimento e preservação como parte do património mundial. A mensagem é clara: a Muralha de Adriano é preciosa não apenas por suas qualidades físicas, mas pelo que representa em termos de história compartilhada, conquistas humanas e a necessidade de passar esse legado adiante.

4.2. Extrato “History” do Dossiê

Outro dos extratos selecionados para análise é intitulado "History" no dossiê e nele identificamos isotopias que destacam diferentes aspectos históricos, as quais analisamos a seguir.

4.2.1. “Conquista” e “Expansão” (romanas)

A primeira isotopia é de “conquista” e “expansão” (romanas). Termos euforizantes como "invading Britain", "established control" e "conquest of the north" refletem o sucesso militar romano, atribuindo poder e determinação. Não há termos disforizantes, pois o foco é positivo.

O conceito central de “conquista” reflete o controle militar sobre territórios, ligado à expansão romana na Britânia. Complementar a isso, “expansão” refere-se ao aumento do território, não só pela força, mas também por infraestruturas e administração romanas.

A relação entre “conquista” e “paz” mostra o primeiro como conflito e domínio, e o segundo como ausência de conflito e estabilidade, refletindo estados alternativos entre sociedades. A relação entre “expansão” e “retração” mostra “expansão” como crescimento territorial e “retração” como diminuição de influência e controle, indicando movimentos opostos.

Consideramos também a relação entre “conquista” e “expansão”+“assimilação”. A “conquista” leva à expansão territorial e à assimilação dos povos conquistados, incorporando-os cultural e administrativamente ao Império Romano. Assim, a assimilação complementa a conquista, transformando o domínio militar em integração sociocultural.

Com essas definições, o quadrado semiótico para "Conquista" e "Expansão" (romana) é estruturado (Anexo 6).

A relação entre “conquista” e “expansão”+“assimilação” ilustra como o controle militar se transforma em controle territorial e integração cultural e administrativa, refletindo a dinâmica entre domínio romano e sociedades conquistadas. Este quadrado destaca a complexidade das operações romanas na Britânia, moldando profundamente a região no curto e longo prazo.

4.2.2. “Desafios” e “Resistências”

Nesta segunda isotopia, não se aplicam termos euforizantes, pois o foco está nas dificuldades enfrentadas pelos romanos. Termos disforizantes, como "unable to retain their gains", "hostile pressure", "barbarian raids" e "Barbarian Conspiracy", ressaltam as dificuldades, resistências e desafios ao poder romano, evocando vulnerabilidade e conflito.

O conceito de “desafios” abrange dificuldades enfrentadas pelos romanos na Britânia, incluindo resistências locais, pressões hostis, ameaças de invasão e riscos da expansão militar em áreas distantes e de difícil acesso do império. “Resistências” refere-se à oposição ativa contra o domínio romano, tanto de tribos locais quanto de forças externas.

Explorando as relações, identificamos “estabilidade” como relacionado a “desafios”. Os desafios implicam conflito e incerteza, enquanto a estabilidade sugere paz e ordem. São conceitos opostos que refletem a dinâmica entre turbulência e ordem. Subcontrário a “resistências” temos “aceitação”, onde resistência denota oposição e aceitação indica conformidade ou submissão ao controle romano. Esta relação destaca a tensão entre rejeição e integração.

Relevante é a contradição entre “desafios” e “aceitação/adaptação”. A resposta romana aos desafios frequentemente envolvia adaptação, seja através de ajustes nas estratégias militares ou de novas políticas de gestão territorial. A adaptação servia para superar desafios, transformando obstáculos em oportunidades para reforçar o controle.

Assim, esquematizamos o quadrado semiótico para "Desafios e Resistências" (Anexo 7). O eixo entre “desafios” e “adaptação” mostra como as respostas romanas buscavam superar dificuldades e adaptar-se, fortalecendo o controle na Britânia. Este quadrado destaca a interação dinâmica entre estabelecer e manter domínio frente a resistências, refletindo a complexidade das relações de poder e adaptação na fronteira do império.

4.2.3. “Soluções de Fronteira” e “Estratégias Defensivas”

Na terceira isotopia “soluções de fronteira” e “estratégias defensivas” identificamos termos euforizantes como "new more radical solution" e "building of a wall", que sugerem inovação e eficácia, atribuindo engenhosidade aos romanos. Indiretamente, a necessidade dessas soluções implica desafios anteriores, mas com conotação positiva.

A temática “Soluções de Fronteira” refere-se às medidas para resolver problemas de segurança e controle das fronteiras romanas na Britânia, como a construção da Muralha de Adriano, que servia como barreira física e tática para monitorar movimentos. A Muralha exemplifica essas soluções ao impedir invasões e regular o fluxo de pessoas e bens.

“Estratégias Defensivas” refere-se às técnicas e estruturas militares para proteger o território contra invasões ou rebeliões, incluindo fortificações, postos de vigia e presença militar contínua ao longo da fronteira. Essas estratégias eram cruciais para a defesa do território imperial.

A análise semiótica mostra que a Muralha de Adriano funcionava como solução de fronteira e incorporava estratégias defensivas, revelando a complexidade das medidas para manter a segurança do Império na Britânia. A relação entre “soluções de fronteira” e “estratégias defensivas” é essencial para compreender a eficácia das políticas de defesa imperial e como contribuíram para a estabilidade e segurança do império.

No entanto, especificamente para esta isotopia, traçamos três redes de relações (Anexos 13, 14 e 15, respectivamente), e analisadas a seguir.

Rede de Relações nº 1 (Anexo 8)

O conceito de “Soluções de Fronteira” refere-se às respostas estratégicas para segurança e controle das fronteiras, exemplificado pela Muralha de Adriano, que monitorava movimentos ao longo das fronteiras do Império Romano na Britânia, regulando também o fluxo de pessoas e bens e proporcionando defesa contra invasões e outras ameaças externas.

Em contraste, “Fronteiras Abertas” denota a ausência de barreiras, permitindo livre trânsito de pessoas e bens, contrapondo-se à lógica das Soluções de Fronteira e destacando a tensão entre segurança e liberdade.

O conceito de “Estratégias Defensivas” trata das táticas para proteger o território contra invasões e rebeliões, incluindo fortificações, postos de vigia e presença militar constante, essenciais para defesa e proteção do território imperial.

Em oposição, “Agressão/Vulnerabilidade” representa situações em que as defesas são superadas, resultando em vulnerabilidade e destacando a falha das estratégias defensivas em repelir ameaças, sublinhando a importância de uma defesa eficaz.

A relação entre "Soluções de Fronteira" e "Fronteiras Abertas" destaca um contraste fundamental: enquanto as soluções de fronteira envolvem controle rigoroso, fronteiras abertas sugerem livre trânsito, sem barreiras. Este contraste evidencia a tensão entre segurança e liberdade de movimento.

A relação entre "Estratégias Defensivas" e "Agressão/Vulnerabilidade" ressalta a oposição entre medidas de proteção e situações de risco. Estratégias defensivas asseguram proteção territorial, contrastando com a vulnerabilidade em contextos de agressão, onde defesas falham em repelir ameaças. Esta oposição sublinha a importância de uma defesa eficaz para a estabilidade territorial.

A temática de “Soluções de Fronteira” também nos remete à ideia de “Integração Territorial”. Enquanto a primeira visa controlar e defender o território, a segunda refere-se a consolidar o controle, harmonizando áreas dentro das fronteiras com o restante do império. Essa integração pode ser um objetivo das soluções de fronteira, transformando áreas de conflito em partes estáveis e integradas. Esta relação destaca como a defesa territorial promove coesão e estabilidade interna, contribuindo para um império mais unificado e resistente a ameaças externas.

Portanto, essas relações ilustram a complexidade e multifuncionalidade das estratégias romanas na Britânia, destacando a abordagem pragmática e adaptativa do Império Romano para manter ordem e segurança. As soluções de fronteira protegem o território e facilitam integração e estabilidade a longo prazo, mostrando como estratégias defensivas e soluções de fronteira se complementam para fortalecer e estabilizar o império.

Rede de Relações nº 2 (Anexo 9)

As “Soluções de Fronteira” e “Estratégias Defensivas” foram definidas na primeira Rede. Em contraste, as “Ameaças Internas” representam desafios à estabilidade vinda de dentro, como rebeliões e instabilidades políticas, exigindo estratégias específicas para manutenção da ordem interna.

Por outro lado, as “Ofensivas Militares” buscam expansão territorial e conquista, contrastando com a defesa do território. Enquanto as estratégias defensivas mantêm o controle existente, as ofensivas militares visam aumentar o território sob controle romano através de campanhas agressivas.

A análise das relações entre "Soluções de Fronteira" e "Estratégias Defensivas" oferece uma visão das dinâmicas de segurança e defesa no contexto do Império Romano, especialmente em relação à Muralha de Adriano.

A relação entre "Soluções de Fronteira" e "Ameaças Internas" destaca que, enquanto as soluções de fronteira protegem contra ameaças externas, como invasões bárbaras, elas não abordam ameaças internas, como rebeliões ou instabilidade política. Essas ameaças requerem estratégias distintas além das barreiras físicas.

A relação entre "Estratégias Defensivas" e "Ofensivas Militares" revela uma dicotomia nas abordagens militares romanas. As estratégias defensivas protegem e mantêm o território já conquistado, enquanto as ofensivas militares buscam expandir o território através de campanhas agressivas. Isso sublinha a diferença entre preservar o status quo e expandir o império.

Identificamos também uma relação entre "Soluções de Fronteira" e "Diplomacia". Além das respostas militares, a diplomacia busca resolver conflitos por meio de negociações, promovendo a estabilidade e paz sem violência. Isso mostra como a defesa eficaz requer força física e habilidade de negociar.

Essa análise evidencia que soluções de fronteira e estratégias defensivas, eficazes contra ameaças externas e na manutenção do controle territorial, devem ser complementadas por abordagens políticas e diplomáticas para lidar com ameaças internas e promover a coesão e estabilidade do império. A combinação dessas estratégias reflete a abordagem pragmática e multifacetada do Império Romano para garantir sua segurança e integridade territorial.

Rede de Relações nº 3 (Anexo 10)

Em contraste a "Soluções de Fronteira" (definida junto com "Estratégias Defensivas" na Rede 1), a “Negligência” denota a falta de medidas adequadas, resultando em

vulnerabilidades e riscos, deixando as fronteiras desprotegidas e o território exposto a ameaças.

Por outro lado, a Passividade indica falta de ação ou resposta às ameaças, caracterizada pela inação frente a possíveis invasões, resultando em vulnerabilidade e insegurança.

Dessa forma, o quadrado semiótico reflete a complexidade das operações defensivas e de controle na fronteira do império, destacando a interação entre a necessidade de segurança e as respostas inovadoras dos romanos. A análise dessas relações semióticas proporciona uma compreensão mais profunda das políticas de defesa do Império Romano e das estratégias empregadas para manter a estabilidade e segurança em suas fronteiras.

A relação entre soluções de fronteira e negligência revela uma oposição clara: enquanto as soluções de fronteira implicam ações proativas para resolver problemas de segurança, a negligência sugere a falta de medidas adequadas, resultando em vulnerabilidades que comprometem a segurança territorial.

A relação entre estratégias defensivas e passividade destaca uma diferença fundamental nas abordagens de segurança. As estratégias defensivas envolvem ações ativas para proteger o território, como fortificações, guarnições e patrulhas. Em contraste, a passividade indica falta de ação frente a ameaças, deixando o território vulnerável. A diferença entre uma abordagem ativa e uma passiva sublinha a importância de uma defesa vigorosa para manter a segurança territorial.

Identificamos também uma relação significativa entre “soluções de fronteira” e “inovação”. As soluções de fronteira frequentemente envolvem inovações, como novas técnicas de construção e táticas de defesa, para enfrentar desafios complexos e melhorar a segurança. A inovação é crucial para adaptar-se às mudanças nas condições de ameaça e garantir a eficácia contínua das defesas. Essa relação mostra como a adaptação e a melhoria constante são necessárias para manter a segurança em um ambiente dinâmico.

A relação entre “Soluções de Fronteira” e “Inovação” ilustra como as respostas romanas aos desafios de segurança na Britânia frequentemente envolviam novas técnicas para

melhorar a proteção e o controle territorial. A inovação era fundamental para adaptar-se às condições mutáveis de ameaça e manter a eficácia das defesas romanas.

Essas relações semióticas revelam a complexidade e interdependência das estratégias romanas para manter a segurança territorial. A análise das relações entre os conceitos aprofunda a compreensão das políticas de defesa romana, destacando a necessidade de uma abordagem integrada para enfrentar os desafios de segurança.

4.2.4. “Construção” e “Modificação Arquitetônica”

Na isotopia de "Construção e Modificação Arquitetônica" identificamos termos euforizantes, como "building began", "completed" e "rebuilt in stone", destacando o progresso e a melhoria contínua da Muralha, sublinhando a adaptação e o aprimoramento técnico dos romanos. A construção inicial, a finalização e a reconstrução em pedra são marcos de desenvolvimento e eficiência, refletindo o compromisso do Império Romano com a segurança e durabilidade de suas fronteiras.

Por outro lado, termos disforizantes, embora menos frequentes, também desempenham um papel significativo. "Rebuilt" pode implicar reparos devido a danos ou falhas, sugerindo desafios na manutenção. No entanto, mesmo esses termos são inseridos em um contexto de superação e melhoria, evidenciando a resiliência e a capacidade de resposta dos romanos. Assim, apesar das dificuldades implícitas, a narrativa mantém um foco na conquista e avanço técnico.

O conceito de “Construção” reflete o processo inicial de edificação da Muralha, englobando planejamento, alocação de recursos e execução física. Representa a materialização das estratégias defensivas em uma forma arquitetônica tangível, simbolizando o esforço para estabelecer uma barreira física que assegure a proteção e o controle territorial.

Ligado à “construção”, o conceito de “Modificação Arquitetônica” refere-se às alterações, reconstruções ou expansões subsequentes, adaptando a estrutura original a novas necessidades ou melhorando sua eficácia. As modificações arquitetônicas refletem a capacidade de adaptação e aprimoramento técnico contínuo.

Com essas definições, o quadrado semiótico para "Construção" e "Modificação Arquitetônica" (Anexo 11) evidencia as relações dinâmicas entre os conceitos envolvidos no estudo da Muralha de Adriano.

"Construção" refere-se ao ato de edificar a Muralha de Adriano, representando a criação física da estrutura. Este processo envolve planejamento, alocação de recursos e execução, materializando estratégias defensivas em uma forma arquitetônica tangível. Em contrapartida, "Decomposição" diz respeito aos processos que levam à deterioração ou destruição da estrutura, destacando os desafios de manter a integridade da Muralha diante de fatores naturais e humanos.

"Modificação Arquitetônica" abrange alterações e reconstruções na Muralha para adaptá-la a novas necessidades, refletindo a capacidade de adaptação contínua para garantir sua funcionalidade.

"Estagnação" representa a ausência de mudança na estrutura, oposta à modificação arquitetônica, implicando que a Muralha permanece inalterada e inadequada para novos desafios, destacando a importância da evolução contínua na arquitetura defensiva.

Este quadrado semiótico enfatiza a complexidade entre humanidade e arquitetura, mostrando como a construção e as modificações refletem as mudanças nas necessidades e tecnologias. A análise semiótica da Muralha de Adriano, através desses conceitos, proporciona uma compreensão das dinâmicas na criação, modificação e preservação de estruturas ao longo do tempo, revelando a interdependência entre a forma física e o contexto histórico-cultural.

Identificamos a relação entre "Construção" e "Decomposição". Enquanto a primeira implica a edificação de estruturas, "decomposição" representa o processo oposto, onde as estruturas deterioram-se ou são demolidas. Essa relação evidencia a tensão entre edificação e desintegração das construções.

A relação entre "Modificação Arquitetônica" e "Estagnação" destaca outra dimensão importante. A primeira denota uma mudança ou evolução na estrutura existente, visando sua adaptação e melhoria contínua. Em contraste, "Estagnação" implica uma falta de mudança, desenvolvimento ou adaptação, resultando em uma estrutura que

permanece inalterada e potencialmente inadequada para enfrentar novos desafios ou necessidades.

A relação entre “Modificação Arquitetônica” e “Estagnação” destaca a evolução versus a falta de mudança. A primeira implica adaptação e melhoria contínua, enquanto a segunda sugere uma estrutura inalterada e inadequada para novos desafios.

A relação entre “construção” e “preservação” ilustra a dinâmica da Muralha de Adriano como entidade física e cultural. A construção foca na criação, enquanto a preservação mantém a integridade ao longo do tempo, garantindo a continuidade e resistência. A preservação complementa a construção, prolongando a vida útil e a funcionalidade da Muralha, sendo tão crucial quanto sua criação inicial.

As relações de “Construção” e “Modificação Arquitetônica” delineiam interações entre construção, modificação, decomposição e estagnação, sublinhando a importância da preservação para a eficácia e integridade das construções. Esta análise oferece uma compreensão das dinâmicas de edificação e manutenção da Muralha, refletindo a complexidade e adaptabilidade das estratégias romanas.

A isotopia de “Construção” e “Modificação Arquitetônica” narra a história da Muralha, simbolizando a perseverança e habilidade do Império Romano em manter e aprimorar suas defesas. Este enfoque euforizante reforça a imagem de um império eficaz e resiliente diante dos desafios.

4.2.5. “Decadência” e “Legado”

A análise da isotopia de “Decadência” e “Legado” mostra a dualidade entre a celebração do passado romano e a melancolia do seu declínio. Termos euforizantes, como “monument to the splendour”, celebram a grandiosidade do Império Romano, destacando a Muralha de Adriano como símbolo duradouro de poder e engenharia.

Em contraste, termos disforizantes como “abandoned”, “drained of their garrison troops” e “tenuous” refletem a perda e o declínio romano. “Abandoned” indica que a Muralha foi deixada à mercê do tempo. “Drained of their garrison troops” sugere a retirada militar, e “tenuous” transmite vulnerabilidade final do domínio romano.

Esses termos disforizantes transmitem melancolia e fim, encapsulando a transição do poder e a fragilidade do Império Romano. Contrastam com os euforizantes, criando uma

narrativa rica e complexa sobre a Muralha de Adriano, indo além da função prática para incorporar sua dimensão simbólica e histórica.

O conceito de “Decadência” reflete o declínio do controle romano sobre a Britânia, a deterioração da infraestrutura e a retirada das forças romanas, destacando a transição do império de poder para vulnerabilidade e abandono.

O conceito de “Legado” considera o que permanece após o declínio. A Muralha de Adriano atesta o esplendor passado do Império Romano e seu impacto duradouro na paisagem e cultura. O legado preserva a memória da grandiosidade e realizações do império.

Com essas definições, o quadrado semiótico para “Decadência” e “Legado” pode ser estruturado (Anexo 12).

Primeiramente, temos “Decadência”, representando o declínio do controle romano, marcado pela deterioração e abandono da Muralha de Adriano. Reflete a fase final do domínio, onde infraestrutura e organização militar falharam, resultando em perda de poder sobre a região.

Em contraste, “Prosperidade” denota crescimento, sucesso e bem-estar, opostos à decadência. Representa o auge do Império Romano, quando a Muralha simbolizava força e estabilidade, garantindo segurança e promovendo prosperidade.

O terceiro conceito, “Legado”, refere-se ao impacto duradouro do Império Romano, evidenciado pela Muralha de Adriano. A Muralha simboliza o esplendor passado e a influência cultural e tecnológica dos romanos que ainda ecoa na história.

Finalmente, “Esquecimento” representa a perda de memória histórica ou cultural, contrária ao legado. Implica que, sem preservação, os feitos do passado podem desaparecer da consciência coletiva, deixando de influenciar as gerações futuras.

Explorando as relações, temos Decadência e Prosperidade. Decadência implica declínio e perda, enquanto Prosperidade representa crescimento e sucesso, destacando o contraste entre ascensão e declínio do império.

A relação entre “Legado” e “Esquecimento” destaca a luta entre lembrar e esquecer. O legado envolve a preservação da memória, enquanto o esquecimento representa a

perda histórica ou cultural. O legado combate o esquecimento, mantendo viva a memória do passado.

A relação entre “Decadência” e “Renovação” mostra que o declínio pode levar à renovação. A decadência pode inspirar novos entendimentos e valorizações do passado, onde novas estruturas e ideias surgem do antigo. A renovação transforma o fim de uma era em um catalisador para o crescimento e novas interpretações, evidenciando que o declínio pode ser um precursor de transformação.

Assim, o quadrado semiótico de “Decadência” e “Legado” no contexto da Muralha de Adriano destaca a complexidade das transições históricas e culturais. A decadência prepara o terreno para a renovação e continuidade através do legado. Essas relações mostram como a Muralha de Adriano permanece relevante, não apenas como vestígio do passado, mas como símbolo de transformação e herança cultural.

Esse quadrado destaca a interação entre o declínio de uma potência e a preservação de seu legado pelas gerações futuras. A história é um ciclo contínuo de ascensão, queda e renovação, com o legado inspirando futuros desenvolvimentos.

A interação dessas relações revela uma narrativa complexa sobre as ambições romanas, as soluções arquitetônicas e os desafios enfrentados, até a reflexão sobre o declínio e o legado da Muralha de Adriano. A história da Muralha é apresentada não apenas como um feito arquitetônico e militar, mas como um símbolo do esplendor e da complexidade do Império Romano. O leitor é convidado a contemplar tanto as realizações humanas quanto as limitações.

A Muralha de Adriano emerge não apenas como uma estrutura defensiva, mas como um monumento ao engenho humano, à persistência e à passagem do tempo que confere às grandes obras humanas seu significado mais profundo.

Portanto, as relações de “Decadência” e “Legado” tratam da história da Muralha e da dualidade da experiência humana com o tempo. A grandiosidade do passado é acompanhada pela inevitável decadência, e a Muralha serve como um testemunho duradouro dessas realidades históricas. Essas relações oferecem uma compreensão das mudanças simbólicas e práticas que a Muralha sofreu, refletindo as dinâmicas de poder, identidade e memória cultural do Império Romano.

4.3. Extrato “Justification” do Dossiê

4.3.1. "Complexidade Arqueológica" e “Diversidade Arqueológica”

As relações entre "Complexidade Arqueológica" e "Diversidade Arqueológica" destacam a riqueza das estruturas romanas na Muralha de Adriano. O texto enfatiza a natureza intrincada e multifacetada dessas construções, usando termos como "complex of structures", "different types" e "many changes in layout and planning", que evidencia a Muralha como um sítio de estudo arqueológico rico e variado.

Os termos euforizantes como "complex of structures" e "many changes in layout and planning" indicam a apreciação pela engenharia intrincada e suas funções múltiplas.

Não há termos disforizantes, pois o texto destaca aspectos positivos da diversidade e complexidade das estruturas.

O conceito de "Complexidade" refere-se à estrutura intrincada, à história multifacetada e às funções das construções na Muralha de Adriano, abrangendo técnicas de construção, períodos de ocupação e múltiplas funções das estruturas.

A “Simplicidade” contrasta com a complexidade, referindo-se a estruturas mais diretas. Embora não seja destacada na Muralha de Adriano, serve para comparar a complexidade das construções.

A “Diversidade” refere-se à variedade nas características, funções e épocas das estruturas na Muralha, com o objetivo de adaptar-se às necessidades militares e civis.

“Uniformidade” se opõe à diversidade e indica homogeneidade nas estruturas. No caso da Muralha, a diversidade é a característica principal.

Esses conceitos revelam uma narrativa que celebra a complexidade e a diversidade arqueológica da Muralha de Adriano. A variedade de estruturas e evolução de seu layout oferecem insights sobre as estratégias militares e condições sociais do Império Romano. O texto documenta a história física da Muralha e explora as influências culturais e históricas que moldaram sua existência.

Essa abordagem permite ver a Muralha de Adriano como um testemunho da engenhosidade romana e da adaptação às adversidades, refletindo a evolução das estratégias militares e civis. Tal narrativa se torna uma reflexão sobre a complexidade da civilização romana e sua capacidade de inovação e adaptação.

No estudo das relações semióticas da Muralha, é crucial explorar a relação entre conceitos opostos que coexistem no contexto arqueológico, o que oferece uma visão multifacetada da Muralha.

A relação entre "Complexidade" e "Simplicidade" ilustra essa dinâmica. "Complexidade" refere-se à riqueza de detalhes e à multifuncionalidade das estruturas, indicando múltiplas camadas de história e uso, como nas reformas e adaptações da Muralha.

"Simplicidade" descreve partes menos elaboradas. É vista em seções construídas rapidamente com materiais locais mais simples, talvez em resposta a necessidades urgentes e/ou básicas.

Esses conceitos são contrários porque representam extremos de um espectro de elaboração. No entanto, a Muralha de Adriano pode conter tanto aspectos complexos quanto simples, oferecendo uma visão completa de sua história e função. Alguns trechos da Muralha têm construção meticulosa, já outros são mais básicos, refletindo urgência ou falta de recursos. A complexidade mostra a capacidade técnica dos romanos e a simplicidade indica uma adaptação prática às condições disponíveis.

Essa dualidade entre "complexidade" e "simplicidade" enriquece a compreensão da Muralha de Adriano. Revela como a Muralha serviu a múltiplos propósitos, refletindo a evolução das necessidades do Império Romano.

A relação entre "Diversidade" e "Uniformidade" mostra como certos conceitos se excluem mutuamente. "Diversidade" captura a variedade de estilos arquitetônicos, períodos de ocupação e influências culturais, além de refletir adaptações às mudanças nas necessidades militares, tecnológicas e sociais.

Em contraste, "Uniformidade" sugere homogeneidade em estilo, função ou período histórico, ou seja, consistência e falta de variação.

Na Muralha de Adriano, a diversidade é evidente na variação das construções e adaptações, enquanto a "uniformidade" implicaria características e funcionalidades idênticas em todas as seções. A "diversidade" destaca a adaptabilidade e a complexidade das soluções romanas em diferentes momentos.

A análise dessas relações enriquece a compreensão da Muralha de Adriano, mostrando como diferentes estratégias foram inseridas ao longo do tempo, refletindo as

necessidades defensivas e capacidades técnicas romanas. Ao reconhecer a “diversidade”, apreciamos a complexidade histórica da Muralha, enquanto a “uniformidade” simplificaria excessivamente nossa compreensão de sua função.

A investigação dessas relações oferece uma visão mais completa da Muralha, ao analisar diferentes influências ao longo de sua existência. A Muralha além de um símbolo de poder militar, é um testemunho da adaptabilidade e inovação diante dos desafios históricos.

Explorando “Complexidade e Diversidade Arqueológica”, vemos como esses conceitos se enriquecem mutuamente. A complexidade estrutural, funcional e histórica da Muralha adiciona profundidade à diversidade observada. A adaptação às condições específicas, necessidades militares e influências culturais são reflexo da diversidade arquitetônica.

A diversidade também realça a percepção da complexidade. A presença de diferentes materiais, estilos de construção e adaptações ao longo do tempo ilustra a interação entre fatores humanos e geográficos, o que evidencia a capacidade de inovação e adaptação dos romanos.

Estudar essas inter-relações permite uma análise profunda de sua significância histórica e cultural. Isso facilita uma apreciação completa das contribuições romanas para a engenharia militar e adaptações contínuas para manter a muralha funcional ao longo dos séculos, o que torna a Muralha um símbolo da resiliência e inovação humanas.

No quadrado semiótico, a relação entre "Complexidade" e "Diversidade" revela desde técnicas de construção até múltiplas funções e significados ao longo dos séculos. A complexidade estrutural e funcional, combinada com a diversidade dos materiais e estilos, oferece uma narrativa histórica rica que vai além de uma mera descrição física. Por outro lado, "Simplicidade" e "Uniformidade", embora reduzam a complexidade e a diversidade, também oferecem uma perspectiva válida. Ver a muralha de maneira mais homogênea e simplificada pode ser útil para entender aspectos específicos ou funções dentro de um contexto maior. A simplicidade destaca soluções diretas e práticas, enquanto a uniformidade ajuda a entender a consistência em padrões de construção ou uso que refletem políticas imperiais. A relação entre esses conceitos sublinha a

importância de uma abordagem equilibrada, reconhecendo tanto a riqueza e variação da Muralha quanto as áreas de simplicidade e uniformidade.

A análise semiótica da Muralha de Adriano, integrando complexidade, diversidade, simplicidade e uniformidade, proporciona uma visão mais completa de sua significância histórica e cultural.

A aplicação do quadrado semiótico permite explorar as relações entre diferentes características da estrutura, oferecendo uma visão detalhada de sua complexidade histórica e arqueológica.

“Complexidade e Diversidade” no quadrado semiótico reflete a Muralha de Adriano, com estruturas complexas e diversificadas, com variedade de estilos arquitetônicos, técnicas de construção e funções ao longo do tempo, revelando influências culturais e adaptações militares.

“Simplicidade e Diversidade” opõe simplicidade à complexidade, mas mantém a diversidade, sugerindo variações simples em construção ou design. Esse conceito pode ser aplicado a partes da Muralha que, apesar de diferentes estilos e usos, mantêm uma construção direta e eficiente.

Com essas definições, o quadrado semiótico pode ser estruturado (Anexo 13).

“Simplicidade e Uniformidade” opõe-se à complexidade e diversidade, com estruturas simples e uniformes, contrastando com a descrição detalhada da Muralha. Isso sugere construção homogênea e descomplicada, sem variações significativas em estilo ou função.

“Complexidade e Uniformidade” descreve estruturas complexas com uniformidade em funções ou estilo. Embora menos provável na Muralha de Adriano, esse conceito ajuda a explorar cenários onde estruturas complexas mantêm consistência em usos e designs. Simplicidade e uniformidade, embora menos prevalentes, oferecem uma perspectiva adicional útil em contextos específicos.

A análise semiótica da Muralha de Adriano, portanto, revela sua significância como estrutura defensiva e símbolo da adaptabilidade romana. A diversidade e complexidade refletem estratégias militares e influências culturais, enquanto simplicidade e

uniformidade ajudam a entender variações nas técnicas de construção e usos ao longo do tempo.

Além disso, o quadrado semiótico oferece uma visão rica que proporciona uma compreensão holística de sua história e arqueologia. Essa abordagem documenta a evolução física da Muralha e celebra a engenhosidade dos romanos, situando-a como um testemunho da cultura do Império Romano.

No quadrado semiótico, os quadrantes ilustram diferentes perspectivas sobre a estrutura, cada uma enfatizando combinações de complexidade, diversidade, simplicidade e uniformidade.

“Complexidade + Diversidade” representa a caracterização ideal da Muralha de Adriano, celebrando estruturas complexas e as diversas formas, usos e influências culturais. A presença de múltiplas camadas históricas revela a complexidade do desenvolvimento e a adaptação às necessidades variadas ao longo dos séculos.

“Simplicidade + Diversidade” apresenta estruturas menos complexas, mas ainda com diversidade considerável. Adaptações foram introduzidas para atender a diferentes necessidades sem aumentar a complexidade. Esse quadrante reflete situações onde a construção simples foi prática, mas a diversidade emergiu devido a circunstâncias locais.

“Simplicidade + Uniformidade” apresenta uma visão mais homogênea e simplificada da Muralha. Este cenário pode ser útil para entender seções construídas rapidamente ou com menos recursos, onde a padronização e a simplicidade foram priorizadas.

“Complexidade + Uniformidade” percebe a complexidade das estruturas, mas com homogeneidade em termos de estilo ou função. A complexidade estrutural permanece, mas existe uma consistência que indica padronização ou aplicação uniforme de técnicas e estilos em determinados períodos ou funções específicas.

Essas relações unidas oferecem uma visão abrangente da Muralha de Adriano, reconhecendo a riqueza de detalhes e variações, bem como áreas de consistência e simplicidade.

Integrando essas análises, vemos que a Muralha de Adriano é um símbolo da adaptabilidade e inovação romana. As combinações de complexidade, diversidade,

simplicidade e uniformidade refletem as estratégias militares e influências culturais que moldaram a Muralha ao longo do tempo.

4.3.2. “Valor Histórico” e “Valor Cultural”

A isotopia de "Valor Histórico" e "Valor Cultural" na Muralha de Adriano é destacada por termos como "Roman period", "history of occupation" e "Roman control over their landscape", o que mostra sua importância histórica e cultural, bem como sua designação como patrimônio mundial.

Esses termos enaltecem o valor do sítio arqueológico, enfatizando sua significância na história e cultura romanas. Reforçam a percepção de que a Muralha de Adriano é um testemunho crucial das práticas, influências e domínios exercidos pelos romanos na Britânia. Não são aplicáveis termos disforizantes neste contexto, pois visam valorizar o sítio.

“Valor Histórico” refere-se à importância do objeto como testemunho de eventos ou práticas do passado. A Muralha exemplifica esse valor, por ser um vestígio tangível do período romano, refletindo a organização militar, controle territorial e vida cotidiana durante a ocupação romana. Em contraste, a “Ausência de Valor Histórico” indica elementos que não contribuem para a compreensão da história, não fornecem informações relevantes sobre o contexto romano.

O “Valor Cultural” refere-se à relevância do objeto em termos de sua contribuição para a cultura, tradições, identidade ou arte de uma sociedade. A Muralha possui valor cultural significativo, visto que representa a influência romana na paisagem e cultura britânicas, sendo um símbolo de poder e engenharia. Em oposição, a “Ausência de Valor Cultural” indica elementos que não enriquecem ou não estão ligados ao desenvolvimento ou expressão cultural, ou sem conexões claras com práticas culturais romanas ou britânicas contemporâneas.

Com essas definições, o quadrado semiótico pode ser estruturado (Anexo 18).

Desta forma, revela-se a profundidade e a riqueza da Muralha de Adriano como um monumento histórico e cultural importante, destacando sua relevância como patrimônio mundial. A análise proporciona uma compreensão abrangente da Muralha, valorizando tanto seu contexto histórico quanto suas contribuições culturais.

Analisando as relações entre “Valor Histórico” e “Valor Cultural”, podemos explorar dois eixos: “Valor Histórico vs. Ausência de Valor Histórico” e “Valor Cultural vs. Ausência de Valor Cultural”.

O primeiro eixo investiga a presença ou ausência percebida de importância histórica em um objeto ou lugar. A Muralha de Adriano possui valor histórico significativo devido aos eventos ocorridos ali e às pessoas envolvidas em sua construção e uso. No entanto, a percepção desse valor pode variar entre observadores ou ao longo do tempo. Esta variação de percepção não nega o valor histórico intrínseco da Muralha, mas mostra como a interpretação histórica pode mudar. Essas relações não são mutuamente excludentes, mas coexistentes, permitindo uma análise mais rica da Muralha. Elas mostram como diferentes aspectos da Muralha podem ser valorizados de maneiras distintas, dependendo do ponto de vista e do contexto histórico-cultural dos observadores.

O segundo eixo avalia a importância de um objeto em termos de sua contribuição cultural, como nas artes, literatura, tradições ou identidade cultural. A Muralha de Adriano possui valor cultural significativo, refletindo a influência romana na paisagem e cultura britânicas. Ela é um símbolo de poder, engenharia e adaptação cultural.

A Muralha de Adriano é um remanescente arqueológico e um monumento com significados profundos. Seu valor histórico é evidente na função como fortificação romana, refletindo a organização militar e estratégias de controle territorial do Império Romano. Simultaneamente, o valor cultural é visto na influência duradoura sobre a paisagem e identidade cultural da Britânia, sendo um símbolo de adaptação e resiliência romanas.

A relação entre “valor histórico” e “ausência de valor histórico”, assim como entre “valor cultural” e “ausência de valor cultural”, permite uma compreensão mais completa da Muralha de Adriano. Reconhecer essas tensões e contrastes enriquece a apreciação da Muralha, não apenas como estrutura física, mas como elo entre o passado e o presente. Assim, a análise semiótica da Muralha de Adriano revela sua complexidade e profundidade, destacando sua relevância contínua como patrimônio mundial e testemunho da história e cultura do Império Romano.

No âmbito de “valor histórico” e “valor cultural” da Muralha, exploramos essas exclusões mútuas para entender melhor sua significância.

A relação entre “Valor Histórico” e “Ausência de Valor Cultural”, excludentes, sugere que se um objeto é valorizado por seu significado histórico, ele não pode ser carente de valor cultural. O significado histórico confere automaticamente algum valor cultural. No caso da Muralha de Adriano, seu valor histórico como uma estrutura defensiva romana confere a ela um valor cultural significativo. Ela não pode ser desprovida de valor cultural, pois sua história está ligada à identidade cultural e às tradições da região.

A relação entre “Valor Cultural” e “Ausência de Valor Histórico” indica a mesma lógica. Se um objeto é valorizado por seu significado cultural, isso contradiz a ideia de que ele poderia ser desprovido de valor histórico. O valor cultural está enraizado em algum aspecto histórico. A Muralha de Adriano, valorizada por sua influência na paisagem e na cultura britânica, tem seu valor cultural enraizado em seu passado histórico, por simbolizar a presença romana na Britânia e sua adaptação cultural, tornando impossível desconsiderar seu valor histórico.

O “valor histórico” e o “valor cultural” são interligados e se sustentam mutuamente, tornando a análise semiótica uma exploração de como esses valores se manifestam e são percebidos.

A Muralha na paisagem britânica e sua contribuição para a identidade cultural da região são inseparáveis de sua importância histórica. Da mesma forma, a apreciação cultural da Muralha, refletida em sua preservação como património mundial, está ligada ao seu passado histórico.

Portanto, a relação entre “valor histórico” e “ausência de valor cultural”, assim como entre “valor cultural” e “ausência de valor histórico”, sublinha a importância de ambos ao avaliar a significância da Muralha de Adriano. Ela serve como um elo vital entre o passado e o presente, reforçando sua relevância contínua como monumento histórico e cultural.

Podemos ainda analisar se há relação complementar entre “valor histórico” e “valor cultural”. Essa interação aprofunda a significação de cada um quando considerados conjuntamente, oferecendo uma compreensão mais completa do monumento.

Conhecer os detalhes históricos - como as estratégias militares romanas e as alterações na Muralha - enriquece a percepção das tradições e influências culturais desenvolvidas ao longo dos séculos. Esse conhecimento histórico torna a apreciação cultural do local mais profunda e contextualizada.

O “valor cultural” da Muralha realça e complementa seu “valor histórico”. As expressões culturais e sociais associadas à Muralha - como lendas, obras de arte e práticas sociais - dão vida à história do local. Essas manifestações culturais tornam a história mais acessível e relevante, destacando a Muralha não apenas como um artefato histórico, mas como um ícone vivo da cultura. Este valor cultural facilita uma conexão emocional e estética, tornando a Muralha parte vital da identidade cultural da região.

Com essas definições, o quadrado semiótico para “Valor Histórico” e “Valor Cultural”, pode ser estruturado (Anexos 14).

“Valor Histórico + Valor Cultural” demonstra a coexistência de ambos os valores, onde a história e a cultura da Muralha são reconhecidas e celebradas conjuntamente, destacando-a como um símbolo abrangente e multifacetado.

“Ausência de Valor Histórico + Valor Cultural” e “Valor Histórico + Ausência de Valor Cultural” exploram situações onde um dos valores é percebido sem o outro. Por exemplo, pode haver manifestações culturais que celebram a Muralha sem uma apreciação profunda de sua história. Inversamente, pode haver um foco na história que negligencia seu impacto cultural atual, mostrando como a percepção de valor pode ser fragmentada.

“Ausência de Valor Histórico + Ausência de Valor Cultural” sugere uma visão onde a Muralha é vista como desprovida de importância histórica e cultural. No contexto do quadrado semiótico, isso ilustra o empobrecimento da significação quando ambos os valores estão ausentes, destacando a importância de cada um.

No estudo do “Valor Histórico” e “Valor Cultural” da Muralha de Adriano, a relação entre os conceitos evidencia como cada um enriquece e sustenta o outro, e reforça a ideia de que uma compreensão ampliada e integrada desses valores oferece uma visão mais completa da Muralha.

No quadrado semiótico, diferentes combinações de valor histórico e cultural oferecem uma compreensão rica da Muralha de Adriano. Cada quadrante apresenta uma perspectiva única sobre sua significância.

“Valor Histórico + Valor Cultural” afirma plenamente ambos os valores. Aqui, eles coexistem e se reforçam, mostrando como a Muralha é rica em significado histórico e influência cultural. Representa uma importante estrutura defensiva romana e um símbolo cultural que moldou a identidade e as tradições locais. A história e a cultura se reforçam mutuamente, enriquecendo a compreensão da Muralha.

“Ausência de Valor Histórico + Valor Cultural” mostra que, embora a Muralha possa não ter valor histórico significativo para alguns, mantém um importante valor cultural. Isso ocorre quando tradições, mitos ou usos contemporâneos superam a importância histórica. A Muralha pode ser valorizada como um símbolo cultural através de eventos, arte ou como parte da paisagem cultural local.

“Ausência de Valor Histórico + Ausência de Valor Cultural” é o cenário menos desejável, refletindo uma situação onde nenhum valor é percebido ou reconhecido. A Muralha de Adriano seria vista como sem importância histórica ou cultural, levando a menor interesse e investimento em sua conservação. Este quadrante alerta para a importância de reconhecer e promover os valores histórico e cultural da Muralha para garantir sua preservação e relevância.

“Valor Histórico + Ausência de Valor Cultural” sugere que, mesmo com um forte valor histórico, a Muralha pode não ser percebida como possuidora de um valor cultural significativo. Este quadrante destaca a necessidade de promover o valor cultural da Muralha, além de seu contexto histórico.

A análise dessas relações no quadrado semiótico revela como “valor histórico” e “valor cultural” interagem para enriquecer a significação da Muralha de Adriano. A relação entre esses valores mostra que uma compreensão ampla e integrada oferece a visão mais completa da Muralha ao longo do tempo e nas culturas contemporâneas.

A Muralha de Adriano deve ser apreciada em toda a sua complexidade e importância. O valor histórico aprofunda a compreensão cultural, enquanto o valor cultural torna a

história mais acessível e relevante. A interação entre esses valores destaca a Muralha como um ícone cultural vivo, vital para a identidade e a herança cultural da região.

4.3.3. “Preservação” e Visibilidade”

A análise da preservação da Muralha de Adriano é essencial para sua designação como Património Mundial. Expressões como "exceptionally good state of preservation" e "surviving as part of a landscape" indicam seu excelente estado de conservação, crucial para sua valorização. Essas expressões são euforizantes, ressaltando aspetos positivos. Em contrapartida, "overlain by modern conurbations" é o único termo ligeiramente disforizante, sugerindo a interferência moderna.

Os conceitos-chave nesse contexto são vitais para a compreensão integral da preservação da Muralha.

"Boa Preservação" da Muralha de Adriano significa manutenção em boas condições, com estruturas intactas e esforços contínuos de restauração. "Má Preservação" indica um estado precário, com negligência e danos significativos, devido à falta de recursos ou fatores ambientais. "Alta Visibilidade" refere-se à facilidade de acesso e compreensão dos aspetos da Muralha para o público, com boas condições de exibição e sinalização. "Baixa Visibilidade" significa que aspetos importantes não são facilmente observáveis ou compreendidos, devido a obstruções físicas, falta de sinalização ou deterioração.

Com essas definições, o quadrado semiótico para "Preservação" e "Visibilidade", pode ser estruturado (Anexo 15).

Os termos euforizantes e disforizantes sobre a Muralha de Adriano refletem a complexidade na sua preservação. Termos positivos destacam a eficácia das medidas de conservação, enquanto os negativos, embora raros, apontam ameaças da modernização e a necessidade de esforços contínuos.

A análise das relações no quadrado semiótico é fundamental para entender como conceitos opostos coexistem em diferentes graus ou aspetos de um mesmo fenômeno. No contexto da Muralha de Adriano, a relação entre boa e má "preservação" ilustra essa dinâmica complexa.

Boa Preservação refere-se ao estado em que a Muralha está bem mantida, com estruturas estabilizadas, intervenções de conservação eficazes e proteção contra deteriorações futuras. Este estado representa um extremo positivo do espectro de conservação.

Má Preservação indica um estado de conservação precário, com deterioração, danos estruturais e falta de manutenção preventiva, representando o extremo negativo do espectro.

Esses conceitos são contrários, mas em sítios arqueológicos grandes como a Muralha de Adriano, é possível coexistirem áreas bem preservadas e outras em mau estado. Essa dualidade mostra a complexidade da conservação, onde a preservação varia de uma área para outra, refletindo diversas intervenções e condições ao longo do tempo.

No caso da Muralha de Adriano, a relação entre alta visibilidade e baixa visibilidade ilustra um caráter excludente.

Alta Visibilidade significa que a Muralha é facilmente acessível e compreensível para o público, pesquisadores e visitantes, com sinalizações claras e informações detalhadas que facilitam a interpretação e a apreciação da estrutura. Quando em alta visibilidade, os detalhes da Muralha são facilmente discerníveis e sua interpretação é facilitada por boas condições de exibição.

Baixa Visibilidade refere-se a condições onde há obstruções físicas, falta de informação ou mau estado de conservação, dificultando a interpretação e apreciação pelos visitantes.

A análise da relação entre “boa preservação” e “alta visibilidade”, assim como entre má preservação e baixa visibilidade, é essencial para entender a conservação da Muralha de Adriano e desenvolver estratégias eficazes de gestão.

Boa Preservação e Alta Visibilidade asseguram que as características históricas e culturais da Muralha sejam mantidas em ótimas condições, permitindo fácil observação e apreciação. Estruturas bem conservadas são exibidas de forma destacada, com acessibilidade física e informativa aprimorada. A alta visibilidade facilita a interpretação educativa e turística, aumentando o impacto cultural e educacional da preservação.

A boa preservação da Muralha de Adriano aumenta a visibilidade, promovendo o reconhecimento de sua importância e atraindo mais recursos para manter ou melhorar seu estado de conservação. Em contraste, “Má Preservação” e “Baixa Visibilidade” formam um ciclo negativo, onde a deterioração torna características significativas menos discerníveis ou ocultas. Danos estruturais e o crescimento de vegetação obscurecem detalhes importantes, reduzindo a capacidade dos visitantes de ver e entender seu significado. A baixa visibilidade resulta em menor interesse e menos investimentos, levando a uma deterioração ainda maior.

A relação negativa entre má preservação e baixa visibilidade apresenta desafios para a gestão do património.

Analisar a relação entre "Preservação e Estado de Conservação" ajuda a identificar áreas prioritárias para intervenção. Promover boa preservação e melhorar a visibilidade maximiza o valor educacional e cultural da Muralha. Reconhecer áreas de má preservação e baixa visibilidade permite direcionar recursos para evitar ciclos de deterioração e negligência.

No cenário de “Boa Preservação + Alta Visibilidade”, a Muralha está em excelentes condições, com estruturas preservadas e informações claras, proporcionando uma experiência enriquecedora para visitantes, pesquisadores e educadores. Este estado maximiza o potencial educativo e turístico, fortalecendo o reconhecimento e o valor cultural do património.

Já no cenário de “Boa Preservação + Baixa Visibilidade”, apesar da boa preservação, a baixa visibilidade limita a acessibilidade e a interpretação pelo público, pode reduzir o impacto educativo e turístico.

No cenário de “Má Preservação + Alta Visibilidade”, apesar da visibilidade das características da Muralha, a má conservação prejudica a experiência dos visitantes. Estruturas deterioradas e falta de manutenção podem transmitir uma imagem negativa, desencorajando visitas futuras e apoio, destacando a importância de investir em conservação.

O cenário de “Má Preservação + Baixa Visibilidade” é o mais desfavorável, onde a falta de conservação se soma à dificuldade de acesso e interpretação, o que reduz o valor

histórico e cultural percebido da Muralha e torna urgente a necessidade de intervenções.

A análise do quadrado semiótico revela a interdependência entre preservação e visibilidade, sublinhando a importância de uma abordagem integrada na gestão do património cultural. Melhorar a preservação e a visibilidade simultaneamente é crucial para garantir a sustentabilidade e relevância da Muralha de Adriano a longo prazo, maximizando seu valor educativo, turístico e cultural.

4.3.4. “Importância” e “Singularidade”

A isotopia da importância e singularidade é realçada pelo uso de termos que afirmam a excecional importância da Muralha de Adriano. Expressões como "most significant complexes", "unparalleled in Britain" e "highest national archaeological importance" enaltecem o valor único deste património histórico.

Termos euforizantes como "most significant complexes" destacam sua preeminência entre outros sítios arqueológicos, enquanto "unparalleled in Britain" indica sua singularidade no contexto britânico. "Highest national archaeological importance" reforça sua importância arqueológica a nível nacional. Não há termos disforizantes, pois todos os termos visam exaltar a Muralha de Adriano.

Esses termos contribuem para a construção de uma imagem positiva da Muralha, ressaltando sua importância e singularidade no panorama arqueológico e histórico. A utilização consistente desses termos consolida a percepção da Muralha como um património de valor inigualável, merecendo reconhecimento e conservação contínuos. Os conceitos-chave incluem “importância”, referindo-se ao valor histórico, cultural, arqueológico e educacional da Muralha de Adriano, e sua relevância nacional e internacional, crucial para a compreensão do legado romano. Em contraste, a “insignificância” sugere uma visão de pouco valor ou relevância, desvalorizando seu impacto histórico e cultural.

A “Singularidade” destaca a Muralha de Adriano como única em escala, design ou contexto histórico, sendo um exemplo excecional sem paralelo. Em oposição, a “Generalidade” sugere que a Muralha é representativa de uma prática comum entre as construções romanas, diminuindo sua singularidade percebida.

Esses conceitos estruturam a análise da Muralha, fornecendo uma compreensão dos aspetos que conferem valor e distinção a esse património histórico. A importância e a Singularidade reforçam a necessidade de preservação da Muralha, enquanto a insignificância e a Generalidade questionam seu impacto histórico.

Nas relações de contrariedade, os pares de conceitos são opostos, mas não necessariamente excludentes, podendo coexistir em diferentes contextos ou serem percebidos de maneiras variadas por diferentes observadores.

Com essas definições, o quadrado semiótico para "Importância" e "Singularidade" pode ser estruturado (Anexo 16).

Em "Importância vs. Insignificância", a "importância" da Muralha de Adriano é atribuída ao seu valor histórico, cultural e arqueológico, sendo fundamental para a compreensão da história romana e seu impacto cultural na região. A Muralha enriquece o conhecimento sobre a presença e influência romana. Em contraste, a "insignificância" sugere que a Muralha pode ser vista como de menor valor ou impacto, parecendo trivial ou secundária para alguns observadores em comparação com outros monumentos históricos.

Em "Singularidade vs. Generalidade", a "singularidade" da Muralha de Adriano é destacada por suas características únicas, como design, escala ou contexto histórico, tornando-a excepcional. Em contraste, a "generalidade" sugere que a Muralha é apenas um exemplo entre muitos, sem características distintivas, representando um fenómeno mais amplo.

Esses pares de conceitos ilustram a complexidade da percepção e interpretação da Muralha de Adriano. Enquanto a "importância" e a "singularidade" destacam seu valor excepcional, a "insignificância" e a "generalidade" oferecem uma perspectiva contrastante. A coexistência desses conceitos ressalta a riqueza da análise semiótica, permitindo uma compreensão mais profunda e multifacetada do património cultural.

Em "Importância vs. Generalidade", a "importância" da Muralha de Adriano é reconhecida por suas características excepcionais. Esse valor é atribuído devido ao seu papel fundamental na história, cultura e arqueologia. Em contraste, se a Muralha é vista como comum, isso nega suas características distintas. A "generalidade" sugere que a

Muralha é apenas um exemplo entre muitos, sem elementos únicos. Portanto, uma Muralha importante dificilmente será vista como comum, pois sua importância deriva de suas características singulares.

Em “Insignificância vs. Singularidade”, a “insignificância” da Muralha ocorre quando ela não possui elementos notáveis, implicando falta de valor histórico e cultural. No entanto, se a Muralha é única, ela não pode ser insignificante. A “Singularidade” implica características notáveis e diferenciadas, conferindo-lhe valor especial. Portanto, a presença de singularidade exclui a insignificância, tornando a Muralha relevante e valiosa.

A “importância” e a “singularidade” reforçam seu valor excepcional, enquanto a “generalidade” e a “insignificância” sugerem menor relevância. A análise semiótica ajuda a entender como diferentes interpretações podem coexistir e se contrapor, enriquecendo a compreensão do valor desse patrimônio histórico.

A complementaridade, entretanto, explora como conceitos diferentes podem se complementar para formar uma compreensão mais profunda do objeto de estudo.

Em “Importância e Singularidade”, suas características únicas, como extensão, design e contexto histórico, conferem-lhe valor histórico, educacional e cultural excepcional. Essas características não apenas destacam a Muralha entre outras construções romanas, mas também elevam seu status e reconhecimento, reforçando sua importância.

Na relação “Insignificância e Generalidade”, se considerada similar a muitas outras construções, isso pode diminuir seu valor especial. Sendo um exemplo comum dentro de um fenômeno mais amplo, a Generalidade implica que a Muralha não possui elementos distintivos, resultando em menor relevância e importância. Essa visão pode afetar negativamente a alocação de recursos para sua conservação ou estudo, por não ser considerada única ou excepcional dentro das construções romanas.

Para a isotopia de “Importância e Singularidade” da Muralha de Adriano, é crucial explorar como os conceitos de importância, insignificância, singularidade e generalidade se complementam e se opõem dentro do quadrado semiótico. As interações entre esses

conceitos revelam diferentes camadas de percepção e interpretação da Muralha, proporcionando uma análise mais completa.

Compreender essas relações permite entender melhor a valorização da Muralha em diferentes contextos. A Singularidade reforça a importância, enquanto a Generalidade pode levar à insignificância. Essa análise identifica áreas onde a valorização da Muralha pode ser aprimorada, destacando suas características únicas para fortalecer sua percepção histórica e cultural.

Essa análise de relações ajuda a formar uma compreensão mais profunda e integrada da Muralha de Adriano. Reconhecer sua importância e singularidade justifica maiores esforços de preservação e promoção, enquanto entender as implicações de insignificância e generalidade pode identificar áreas onde a percepção pública e acadêmica precisam de ajustes. Assim, a valorização da Muralha pode ser estrategicamente melhorada, destacando suas características únicas para fortalecer seu valor histórico e cultural.

Também consideramos outros arranjos de oposições entre importância, generalidade, singularidade e insignificância, fornecendo uma compreensão mais profunda das percepções da Muralha de Adriano.

Primeiramente, “Importância” e “Generalidade” se opõem. A importância atribuída à Muralha contradiz a ideia de generalidade, pois um objeto importante possui qualidades que o distinguem. Em contraste, a generalidade sugere que o objeto não é único, minimizando as exigências de atenção especial e recursos para sua conservação.

Outra oposição é entre “Insignificância” e “Singularidade”. A singularidade da Muralha se opõe diretamente à noção de insignificância. Um objeto único é significativo por representar um fenômeno raro ou uma manifestação única de aspectos culturais, históricos ou arquitetônicos. A singularidade da Muralha de Adriano reforça sua importância e a necessidade de conservação, destacando seu papel insubstituível no patrimônio histórico.

Essas dinâmicas mostram como a compreensão da Muralha pode ser influenciada pelas percepções de sua importância e singularidade versus generalidade e insignificância. A

interação desses conceitos é crucial para determinar como o património é valorizado, preservado e transmitido às futuras gerações.

Compreender essas oposições nos ajuda a formular estratégias de conservação e promoção mais eficazes. Destacar a importância e a singularidade da Muralha reforça a necessidade de esforços contínuos para sua preservação e valorização cultural.

Analisar diferentes combinações de percepções revela como elas influenciam a valorização e preservação da Muralha de Adriano.

Em “Importância + Singularidade”, a Muralha é destacada como de grande valor e única. Suas características distintas são enfatizadas, reforçando a necessidade de preservação e estudo detalhado. A Muralha é vista como uma estrutura excepcional, cuja singularidade contribui para seu reconhecimento histórico, cultural e arqueológico.

Em “Importância + Generalidade”, a Muralha é importante, mas parte de um fenómeno mais amplo. Sua singularidade é diluída, sendo reconhecida por sua contribuição geral à história romana, mas sem destaque individual entre estruturas similares.

“Insignificância + Singularidade” representa um cenário contraditório onde, apesar de sua singularidade, a Muralha é percebida como de pouco valor. Esse cenário é pouco provável, mas possível se suas características únicas não forem valorizadas ou compreendidas. A falta de reconhecimento pode levar à subestimação de seu valor histórico e cultural.

“Insignificância + Generalidade” reflete a percepção de que a Muralha é comum e de pouco valor. Nesse cenário, a Muralha é vista como uma construção sem características distintivas, afetando negativamente o interesse e os esforços de conservação. A percepção de generalidade e insignificância pode resultar em menor alocação de recursos para sua preservação.

Entender essas dinâmicas é crucial para formular estratégias eficazes de conservação e promoção e valorização.

4.3.5. “Documentação” e “Estudo”

O texto menciona "Roman historical accounts," "surviving inscriptions," e "archaeological work" para destacar a riqueza de material documental e dos estudos já realizados, reforçando a legitimidade científica e cultural da candidatura da Muralha de

Adriano. Termos euforizantes como "Roman historical accounts" enfatizam registros históricos romanos, fornecendo uma base sólida para a compreensão da Muralha. "Surviving inscriptions" são evidências tangíveis que contribuem para a autenticidade do sítio. "Archaeological work" destaca os esforços contínuos para estudar e preservar a Muralha, sublinhando seu valor acadêmico. O termo disforizante "much of the detail has to be added" sugere que ainda há trabalho a ser feito para completar a documentação e o estudo da Muralha, indicando áreas onde o conhecimento é incompleto e a necessidade de esforços contínuos na pesquisa e preservação.

Esses termos sublinham a importância da documentação e do estudo contínuo da Muralha de Adriano. Relatos históricos romanos, inscrições sobreviventes e trabalho arqueológico realizado até agora conferem legitimidade científica e cultural à Muralha. No entanto, a indicação de que ainda há detalhes a serem acrescentados sugere que a pesquisa não está completa.

A isotopia de "Documentação" e "Estudo" ressalta como a combinação de material documental e esforços acadêmicos contribui para a valorização e preservação da Muralha, reforçando sua candidatura como Patrimônio Mundial e sublinhando a importância de investimentos contínuos na pesquisa e conservação.

Os conceitos-chave abrangem "ampla documentação", "escassez de documentação", "estudo intensivo" e "negligência no estudo". "Ampla documentação" refere-se a um vasto corpo de materiais históricos, arqueológicos e científicos sobre a Muralha. Isso inclui textos antigos, relatórios de escavações, estudos recentes e registros visuais, proporcionando uma compreensão detalhada da Muralha, contribuindo para sua legitimidade científica e cultural. Em contraste, a "escassez de documentação" representa a falta ou insuficiência de registros e estudos, implicando lacunas no entendimento de sua construção e uso ao longo do tempo.

O "estudo intensivo" envolve investigação aprofundada e contínua sobre a Muralha, com pesquisas acadêmicas ativas, escavações e análises, promovendo uma compreensão mais abrangente e valorização do sítio. Por outro lado, "negligência no estudo" implica falta de pesquisa e interesse acadêmico, resultando em entendimento superficial e possível desinformação sobre sua importância.

Esses conceitos são fundamentais para compreender a dinâmica de documentação e estudo da Muralha de Adriano. A ampla documentação e o estudo intensivo garantem valorização e preservação adequadas, enquanto a escassez de documentação e a negligência no estudo podem comprometer a integridade e reconhecimento do sítio. Com essas definições, o quadrado semiótico para “Documentação” e “Estudo”, pode ser estruturado (Anexo 17).

A análise das relações no quadrado semiótico explora conceitos opostos que podem coexistir em diferentes graus, refletindo uma variação contínua entre extremos.

Na oposição entre “Ampla Documentação” vs. “Escassez de Documentação”, o primeiro sugere uma riqueza de materiais que proporcionam uma compreensão detalhada da Muralha de Adriano, incluindo textos históricos, relatórios de escavações, estudos recentes e registros visuais. Em contraste, “escassez de documentação” indica falta de recursos informativos, limitando a compreensão e o estudo da Muralha, resultando em lacunas significativas no entendimento de sua construção, uso e significado histórico, prejudicando a valorização e a preservação.

Na oposição entre “Estudo Intensivo” vs. “Negligência no Estudo”, o primeiro caracteriza uma abordagem profunda e contínua ao estudo da Muralha, com pesquisas ativas, escavações frequentes e análises detalhadas que expandem o conhecimento do sítio. Um estudo intensivo promove uma compreensão mais profunda, contribuindo para a preservação e valorização da Muralha. Por outro lado, “negligência no estudo” reflete falta de investigação detalhada, possivelmente devido a limitações de recursos ou interesse, levando a um entendimento superficial e, conseqüentemente, menor valorização e reconhecimento de seu valor histórico e cultural.

A coexistência de ampla documentação e estudo intensivo proporciona uma base sólida para a preservação e valorização do sítio, enquanto a escassez de documentação e a negligência no estudo podem comprometer esses esforços. Portanto, é crucial promover uma abordagem integrada que combine rica documentação e pesquisa, para garantir que a Muralha de Adriano seja compreendida e valorizada em toda sua complexidade histórica e cultural.

Na análise das relações temos “Ampla Documentação” vs. “Negligência no Estudo”. A primeira sugere uma vasta quantidade de materiais que proporcionam uma compreensão detalhada da Muralha. Em contraste, “Negligência no estudo” reflete falta de investigação. Seria contraditório ter ampla documentação e negligência no estudo, pois muitas informações disponíveis implicam estudo intensivo. Assim, ampla documentação implicaria ausência de negligência no estudo.

Entre “Escassez de Documentação” vs. “Estudo Intensivo”, a primeira indica falta significativa de recursos informativos, enquanto a segunda caracteriza uma abordagem contínua ao estudo da Muralha. Seria contraditório ter estudo intensivo com escassez de documentação, pois estudos intensivos dependem de ampla documentação. Portanto, estudo intensivo implicaria ausência de escassez de documentação.

Ampla documentação deve ser acompanhada por estudo contínuo, enquanto escassez de documentação aponta para a necessidade de gerar mais dados para futuros estudos. As relações entre “Ampla Documentação” e “Estudo Intensivo” mostram como a riqueza de materiais sobre a Muralha, incluindo textos históricos e relatórios de escavações, facilita uma investigação profunda e contínua. A documentação rica fornece uma base sólida para explorar novos aspectos da Muralha, levando a descobertas detalhadas e compreensivas.

Em “Escassez de Documentação” e “Negligência no Estudo”, uma relação negativa, a falta de recursos informativos limita a compreensão da Muralha, enquanto a negligência no estudo reflete a falta de investigação detalhada. A falta de investigação pode ser tanto causa quanto consequência da falta de recursos documentais. Sem documentação suficiente, há menos motivação para estudos detalhados, perpetuando a negligência. Esse ciclo negativo, onde falta de dados e desinteresse acadêmico se reforçam, resulta em uma visão superficial do valor histórico e cultural da Muralha.

Essas interações mostram como a ampla documentação e o estudo intensivo se complementam, criando um ciclo virtuoso de conhecimento e preservação. Em contraste, a escassez de documentação e a negligência no estudo formam um ciclo vicioso, dificultando pesquisas aprofundadas.

Analisar combinações de documentação e esforço de estudo pode revelar como influenciam a compreensão e valorização da Muralha de Adriano. Promover ampla documentação e incentivar estudos intensivos são essenciais para garantir a compreensão e valorização da Muralha, visto que ajuda a identificar áreas prioritárias para intervenção, assegurando preservação e estudo profundo.

“Ampla Documentação + Estudo Intensivo” reflete uma situação ideal onde a abundância de documentação facilita um estudo produtivo da Muralha. A vasta quantidade de dados permite a investigação, promovendo um entendimento abrangente e disseminação do conhecimento. Esse cenário maximiza o valor histórico e cultural da Muralha, destacando-a como importante objeto de estudo acadêmico.

“Ampla Documentação + Negligência no Estudo” é um cenário contraditório onde, apesar de muitos recursos disponíveis, falta estudo aprofundado. Isso pode indicar problemas de financiamento, priorização ou interesse acadêmico.

“Escassez de Documentação + Estudo Intensivo” é outro cenário contraditório, onde a falta de materiais não impede um esforço de pesquisa intensivo. Mesmo com recursos limitados, o empenho dos pesquisadores pode levar a descobertas significativas.

Por fim, “Escassez de Documentação + Negligência no Estudo” mostra um cenário de desatenção, onde a falta de documentação e o desinteresse nos estudos limitam significativamente a compreensão e valorização da Muralha. A combinação de escassez de dados e negligência investigativa resulta em um conhecimento superficial e possivelmente errôneo do sítio, dificultando qualquer esforço de preservação e valorização.

4.3.6. “Escala” e “Impacto Estratégico”

No texto, frases como "overall scale" e "strategic prowess of the Romans" destacam a grandiosidade e o impacto estratégico da Muralha de Adriano, ressaltando sua importância histórica e geográfica.

Termos euforizantes como "overall scale" enfatizam a magnitude e complexidade da Muralha. "Strategic prowess of the Romans" destaca a habilidade estratégica dos romanos, refletida na localização e construção da Muralha, demonstrando seu papel

crucial na defesa e controle territorial. Não há termos disforizantes, todos destacam a magnitude e engenhosidade romana.

Esses termos euforizantes constroem uma imagem impressionante da Muralha de Adriano, enfatizando sua escala física e a inteligência estratégica de sua construção. Isso reforça a percepção da Muralha como um feito notável de engenharia e estratégia militar, sublinhando seu valor histórico e geográfico.

A relação entre "Escala" e "Impacto Estratégico" sublinha a importância de reconhecer a Muralha de Adriano como uma manifestação da capacidade estratégica romana. A grandiosidade da estrutura e a inteligência tática em sua construção merecem destaque na valorização e estudo da Muralha, evidenciando sua relevância duradoura.

Com essas definições, o quadrado semiótico para "Preservação" e "Visibilidade", pode ser estruturado (Anexo 18).

Os conceitos-chave incluem "grande escala", "pequena escala", "alto impacto estratégico" e "baixo impacto estratégico". "Grande escala" refere-se ao tamanho físico e extensão geográfica da Muralha, destacando sua magnitude como uma construção que atravessa diversas paisagens. Em contraste, "pequena escala" sugere que a Muralha pode ser percebida como menos impressionante em comparação com outras grandes construções históricas. Essa percepção pode surgir ao considerar a Muralha em um contexto global, onde outras estruturas podem ter maior notoriedade.

"Alto impacto estratégico" denota a importância da Muralha como meio de defesa, controle e demarcação territorial. Este impacto envolve aspectos militares, culturais, políticos e sociais, sublinhando seu papel na segurança e gestão do território romano.

"Baixo impacto estratégico" sugere que a Muralha teve um impacto limitado, possivelmente devido a mudanças geográficas ou políticas. Esta visão pode considerar que, apesar de sua construção impressionante, a Muralha não teve o efeito duradouro esperado em controle territorial.

Assim, "Grande Escala" e o "Alto Impacto Estratégico" reforçam a visão da Muralha como uma obra monumental e central na estratégia militar romana, já "Pequena Escala" e o "Baixo Impacto Estratégico" oferecem uma perspectiva mais crítica, questionando a grandiosidade e efetividade da Muralha em um contexto histórico mais amplo.

Na relação entre “Grande Escala vs. Pequena Escala”, a Muralha é percebida como imensa, mas comparada a outros monumentos históricos, pode parecer menos grandiosa.

Estes conceitos “Grande Escala” e “Pequena Escala” são contrários, no entanto podem coexistir dependendo do ponto de referência ou da parte da Muralha considerada. Em certos trechos, a Muralha pode parecer monumental, enquanto em outros, pode parecer menos impressionante em comparação com outras grandes obras da engenharia romana ou mundial.

Na relação entre “Alto Impacto Estratégico vs. Baixo Impacto Estratégico”, a Muralha de Adriano é vista como crucial em aspetos militares, culturais e políticos. “Alto Impacto Estratégico” destaca sua importância na defesa territorial, controle de fronteiras e projeção do poder romano, além de suas implicações sociais e econômicas, reforçando a influência romana na região.

Em tempos modernos, a Muralha pode ter uma relevância estratégica menor. “Baixo Impacto Estratégico” sugere que mudanças geopolíticas e tecnológicas diminuíram sua eficácia e importância estratégica, sendo vista mais como um monumento histórico do que uma estrutura defensiva eficaz.

Esses conceitos são contrários, refletindo avaliações diferentes do impacto estratégico da Muralha, baseadas em critérios históricos variados. A Muralha pode ser considerada de “alto impacto estratégico” no contexto histórico romano, mas seu impacto pode ser visto como reduzido nas realidades geopolíticas modernas.

Compreender essas percepções opostas permite uma análise da importância histórica e as mudanças no seu papel estratégico ao longo do tempo.

Observamos também as relações entre “Grande Escala vs. Baixo Impacto Estratégico” e “Pequena Escala vs. Alto Impacto Estratégico”. Na primeira, uma “grande escala” geralmente implica um impacto estratégico significativo. É contraditório pensar que uma construção tão vasta e imponente como a Muralha de Adriano tenha um “baixo impacto estratégico”. A escala da Muralha deveria, por si só, contribuir para um papel importante em defesa e controle territorial.

Similarmente, é contraditório pensar que uma estrutura de “pequena escala” tenha um alto impacto estratégico. A visibilidade e a influência física determinam o impacto estratégico, e uma construção menor teria, presumivelmente, uma influência limitada em defesa e controle simbólico.

Identificamos uma relação entre “Grande Escala e Alto Impacto Estratégico” e “Pequena Escala e Baixo Impacto Estratégico”. A “grande escala” da Muralha complementa e potencializa seu “alto impacto estratégico”, seja em termos de defesa, controle territorial ou como símbolo de poder e autoridade. A construção extensa da Muralha de Adriano provavelmente teve um papel significativo em controle defensivo e simbólico, contribuindo para a estabilidade e segurança do Império Romano. A combinação de “grande escala” e “alto impacto estratégico” sublinha a importância histórica e cultural da Muralha.

A combinação de “pequena escala” e “baixo impacto estratégico” sugere uma função menos dominante e mais localizada, tanto em defesa quanto em presença simbólica.

Esses eixos fornecem uma estrutura para analisar e discutir como diferentes interpretações de extensão e estratégia influenciam a compreensão de seu valor histórico.

“Grande Escala e Alto Impacto Estratégico” juntos enfatizam a Muralha como uma construção monumental com papel crucial em defesa e controle territorial, devido à infraestrutura robusta.

A combinação “Pequena Escala e Baixo Impacto Estratégico” sugere que, onde a Muralha é menos imponente, seu papel estratégico também é reduzido.

Consideramos também a oposição entre “Grande Escala e Baixo Impacto Estratégico” e “Pequena Escala e Alto Impacto Estratégico”. A primeira oposição destaca a contradição de uma grande estrutura com impacto estratégico limitado, que pode resultar de falhas na utilização estratégica ou mudanças históricas. A segunda oposição desafia a correlação entre tamanho e impacto, sugerindo que fatores como localização, design ou significado simbólico podem amplificar o impacto de uma estrutura menor.

Essas dinâmicas ressaltam a complexidade da análise da Muralha de Adriano, onde a escala física e o impacto podem interagir de maneiras que desafiam expectativas simples.

A combinação de “grande escala” com “alto impacto estratégico” destaca a Muralha como uma estrutura de significativa influência, reforçando seu papel na defesa e controle do território. A relação entre “pequena escala” e “baixo impacto estratégico” sugere um papel mais limitado e simbólico.

A oposição entre “grande escala” e “baixo impacto estratégico” sugere que, apesar da magnitude, a Muralha não alcançou seu potencial estratégico completo. A oposição entre “pequena escala” e “alto impacto estratégico” indica que outros fatores além do tamanho podem amplificar o impacto de uma estrutura.

A combinação “Grande Escala + Alto Impacto Estratégico” representa a percepção ideal da Muralha como uma construção imensa com impacto significativo em defesa, cultura e política, servindo como barreira física e símbolo de poder romano.

Já “Grande Escala + Baixo Impacto Estratégico” é uma contradição, onde, apesar da escala, o impacto estratégico é limitado. Isso pode refletir mudanças geopolíticas ou uma reavaliação histórica que questiona a eficácia da Muralha em cumprir seu propósito original.

“Pequena Escala + Alto Impacto Estratégico” é uma contradição, indicando que, apesar de sua menor escala, a Muralha tem impacto estratégico significativo devido a fatores como localização, design inovador ou simbolismo.

“Pequena Escala + Baixo Impacto Estratégico” apresenta a Muralha como pouco relevante, não se destacando pelo tamanho nem pela influência estratégica.

Essas relações aprofundam a análise, permitindo compreender as diversas interpretações de sua escala e impacto estratégico.

4.3.7. “Raridade”

A raridade do sítio é sublinhada por descrições como “few are so concentrated, so well-preserved or so immediately dependent on one another,” destacando a excecionalidade da Muralha de Adriano no contexto dos trabalhos de fronteira romana.

Termos euforizantes como "único," "incomparável," e "sem paralelo" enfatizam a singularidade e raridade da Muralha. "Bem-preservedo" sublinha a excelente condição da Muralha e estruturas associadas. Termos disforizantes como "comum," "repetível," e "deteriorado" são inferidos como opostos, destacando a importância da preservação. O texto usa termos euforizantes para reforçar a candidatura da Muralha à lista de Patrimónios Mundiais da UNESCO, raramente usando termos disforizantes, que destacam a necessidade de preservação ou estudos adicionais sem desmerecer o sítio. O texto ressalta a raridade da Muralha e zonas militares romanas circundantes com características que os distinguem de outros sítios arqueológicos romanos. A complexidade e extensão das obras fronteiriças romanas associadas à Muralha de Adriano são descritas como "incomparáveis" na Grã-Bretanha e raras em uma escala europeia ou mundial. A condição de preservação das estruturas é enfatizada, apontando para a raridade de tais sítios preservados. A preservação bem-sucedida das estruturas permite uma melhor compreensão da história romana. O texto destaca a escala impressionante da Muralha e suas obras associadas, dando-lhe uma proeminência rara entre as realizações arquitetônicas romanas.

Essas características sublinham a importância da Muralha de Adriano como um exemplo raro e bem-preservedo de engenharia e estratégia militar romana, justificando sua candidatura e a necessidade de contínuos esforços de preservação e estudo.

Os conceitos-chave e termos associados estruturam a análise semântica do texto, focando na "raridade" como tema central para o reconhecimento da Muralha como património mundial. Esses conceitos baseiam o desenvolvimento das relações e etapas seguintes da análise.

“Raridade” destaca a singularidade e excecionalidade da Muralha de Adriano, sublinhando a escassez de equivalentes em termos de escala, design e propósito histórico. A Muralha é um exemplo raro de engenharia e estratégia militar romana, merecendo reconhecimento e preservação.

Em contraste, “Vulgaridade” sugere que a Muralha é parte de um fenómeno mais comum, comparável a outras fortificações romanas. Implica que a Muralha não possui características distintivas significativas, reduzindo sua percepção de valor excecional.

Esses conceitos criam uma estrutura clara para a análise da Muralha, permitindo uma compreensão mais profunda de seu valor e importância. A “raridade” enfatiza sua singularidade, enquanto a “vulgaridade” sugere uma perspectiva mais comum.

A análise das relações entre esses conceitos permitirá uma avaliação equilibrada da Muralha, destacando tanto suas qualidades únicas quanto suas semelhanças com outras construções romanas. Isso justifica sua inclusão como patrimônio mundial e sublinha a importância de continuar os esforços de preservação e estudo.

Com essas definições, o quadrado semiótico para “Raridade”, pode ser estruturado (Anexo 19).

A relação de oposição entre raridade e vulgaridade destaca a importância histórica e arqueológica da Muralha de Adriano. “Raridade” refere-se ao caráter único e excepcional da Muralha, destacando-a como uma obra de grande valor histórico distinta de outras construções romanas. “Vulgaridade” sugere algo ordinário e replicável, contrastando com a singularidade da Muralha. Se a Muralha fosse vulgar, não teria características distintivas significativas.

A relação contraditória entre “Não-Raridade” e “Não-Vulgaridade” inclui elementos menos notáveis da herança romana, que não se destacam por suas características únicas. Embora incomuns, esses elementos carecem da excepcionalidade da Muralha. “Não-Vulgaridade” implica elementos incomuns, mas não excepcionais ou únicos.

A relação complementar mostra como os conceitos são interdependentes. A “raridade” da Muralha é enfatizada pela comparação com construções romanas mais comuns ou menos preservadas. Ao contrastar a Muralha com sítios mais comuns, sua excepcionalidade é destacada. Elementos que não são raros realçam a raridade das partes bem preservadas e únicas da Muralha.

Analisando “raridade”, “vulgaridade”, “não-raridade” e “não-vulgaridade”, avaliamos a Muralha de forma estruturada e detalhada, reconhecendo suas qualidades únicas e comparações com outros elementos do patrimônio romano, proporcionando uma compreensão mais profunda de sua importância histórica.

A análise dessas dinâmicas destaca a complexidade da Muralha de Adriano, não apenas como uma construção isolada, mas como parte de um contexto mais amplo de

fortificações romanas. Isso justifica o reconhecimento da Muralha como patrimônio mundial, sublinhando a importância da preservação contínua e estudos adicionais.

O eixo “Raridade vs. Vulgaridade” explora as tensões entre o que é único e excepcional versus o que é comum e amplamente distribuído. No contexto da Muralha de Adriano, “raridade” é destacada pela singularidade e estado de conservação de suas estruturas. Características como a extensão da muralha, a integração de seus componentes defensivos e a profundidade das informações históricas são marcadores de sua raridade. Essa singularidade justifica a inclusão da Muralha na Lista do Patrimônio Mundial como um tesouro de importância excepcional.

Em contraste, “vulgaridade” refere-se a elementos típicos, replicáveis ou amplamente distribuídos entre sítios romanos, como artefactos comuns e práticas de construção padrão. Embora não se destaquem, são cruciais para contextualizar a raridade. Ao fornecer um contraste, os elementos comuns destacam o que é único na Muralha, elevando o entendimento de seu valor excepcional. A “vulgaridade” serve como um pano de fundo essencial que realça ainda mais as qualidades raras do sítio.

As relações entre “raridade” e “vulgaridade” são fundamentais para justificar a Muralha como patrimônio mundial. A tensão entre o único e o comum permite uma apreciação mais profunda da excepcionalidade da Muralha, reforçando a necessidade de sua preservação e estudo contínuos. Analisar essas dinâmicas ajuda a construir uma narrativa sólida sobre o valor inestimável da Muralha de Adriano para a humanidade.

A análise entre raridade e vulgaridade na Muralha de Adriano revela uma dinâmica fascinante. A raridade eleva o status do sítio, reforçando a necessidade de sua preservação e estudo detalhado. Características únicas como a extensão, complexidade estrutural e excepcional estado de conservação destacam-se em comparação com outros sítios romanos. A vulgaridade oferece um contexto essencial para essa avaliação, mostrando características comuns em outras construções romanas e destacando o que torna a Muralha de Adriano especial.

Esses conceitos fundamentam a importância do sítio e facilitam uma compreensão mais rica de sua posição na história romana e arqueologia. A relação de oposição afirma a singularidade da Muralha de Adriano e valida sua importância comparando-a com o que

é vulgarmente conhecido do Império Romano. Essa tensão robustece a justificativa para sua inclusão na Lista do Património Mundial, proporcionando uma argumentação robusta.

Características vulgares em outros sítios arqueológicos validam a raridade da Muralha de Adriano, crucial para argumentar a favor de sua preservação. A análise entre o raro e o vulgar coloca a Muralha em um contexto histórico mais amplo, ajudando a compreender seu papel no Império Romano. A tensão entre elementos comuns e excepcionais oferece uma justificativa rica para a inclusão da Muralha na Lista do Património Mundial, destacando sua singularidade e como ela se destaca. A raridade e excepcional estado de conservação reforçam a necessidade de preservação contínua, sublinhando a urgência de manter essas qualidades únicas.

A análise mostra como a relação entre “raridade” e “vulgaridade” destaca a excepcionalidade da Muralha de Adriano e enriquece sua importância histórica e arqueológica. A Muralha é uma peça integral de um contexto histórico mais amplo, cuja singularidade é realçada pela prevalência de características vulgares em outras estruturas romanas.

A relação entre “Não-Raridade” e “Não-Vulgaridade” nos permite entender como a ausência de raridade e vulgaridade interagem e contribuem para a complexidade da interpretação do sítio.

“Não-Raridade” refere-se aos aspetos da Muralha que não são únicos ou excepcionais, incluindo características típicas de muitos sítios romanos, como tipos de construção, materiais comuns ou artefactos que não oferecem insights distintos sobre a civilização romana. Isso não diminui necessariamente o valor do sítio, mas contextualiza o que é realmente raro.

“Não-Vulgaridade” aborda elementos que, embora não comuns ou amplamente distribuídos, não atingem um nível de raridade que os tornaria excepcionais. Estes elementos são distintos, mas não raros. A “não-vulgaridade” pode incluir características menos documentadas que, embora importantes, não são suficientemente distintas para serem categorizadas como raras. Eles enriquecem a compreensão geral sem dominar o discurso sobre a raridade.

A relação entre “Não-Raridade” e “Não-Vulgaridade” aprofunda nossa compreensão da relevância da Muralha. Analisar essas categorias permite apreciar uma gama mais ampla de características, desde as comuns até as excepcionais. Por exemplo, a disposição espacial das fortificações pode não ser rara nem comum, mas é essencial para entender a logística militar romana. Elementos de “Não-Raridade” e “Não-Vulgaridade” oferecem uma valoração mais matizada, evitando uma visão binária que simplificaria a riqueza da Muralha.

Considerar o que é comum e raro, reconhecendo elementos fora dessas categorizações, fornece uma imagem mais detalhada da importância cultural, histórica e arqueológica da Muralha de Adriano. Isso justifica sua inclusão na Lista do Património Mundial, destacando sua complexidade e o intercâmbio de elementos.

Essa análise permite valorizar a Muralha não apenas por suas características únicas, mas também por seu contexto na arqueologia romana.

A relação entre “Raridade” e “Não-Vulgaridade” explora como os conceitos se enriquecem mutuamente, ajudando a entender como diferentes elementos do sítio contribuem para uma compreensão mais rica e completa do seu valor histórico e cultural.

A “raridade” inclui atributos únicos da Muralha, como sua estrutura extensa, o sofisticado sistema defensivo interligado e a preservação excepcional de certas seções. A “raridade” fornece um motivo claro para a preservação do sítio, destacando sua importância no património cultural e histórico mundial.

“Não-vulgaridade” refere-se a elementos distintos, mas não singularmente raros. Esses elementos incluem características de design menos comuns, locais de assentamentos secundários ou práticas de engenharia menos documentadas. A “não-vulgaridade” ilustra a diversidade e complexidade do sítio, enriquecendo a compreensão da raridade principal.

A relação entre “raridade” e “não-vulgaridade” na Muralha mostra como diferentes aspectos do sítio interagem para criar um significado mais completo. Os elementos raros ganham maior significância quando contrastados com os elementos de “não-vulgaridade”, destacando a singularidade dos aspectos raros e mostrando como os

elementos menos únicos contribuem para a importância histórica do sítio. A inclusão de “não-vulgaridade” fornece uma perspectiva mais balanceada, evitando uma visão simplista focada apenas em características raras, contextualizando a raridade na prática romana da Muralha.

A relação entre “raridade” e “não-vulgaridade” é crucial para uma compreensão completa da Muralha de Adriano. Ao valorizar tanto os elementos raros quanto os não-vulgares, aprecia-se a complexidade e riqueza do sítio. Isso justifica a inclusão da Muralha na Lista do Património Mundial, destacando suas características únicas e a diversidade de elementos que compõem sua significância histórica e cultural.

Estas relações destacam a necessidade de valorizar todos os aspetos do sítio — não apenas aqueles que são extremamente raros ou espetaculares. Essa abordagem integral ajuda a construir um argumento robusto para a conservação e estudo, pois reconhece a importância de todas as camadas de história e interação humana presentes no sítio da Muralha. Ao entender como a “raridade” e a “não-vulgaridade” se complementam, reforça-se o argumento para a preservação do sítio como um todo, não apenas de suas partes mais impressionantes.

Por outro lado, “raridade” e “vulgaridade”, podem ter uma relação complementar que talvez não seja imediatamente óbvia, pois esses conceitos aparentam ser mutuamente exclusivos. No entanto, ao considerar a Muralha de Adriano dentro do contexto mais amplo das construções romanas, podemos entender como esses conceitos podem interagir de maneira útil. A Muralha de Adriano é rara devido à sua extensão, design e impacto histórico-cultural, o que a torna um objeto de estudo valioso e um património digno de preservação. Ao mesmo tempo, a Muralha faz parte de um conjunto maior de fortificações romanas, permitindo aos estudiosos compará-la com outras construções similares. Isso proporciona uma compreensão mais profunda de suas características únicas e de como ela se encaixa nas estratégias de defesa do Império Romano.

Ainda assim, a tensão da oposição entre a visão da Muralha como uma entidade rara e como parte de uma comunidade mais ampla de construções similares destaca a complexidade de sua avaliação como património. Isso nos obriga a considerar tanto seus aspetos únicos quanto os elementos que ela compartilha com outras estruturas

defensivas romanas. Por um lado, reconhecer a raridade da Muralha ajuda a justificar esforços especiais de conservação e estudo. Por outro lado, entender sua vulgaridade ajuda a contextualizar sua existência dentro da história romana mais ampla, influenciando teorias sobre política, militarismo e engenharia romana. Essas dinâmicas entre “raridade” e “vulgaridade” não apenas ilustram como conceitos aparentemente contraditórios podem ser mutuamente informativos, mas também como a interação desses conceitos pode fornecer uma base para estratégias de educação, preservação e interpretação mais informadas e eficazes.

Cada uma dessas oposições contribui significativamente para a narrativa e a justificativa para a valorização do património, destacadamente a inclusão da Muralha de Adriano na Lista do Património Mundial. A relação de oposição estabelece o valor intrínseco da Muralha devido à sua raridade, promovendo esforços de conservação e estudo. A relação de contradição reforça a necessidade de avaliar todos os aspetos do sítio, reconhecendo a importância de elementos comuns e menos comuns na construção de uma compreensão completa do seu valor. A relação complementar encoraja uma apreciação que abrange tanto a raridade quanto os elementos que ocupam nichos menos extremos, destacando a diversidade e a riqueza do contexto cultural e histórico da Muralha.

5. Considerações Finais

Em um momento em que o Reino Unido estava reavaliando seu papel no cenário mundial e suas políticas internas sob o governo Thatcher, a candidatura da Muralha de Adriano à UNESCO pode ser vista como uma forma de reafirmar a identidade nacional através da valorização do património histórico. O período do governo de Margaret Thatcher foi marcado por uma forte ênfase no neoliberalismo, privatização e um encolhimento do papel do Estado no financiamento da cultura e do património. O dossiê utiliza o discurso para construir uma narrativa que liga o passado romano da Inglaterra à sua identidade contemporânea, promovendo uma continuidade histórica que fortalece o senso de pertencimento e orgulho nacional.

A maneira como o dossiê enquadra a história da Muralha de Adriano e sua importância também reflete e constrói uma memória cultural coletiva. Ao selecionar quais aspetos

da história são destacados e como são apresentados, o dossiê participa ativamente na construção de uma memória histórica que privilegia certas narrativas.

Finalmente, o dossiê de candidatura da Muralha de Adriano se situa na intersecção entre o local e o global, entre políticas nacionais de património e normas internacionais de conservação. O texto negocia esse diálogo, buscando equilibrar a especificidade local e as demandas globais por uma herança cultural compartilhada.

Os textos articulam uma série de ideologias e valores que sublinham a importância da conservação, da valorização do património cultural e do uso educacional e turístico do património. Através desta análise, evidenciamos que a Muralha de Adriano foi posicionada como um recurso cultural de importância universal, cuja preservação seria de interesse global, refletindo as intersecções entre história, cultura, política e educação.

O dossiê como um todo é influenciado pelo seu contexto sociopolítico e pela abordagem acerca do património e da cultura, todos frutos da sua época e localidade. A análise a partir da leitura isotópica dos textos selecionados indica como eles refletem suas políticas culturais e econômicas, incluindo a promoção do turismo, a privatização de espaços públicos e a instrumentalização do património para objetivos nacionais. A colaboração entre o Governo britânico e a UNESCO para a preservação da Muralha de Adriano reflete essa tendência, destacando o papel do património cultural na afirmação da identidade nacional. Além disso, este processo ocorre dentro das práticas e políticas da UNESCO, que promovem a proteção do património mundial como um bem comum da humanidade, transcendendo fronteiras nacionais e locais.

A análise veio também a nos revelar como o dossiê de candidatura da Muralha de Adriano articula relações de poder complexas envolvendo a UNESCO, o governo britânico e as comunidades locais. Através do discurso de preservação e valorização do património, os textos refletem dinâmicas de poder que moldam a gestão do património cultural, ao mesmo tempo em que buscam equilibrar os interesses divergentes dos envolvidos.

5.1. Estrutura linguísticas

A aplicação da semiótica no dossiê envolveu uma exploração detalhada das estruturas linguísticas presentes no documento, para entender como elas contribuíram para a construção de uma imagem positiva da Muralha e persuadir a UNESCO de sua importância a nível mundial.

O documento utiliza uma linguagem cuidadosamente selecionada para destacar a singularidade e a importância histórica da Muralha de Adriano. Termos como "organização de uma zona militar", "técnicas e visões estratégicas e geopolíticas dos romanos" não apenas descrevem características físicas e históricas, mas também carregam conotações que enfatizam a maestria e a relevância cultural da construção e seus construtores. Termos como "fronteiras do Império Romano" e "máximo esplendor" ressaltam a magnitude e o significado estratégico da Muralha, não apenas como uma fortificação, mas como um símbolo do poder romano. Os textos utilizam uma seleção lexical cuidadosa e cheia de intencionalidade para descrever a Muralha. Os termos escolhidos não apenas descrevem as características físicas, mas também evocam um senso de grandeza, resistência e singularidade. Essa escolha de palavras trabalha para construir uma identidade para a Muralha que a destaca como um ativo cultural de alto valor.

Essas escolhas lexicais não são neutras. Elas trabalham para construir uma narrativa que alinha a Muralha com os valores e critérios de seleção da UNESCO, especificamente sob os critérios ii, iii, e iv, denotando sua importância cultural e histórica.

A referência ao *Limes* Romano estende o significado da Muralha, conectando-a a uma rede maior de construções defensivas da fronteira romana. Isso metaforicamente sugere não apenas uma barreira física, mas também uma linha de influência cultural e política que moldou profundamente a Europa. O documento evoca imagens e explora emoções que reforçam essa valorização da Muralha. Ao descrevê-la como "um exemplo marcante", o texto não só indica sua estatura enquanto construção, mas também a sua capacidade de inspirar admiração e respeito. Essa linguagem metafórica serve para enriquecer a descrição do sítio, permitindo aos leitores (neste caso, os avaliadores do ICOMOS/UNESCO) visualizarem não apenas a estrutura física, mas também seu impacto e significado mais amplo.

A modalidade do documento reflete a confiança dos autores na significância universal da Muralha de Adriano, empregando afirmações assertivas que projetam uma visão unânime sobre seu valor. Por exemplo, a afirmação de que a Muralha de Adriano é "um exemplo marcante da organização de uma zona militar" ilustra a posição estratégica e a genialidade militar romana, sem deixar espaço para dúvidas sobre seu valor. Sugere também uma aceitação geral de sua importância, empregando uma modalidade declarativa que visa diminuir o espaço para questionamentos ou dúvidas sobre sua relevância.

Através da análise observamos que o dossiê de candidatura da Muralha de Adriano utiliza estruturas linguísticas específicas - escolhas lexicais, metáforas e modalidades - para construir cuidadosamente uma imagem positiva da Muralha. Essas escolhas não são apenas descritivas, mas também argumentativas, trabalhando para convencer o ICOMOS/UNESCO da importância singular da Muralha. Ao analisar esses elementos, torna-se evidente como o discurso é utilizado não apenas para informar, mas também para persuadir e influenciar, refletindo as intenções estratégicas dos autores do documento em alinhar a Muralha de Adriano com os critérios e valores da UNESCO.

5.2. Histórias enfatizadas e marginalizadas

Ao aplicarmos a Leitura Isotópica, foi possível explorar como o discurso constrói identidades, enfatiza certos aspectos e, por sua vez, marginaliza outros, proporcionando uma rica oportunidade para desvendar as camadas de significado e poder embutidas nos textos e nas imagens que os acompanham.

Entre as Histórias Enfatizadas, temos três grandes vertentes. A primeira, que definimos como "Grandeza do Império Romano", indica que o discurso enfatiza a magnitude e a engenhosidade do Império Romano, destacando a extensão das fronteiras romanas e a sofisticação das estruturas defensivas. Ao fazer isso, ele valoriza a conquista romana e a administração como aspectos centrais da identidade histórica do sítio.

A segunda vertente é "Organização Militar e Estratégica", na qual a descrição foca na organização militar e na estratégia dos romanos, ilustrando as técnicas e visões geopolíticas através da construção da Muralha. Isso serve para enaltecer a capacidade

de planejamento e execução do império, posicionando a Muralha como um testemunho de suas conquistas militares e administrativas.

Por fim, temos “Património Universal”, em que a candidatura é utilizada para reforçar a importância universal da Muralha de Adriano, situando-a como um património de significado global. Este aspeto promove uma visão de herança compartilhada, enfatizando a relevância do sítio para toda a humanidade, além das fronteiras nacionais e culturais.

Entre as Histórias Marginalizadas, temos outras três vertentes. A primeira delas é “Perspetivas Locais e Resistência”, em que o discurso tende a marginalizar as histórias e perspetivas das comunidades locais que existiam antes e durante a ocupação romana, assim como qualquer forma de resistência contra a expansão romana. Essa omissão silencia possíveis situações de alteridade, resistência, violência, opressão, bem como as narrativas dos povos nativos e das populações afetadas pela construção e pela presença da Muralha.

A segunda vertente é “Impacto Cultural e Ambiental”, onde pouca atenção é dada aos impactos culturais e ambientais da construção da Muralha sobre as paisagens e sociedades locais. A ênfase na grandiosidade romana obscurece os custos humanos e ecológicos associados à sua construção e manutenção.

Finalmente, a vertente de “Uso e Significado Pós-Romano”, que consiste no menor destaque dado à continuidade da história da Muralha após a queda do Império Romano, incluindo seu papel em períodos subsequentes e sua interpretação em diferentes contextos históricos. Isso restringe a compreensão da Muralha a um artefacto puramente romano, ignorando sua evolução e relevância em períodos posteriores.

5.3. Ideologias e valores

Os textos não apenas refletem, mas também promovem e sustentam ideologias e valores específicos por meio do uso estratégico da linguagem. Este aspeto é crucial para entender as motivações subjacentes ao discurso e como ele busca influenciar a percepção e a valorização do património.

A escolha de palavras, descrições e o foco em determinados aspetos da Muralha revelam as ideologias subjacentes e os valores promovidos pelo dossiê. Por exemplo, a

ênfase na "preservação" e na "autenticidade" reflete uma ideologia que valoriza a conservação do património como meio de compreender e apreciar a história.

O dossiê transmite a ideologia de que o património cultural, como a Muralha de Adriano, é intrinsecamente valioso e merece ser preservado para as futuras gerações. Esta ideologia não é neutra; ela está alinhada com os princípios da UNESCO e reflete uma visão de mundo que prioriza o conhecimento e a conservação da história humana.

O discurso do dossiê enfatiza a importância universal da Muralha, almejando seu reconhecimento como Património da Humanidade. Esta abordagem sugere uma ideologia que busca transcender fronteiras locais e nacionais, promovendo uma narrativa de património compartilhado globalmente.

O Dossiê destaca o compromisso com a conservação e a educação como parte da identidade do património da Muralha. Esse enfoque não apenas reflete uma ideologia que valoriza a preservação do património para as futuras gerações, mas também se alinha com as expectativas globais em torno da gestão de sítios de Património Mundial. A construção discursiva da Muralha como um destino turístico de importância mundial também reflete estratégias políticas e econômicas específicas. Ao fazê-lo, o texto pode tanto reforçar o valor da Muralha como património quanto levantar questões sobre como o turismo influencia e, por vezes, transforma a maneira como o património é percebido e experienciado.

A decisão do Comitê do Património Mundial de excluir reconstruções realizadas desde 1965 e desenvolvimento urbano acima dos restos romanos sublinha um compromisso com a autenticidade e a conservação histórica. Este posicionamento ideológico enfatiza a importância de manter a integridade física e histórica do sítio, refletindo uma valorização profunda do património em sua forma mais autêntica.

Ao apresentar a candidatura a Património da Humanidade, o documento implanta uma ideologia que reconhece esses sítios como tesouros culturais de valor universal. Isso vai além da importância nacional ou regional, posicionando a Muralha dentro de um discurso de património global que merece ser preservado para o benefício coletivo da humanidade.

A inscrição na Lista do Património Mundial não apenas serve como um mecanismo de conservação, mas também promove o sítio como um destino turístico educativo. Este aspeto sugere uma ideologia que vê o turismo como uma ferramenta positiva para o engajamento público com o património cultural, incentivando uma apreciação mais ampla e profunda da história e da cultura.

5.4. Discurso, poder e identidade

A candidatura da Muralha como Património da Humanidade é também um ato de construção de identidade, tanto no nível nacional quanto global. O texto contribui para a formação de uma identidade coletiva que se orgulha de seu património, ao mesmo tempo em que se insere em uma comunidade global que valoriza a diversidade cultural e histórica.

O dossiê é um espaço de negociação entre valores potencialmente conflitantes, como desenvolvimento turístico versus preservação autêntica. O discurso navega por esses valores, buscando um equilíbrio que satisfaça tanto as demandas locais quanto as expectativas globais em relação ao património.

Podemos desvelar as camadas de significado que informam e são informadas por ideologias e valores específicos. Nos permitindo compreender melhor como o património é simultaneamente um produto e um produtor de discursos sociais, culturais e políticos, desempenhando um papel ativo na modelagem das identidades e na governança do património cultural no cenário global.

Na análise dos textos do dossiê, identificamos uma construção de identidades culturais e sociais e observamos como o documento articula a herança britânica e a influência romana. O dossiê desempenha um papel crucial na construção de uma narrativa que não apenas reconhece, mas também valoriza essas identidades (e somente elas) como elementos dignos de preservação e celebração. A Muralha é apresentada não apenas como uma estrutura física, mas como um testemunho da história romana e da engenhosidade militar. Ao contextualizar a construção e o uso da Muralha ao longo de séculos, o discurso confere-lhe uma profundidade histórica que transcende sua materialidade. Isso estabelece a Muralha como um património que é fundamental para compreender tanto a história local quanto a global.

O dossiê está imerso em um campo de discursos competidores sobre o património, a história e a identidade. O dossiê negocia essas narrativas, promovendo uma visão que busca ser inclusiva e representativa, enquanto também adere às expectativas de instituições globais como a UNESCO. Este processo revela uma dinâmica de poder em que certas narrativas ganham proeminência, enquanto outras podem ser marginalizadas ou silenciadas.

A candidatura e eventual designação da Muralha como Património da Humanidade pode ser vista como um ato de consolidação de uma hegemonia cultural, na qual certos valores e práticas são universalizados.

O dossiê, ao promover a Muralha de Adriano como um ícone cultural e histórico, participa da construção e reforço de identidades nacionais e globais. O discurso contribui para a formação de um senso de pertencimento e identidade entre diferentes públicos, destacando o poder da linguagem em moldar a compreensão coletiva de nosso passado e presente.

A aplicação da semiótica nos textos do dossiê revela a complexa interação entre linguagem, poder e identidade no campo do património cultural. Ao examinar como o discurso não só reflete mas também exerce poder, torna-se possível compreender melhor as dinâmicas que influenciam a valorização, preservação e promoção do património cultural em escala global.

5.5. O Património como campo de Poder, Resistência e Legitimação

Ao submeter o dossiê à UNESCO, há um reconhecimento das relações de poder internacionais no campo do património mundial. O dossiê negocia essas relações, tentando alinhar a Muralha de Adriano aos critérios e valores globais, enquanto simultaneamente afirma sua singularidade e importância excepcional.

O discurso reflete, negocia e é moldado por dinâmicas de poder em um contexto global. Esta perspectiva revela as complexas interações entre localidades, nações e instituições internacionais, como a UNESCO, na construção de narrativas sobre património cultural. O processo de candidatura e reconhecimento pela UNESCO confere uma autoridade normativa sobre o que conta como património digno de preservação global. A linguagem utilizada no dossiê não só busca alinhamento com os critérios da UNESCO,

mas também reflete a aceitação das normas e valores promovidos por esta instituição. Ao fazer isso, o discurso não apenas negocia com uma entidade de poder global, mas também reconhece sua autoridade em definir e legitimar património cultural.

O dossiê trabalha para enquadrar a Muralha de Adriano como um sítio de "valor universal excecional", uma noção chave nos critérios da UNESCO. Este enquadramento é um ato discursivo que busca posicionar a Muralha dentro de uma narrativa global, sugerindo que seu significado e importância transcendem as fronteiras nacionais. Este processo de universalização está intrinsecamente ligado ao poder da UNESCO de conferir status e reconhecimento, atuando como um "gatekeeper" cultural em um cenário internacional.

O dossiê propõe uma zona tampão, que pode ser vista como uma tentativa de mediar entre a conservação do património e o desenvolvimento contemporâneo. Isso sugere um esforço de consenso, buscando equilibrar as diversas demandas e interesses em jogo. A recomendação para considerar uma "nomeação serial transfronteiriça" amplia a discussão para além do local específico da Muralha de Adriano, envolvendo potencialmente mais stakeholders no processo de preservação.

O reconhecimento de um sítio como Património Mundial pela UNESCO pode ter implicações significativas nas relações internacionais, não apenas elevando o perfil de uma nação no palco mundial, mas também influenciando o turismo, o investimento e a diplomacia cultural. O discurso em torno da Muralha de Adriano é parte de uma estratégia mais ampla que envolve a negociação de poder e influência em um contexto internacional.

Finalmente, a análise das relações de poder internacionais implica uma reflexão crítica sobre as desigualdades globais no reconhecimento e preservação do património. O dossiê, ao buscar alinhamento com os critérios da UNESCO, também participa de um sistema que pode favorecer certos tipos de património e narrativas em detrimento de outros, refletindo e perpetuando desigualdades de poder cultural e material entre nações e regiões.

O discurso em torno da candidatura da Muralha de Adriano à UNESCO é profundamente entrelaçado com dinâmicas de poder globais. O texto não apenas busca legitimidade e

reconhecimento em um palco internacional, mas também revela como o patrimônio cultural é um campo ativo de negociação de poder, identidade e valores em um mundo interconectado.

A candidatura é também um espaço onde identidades locais, nacionais e globais são negociadas. O discurso reflete uma tentativa de equilibrar a singularidade da Muralha como um sítio britânico com sua relevância para a herança comum da humanidade. Essa negociação revela dinâmicas de poder onde locais e nações buscam afirmar sua autonomia e valores culturais únicos, enquanto se alinham com expectativas e padrões internacionais.

Embora o processo de candidatura possa parecer como um alinhamento com o poder global da UNESCO, ele também oferece oportunidades para resistência e reinterpretação. O dossiê pode ser visto como um meio pelo qual as narrativas locais e nacionais são reafirmadas e promovidas sob a égide de valores globais.

A UNESCO, ao aprovar a extensão da Muralha de Adriano como parte das "Fronteiras do Império Romano", exerce uma autoridade global em determinar o que constitui um Patrimônio Cultural da Humanidade. Esta decisão reflete a capacidade da UNESCO de influenciar a percepção e a conservação de sítios históricos, reforçando seu papel como guardião do patrimônio cultural mundial.

O dossiê ressalta o papel ativo do governo britânico, particularmente no processo de nomeação e preservação da Muralha de Adriano. Esta participação não só enfatiza o compromisso do governo com a conservação do patrimônio, mas também a sua posição de poder em negociar e colaborar com entidades internacionais como a UNESCO.

A menção de "reconstruções realizadas desde 1965" e "desenvolvimento urbano sobre os restos romanos" sugere um equilíbrio delicado entre a preservação do patrimônio e as necessidades ou ações das comunidades locais. Embora o documento não detalhe explicitamente conflitos, a ausência (exclusão?) de certos elementos da nomeação indica a complexidade das relações de poder entre as comunidades locais, o governo e organizações internacionais na gestão do patrimônio.

A análise do dossiê de candidatura, focando nas relações de poder, revela insights sobre o papel da UNESCO, do governo britânico e das comunidades locais. O dossiê, ao buscar

o status de Património Mundial da UNESCO para a Muralha, participa de uma dinâmica de poder global que confere prestígio e proteção a locais selecionados. O discurso empregado no dossiê reflete e negocia com as expectativas e critérios da UNESCO, um ato que não só reconhece a autoridade dessa organização, mas também procura influenciar como a Muralha é percebida e valorizada globalmente.

Ao aprofundar a análise por uma perspectiva de "Poder", exploramos como o discurso não apenas reflete, mas também exerce poder, moldando ativamente percepções e realidades sociais. Este aspecto é crucial para entender a dinâmica de como o património cultural é valorizado, protegido e promovido em âmbitos nacionais e globais. O discurso do dossiê procura estabelecer a Muralha de Adriano como um sítio de valor universal, merecedor de reconhecimento e proteção pela UNESCO. Essa construção de legitimidade não é meramente descritiva; ela é performativa, atuando para conferir autoridade e status ao sítio. Ao adotar uma linguagem que ressoa com os critérios da UNESCO para patrimónios culturais, o texto alinha estrategicamente a Muralha com normas e valores globais, reforçando sua candidatura.

Ao submeter o dossiê à UNESCO, reconhece-se implicitamente a autoridade dessa organização como árbitro global de património cultural. Esse ato de reconhecimento não é neutro; ele inscreve a Muralha de Adriano dentro de uma estrutura de poder que valoriza certas narrativas históricas e culturais em detrimento de outras. Uma possibilidade de análise futura é como esse reconhecimento veio a influenciar a gestão do sítio e sua recepção pelo público global e local.

6. Referências Bibliográficas

ANCIENT MONUMENTS ACT 1967. - Ancient Monuments Act 1967 [Em linha]. [S.l.]: [s.n.], 1967. Disponível em WWW:URL:<https://www.legislation.gov.uk/ukpga/1967/69>. [Consult. 21 jul. 2024].

ANCIENT MONUMENTS AND ARCHAEOLOGICAL AREAS ACT 1974. - Ancient Monuments and Archaeological Areas Act 1974 [Em linha]. [S.l.]: [s.n.], 1974. Disponível em WWW:URL:https://www.legislation.gov.uk/ukpga/1974/32/pdfs/ukpga_19740032_en.pdf. [Consult. 21 jul. 2024].

ANCIENT MONUMENTS AND ARCHAEOLOGICAL AREAS ACT 1979. Disponível em WWW:URL:<https://www.legislation.gov.uk/ukpga/1979/46/enacted>. [Consult. 21 jul. 2024].

ANCIENT MONUMENTS PROTECTION ACT 1882. - Ancient Monuments Protection Act 1882 [Em linha]. [S.l.]: [s.n.], 1882. Disponível em WWW:URL:https://www.legislation.gov.uk/ukpga/1882/73/pdfs/ukpga_18820073_en.pdf. [Consult. 21 jul. 2024].

AYRES, P. - Classical culture and the idea of Rome in eighteenth-century England. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

BARKAN, L. - Unearthing the past: archaeology and aesthetics in the making of Renaissance culture. New Haven, CT: Yale University Press, 1999.

BARLOW, P. - Tyneside's modern Rome: the north-east's image of its Roman past and its lost Englishness. In: FAWCETT, H., ed. - Made in Newcastle. Visual culture. Newcastle upon Tyne: Northumbria University Press, 2007, p. 135-152.

BARRETT, J. - Fragments from antiquity. Oxford: Blackwell, 1994.

BARTHES, R. - Elementos de semiologia. 17.^a ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

BATISSE, M.; BOLLA, G. - L'invention du 'patrimoine mondial'. Les Cahiers d'Histoire [Em linha]. Vol. 2. Paris: Club Histoire Association d'anciens fonctionnaires de

- l'UNESCO, 2003, atual./rev. 2005. p. 23-24. Disponível em
WWW:URL:<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000186697>. [Consult. 21 jul. 2024].
- BEARD, M. - The Parthenon. London: Profile Books, 2002.
- BELL, T. - The religious reuse of Roman structures in early medieval England. Oxford: Archaeopress, 2005.
- BENDER, B. - Stonehenge: making space. Oxford: Berg, 1998.
- BIDWELL, P.; MIKET, R.; FORD, B. - Portae cum turribus: studies of Roman fort gates. (British Archaeological Reports British series 206). Oxford: British Archaeological Reports, 1988.
- BIRLEY, A. R. - Hadrian: The restless emperor. Londres: Routledge, 1997.
- BIRLEY, A. R. - The fasti of Roman Britain. Oxford: Clarendon Press, 1981.
- BIRLEY, E. - Research on Hadrian's Wall. Kendal: Titus Wilson & Son, 1961.
- BIRLEY, R. - Vindolanda: A Roman Frontier Fort on Hadrian's Wall. Stroud : Amberley, 2009.
- BREEZE, D. J. - The Antonine Wall. Edinburgh: John Donald, 2006.
- BREEZE, D.; DOBSON, B. - Hadrian's Wall. Harmondsworth : Penguin, 2000.
- BREEZE, D.J. - J. Collingwood Bruce's handbook to the Roman Wall. Newcastle upon Tyne : Society of Antiquaries of Newcastle upon Tyne, 2006.
- BREEZE, D.J. - John Collingwood Bruce and the study of Hadrian's Wall. Britannia, 34 (2003)
- BRUCE, J.C. - The wallet-book of the Roman Wall. London: Longman, 1863.
- CARDOSO, C. F. - Ensaios racionalistas. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- COURTÉS, J. - Analyse sémiotique du discours: De l'énoncé à l'énonciation. Paris: Hachette, 1991.
- CROW, J. - Housesteads: a fort and garrison on Hadrian's Wall. Stroud: Tempus, 2004.

DARTINGTON AMENITY RESEARCH TRUST. - Hadrian's Wall, a strategy for conservation and visitor services. [S.l.]: Countryside Commission, 1976. (CCP 98).

DUPRONT, A. - Sémantique historique et histoire. Cahiers de Lexicologie. I/II (1969) 15-16.

ELLIS, S.G. - The English state and its frontiers in the British Isles, 1300–1600. In: POWER, D.; STANDEN, N., eds. - Frontiers in question: Eurasian borderlands, 700–1700. Basingstoke : MacMillan, 1999

ENGLISH HERITAGE. - Hadrian's Wall World Heritage Site Management Plan, 2002–2007. 2001. p. 14. Disponível em WWW:URL:https://nationaltrusts.s3.eu-west-2.amazonaws.com/uploads/2_management_plan_2002_to_2007.pdf. [Consult. 27 dez. 2023].

ENGLISH HERITAGE. - Sources - Housesteads Roman Fort: History. Disponível em WWW:URL:<https://www.english-heritage.org.uk/visit/places/housesteads-roman-fort-hadrians-wall/history/sources/>. [Consult. 21 jul. 2024].

EWIN, A. - Hadrian's Wall: A Social and Cultural History. Centre for North-West Regional Studies/University of Lancaster, 2000.

FEBVRE, L. - Combates pela história (Vol. 2). Lisboa: Ed. Presença, 1977.

FISCH, M. H. - Peirce's general theory of signs. In: SEBEEK, T. A., ed. lit. - Sight, sound, and sense. Bloomington: Indiana University Press, 1978.

FONTANILLE, J. - Sémiotique du discours. Limoges: Presses de l'Université de Limoges, 2003

FOUCAULT, M. - The archaeology of knowledge. London: Routledge, 1989.

FULFORD, M. - Chapter 18: Britain. In: BOWMAN, A. K.; GARNSEY, P.; RATHBONE, D., ed. lit. - The Cambridge Ancient History: Volume XI: The High Empire A.D. 70-192. 2.^a ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

GREIMAS, A. J. - Sobre o sentido: Ensaios semióticos. Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar; revisão técnica de Milton José Pinto. Petrópolis: Vozes, 1975.

- GREIMAS, A.; COURTÉS, J. - Dicionário de semiótica. São Paulo: Contexto, 2012
- GRIFFITHS, H. - Britain in ruins: the Pict's Wall and the union of the two crowns. *Rethinking History*, 7 (2003)
- HÉBERT, L. - Tools for text and image analysis: An introduction to applied semiotics. [S.l.]: [s.n.], 2006.
- HEPPLE, L.W. - William Camden and early collections of Roman antiquities in Britain. *Journal of the History of Collections*, 15 (2003)
- HEWISON, R. - The heritage industry: Britain in a climate of decline. Methuen Publishing, 1987.
- HILL, P.R. - The construction of Hadrian's Wall. (British Archaeological Reports British series 375). Oxford: Archaeopress, 2004.
- HINGLEY, R. - 'The most ancient boundary between England and Scotland': genealogies of the Roman Walls. *Classical Reception Journal*, 2.1 (2010)
- HINGLEY, R. - Hadrian's Wall: a life. Oxford: Oxford University Press
- HINGLEY, R. - The recovery of Roman Britain 1586–1906: 'a colony so fertile'. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HINGLEY, R.; HARTIS, R. - Contextualizing Hadrian's Wall: The Wall as "debatable lands." In: HEKSTER, O.; KAIZER, T., ed. lit. - *Impact of Empire 13: Frontiers of the Roman World*. Leiden: Brill, 2011.
- HISTORIC BUILDINGS AND ANCIENT MONUMENTS ACT 1953. - Historic Buildings and Ancient Monuments Act 1953 [Em linha]. [S.l.]: [s.n.], 1953. Disponível em WWW:URL:https://www.legislation.gov.uk/ukpga/1953/49/pdfs/ukpga_19530049_en.pdf. [Consult. 21 jul. 2024].
- HODGSON, N. - After the Wall periods. In BIDWELL, P. (Ed.) - *Understanding Hadrian's Wall*. Kendal : Arbeia Society, 2008.
- HODGSON, N. - The Provenance of RIB 1389 and the Rebuilding of Hadrian's Wall in AD 158. *Antiquaries Journal*. 91 (2011)

HODGSON, N.; MCKELVEY, J. - An excavation on Hadrian's Wall at Hare Hill, Wall Mile 53, Cumbria. Transactions of the Cumberland and Westmorland Antiquarian and Archaeological Society, 6 (2006)

JOLLY, R. - Robert Louis Stevenson and Samoan history: crossing the Roman Wall. In: BENNETT, B.; DOYLE, J.E.; NANDAN, S., eds. - Crossing cultures: essays on literature and culture of the Asia-Pacific. London: Skoob Books (1996)

JONES, R. - Frontiers of Knowledge. In SYMONDS, M. F. A.; MASON, D. J. P., eds. - A Research Framework for Hadrian's Wall, Part of the Frontiers of the Roman Empire World Heritage Site. Durham : Durham County Council, 2011. Vol. B

KRAMER, L. S. - Literatura, crítica e imaginação histórica: O desafio de Hayden White e Dominick La Capra. In: HUNT, L., ed. lit. - A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAWSON, W. - The origins of the military road from Newcastle to Carlisle. Archaeologia Aeliana, 4th Series, 44 (1966)

LENGKEEK, J. - The authenticity discourse of heritage. In: BREEZE, D.; JILEK, S., eds. - Frontiers of the Roman empire: the European dimension of a World Heritage Site. Edinburgh: Historic Scotland, 2008

LOWENTHAL, D. - The past is a foreign country. Cambridge University Press, 1985.

LOZANO, J. [et al.] - Análisis del discurso, hacia una semiótica de la interacción textual. Madrid: Cátedra, 1989

McGLADE, D.; PICKLES, G.; RICHARDS, M. - Exploring Hadrian's Wall: the management and limitations of a National Trail, and the challenges for sustainable tourism within a World Heritage Site. Antiquity [Em linha]. 97:391 (2022), pp. 251-253. Disponível em WWW:URL:<https://doi.org/10.15184/aqy.2022.158>. [Consult. 21 jul. 2024].

MERRIMAN, M. - 'The Epystle to the Queen's Majestie' and its 'Platte'. Architectural History, 27 (1984)

NATIONAL HERITAGE ACT 1983. Disponível em
WWW:URL:https://www.legislation.gov.uk/ukpga/1983/47/pdfs/ukpga_19830047_en.pdf. [Consult. 21 jul. 2024].

NATIONAL TRUST. - About the National Trust Today [Em linha]. [S.l.]: National Trust, [s.d.]. Disponível em WWW:URL:<https://www.nationaltrust.org.uk/who-we-are/about-us/about-the-national-trust-today>. [Consult. 21 jul. 2024].

NESBITT, C.; TOLIA-KELLY, D.P. - Hadrian's Wall: embodied archaeologies of the linear monument. *Journal of Social Archaeology*, 9(3) (2009)

PEROWNE, S. - Hadrian. Londres: Hodder and Stoughton, 1960

PHILLIPS, G. - The Anglo-Scots wars 1513–1550. Woodbridge : Boydell, 1999.

PITTOCK, M.G.H. - Inventing and resisting Britain: cultural identities in Britain and Ireland, 1685–1789. London: MacMillan, 1997.

PLANNING POLICY GUIDANCE 16: Archaeology and Planning. Disponível em
WWW:URL:<https://webarchive.nationalarchives.gov.uk/ukgwa/20120919132719/www.communities.gov.uk/documents/planningandbuilding/pdf/1514132.pdf>. [Consult. 21 jul. 2024].

PPG 15: Planning and the Historic Environment, section. Department of the Environment and Department of National Heritage, 1994. Her Majesty's Stationery Office. Disponível em
WWW:URL:<https://webarchive.nationalarchives.gov.uk/ukgwa/20120919122719/http://www.communities.gov.uk/documents/planningandbuilding/pdf/142838.pdf>. [Consult. 10 jan. 2024]. Foi substituído pelo Planning Policy Statement 5: Planning for the Historic Environment em 23 de Março de 2010.

ROBERTSON, J. - Empire and union: two concepts of the Early Modern European political order. In: ROBERTSON, J., ed. - A union for empire: political thought and the British Union of 1707. Cambridge: Cambridge University Press, 1995

SALWAY, P. - The illustrated history of Roman Britain. Oxford: Oxford University Press, 1993.

SEBEEK, T. A. - Signs: An introduction to semiotics. 2.^a ed. Toronto: University of Toronto Press, 2001.

SHACKLEY, M. - Visitor Management [Em linha]. 1.^a ed. Londres: Routledge, 2000. p. 110. Disponível em WWW:URL:<https://doi.org/10.4324/9780080520681>. [Consult. 21 jul. 2024].

SHANNON, W. D. - Murus ille famosus (that famous wall): Depictions and descriptions of Hadrian's Wall before Camden. Cumberland and Westmorland Antiquarian and Archaeological Society, Transactions Series 22. Kendal: Titus Wilson & Son, 2007.

SIMPSON, F.G. - Watermills and military works on Hadrian's Wall: excavations in Northumberland 1907–1913. Kendal: Titus Wilson & Son, 1976.

SMILES, S. - The image of antiquity: ancient Britain and the romantic imagination. New Haven, CT; London: Yale University Press, 1994.

STUKELEY, W. - 23 Oct. 1754 [diary extract], The family memoirs of the Rev. William Stukeley, M.D. and the antiquarian and other correspondence of William Stukeley, Roger & Samuel Gale, etc. (Publications of the Surtees Society 80). Durham: Andrews & Co., 1754

SUMMERSON, H. - The history of Lanercost Priory. In: SUMMERSON, H.; HARRISON, S., eds. - Lanercost Priory, Cumbria: survey and documentary history. (Cumberland & Westmorland Antiquarian and Archaeological Society. Research series 10). Carlisle: Cumberland & Westmorland Antiquarian & Archaeological Society, 2000

SYMONDS, M.; MASON, D. - Frontiers of knowledge: a research framework for Hadrian's Wall. London: English Heritage, 2009.

TODD, J.M. - Introduction. In: TODD, J.M., ed. - The Lanercost Cartulary. (Publications of the Surtees Society 203). Durham: Surtees Society, 1997

UNESCO. - Artigo 4 [Em linha]. [S.l.]: UNESCO, 1972. Disponível em WWW:URL:<https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>. [Consult. 30 jan. 2024].

UNESCO. - Convention Concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage: Operational Guidelines, part I.21. Disponível em

WWW:URL:<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000116351.locale=en>.

[Consult. 10 jan. 2024].

UNESCO. - Convention Concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage [Em linha]. [S.l.]: UNESCO, 1972. Disponível em

WWW:URL:<https://whc.unesco.org/en/convention/>. [Consult. 21 jul. 2024].

UNESCO. - Convention Concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage [Em linha]. [S.l.]: UNESCO, 1972. Disponível em

WWW:URL:<https://www.unesco.org/en/legal-affairs/convention-concerning-protection-world-cultural-and-natural-heritage>. [Consult. 21 jul. 2024].

UNESCO. - Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention (WHC.19/01 - 10 July 2019) [Em linha]. [S.l.]: UNESCO, 2019. Disponível em

WWW:URL:<https://whc.unesco.org/document/178167>. [Consult. 30 jan. 2024].

VERÓN, E. - A produção de sentido. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1981.

VOLLI, U. - Manual de semiótica. 3.^a ed. São Paulo: Loyola, 2015.

WARBURTON, J. - Vallum Romanum. London: J. Robinson & R. Baldwin, 1753.

WHITWORTH, A. M. - Hadrian's Wall: Some aspects of its post-Roman influence on the landscape. Oxford: Archaeopress, 2000. (British Archaeological Reports, British Series 296).

WILMOTT, T. - The Late Roman frontier: A structural background. In COLLINS, R.; ALLASON-JONES, L., eds. - Finds from the Frontier: Material Culture in the 4th–5th Centuries. York : Council for British Archaeology, 2010. (Council for British Archaeology Research Report 162).

WITCHER, R.E. - The fabulous tales of the common people, part 1: representing Hadrian's Wall. Public Archaeology, 9(3) (2010)

WITCHER, R.E.; TOLIA-KELLY, D.P.; HINGLEY, R. - Archaeologies of landscape: excavating the materialities of Hadrian's Wall. Journal of Material Culture, 15(1) (2010)

WOODSIDE, R.; CROW, J. - Hadrian's Wall: an historic landscape. London: The National Trust, 1999.

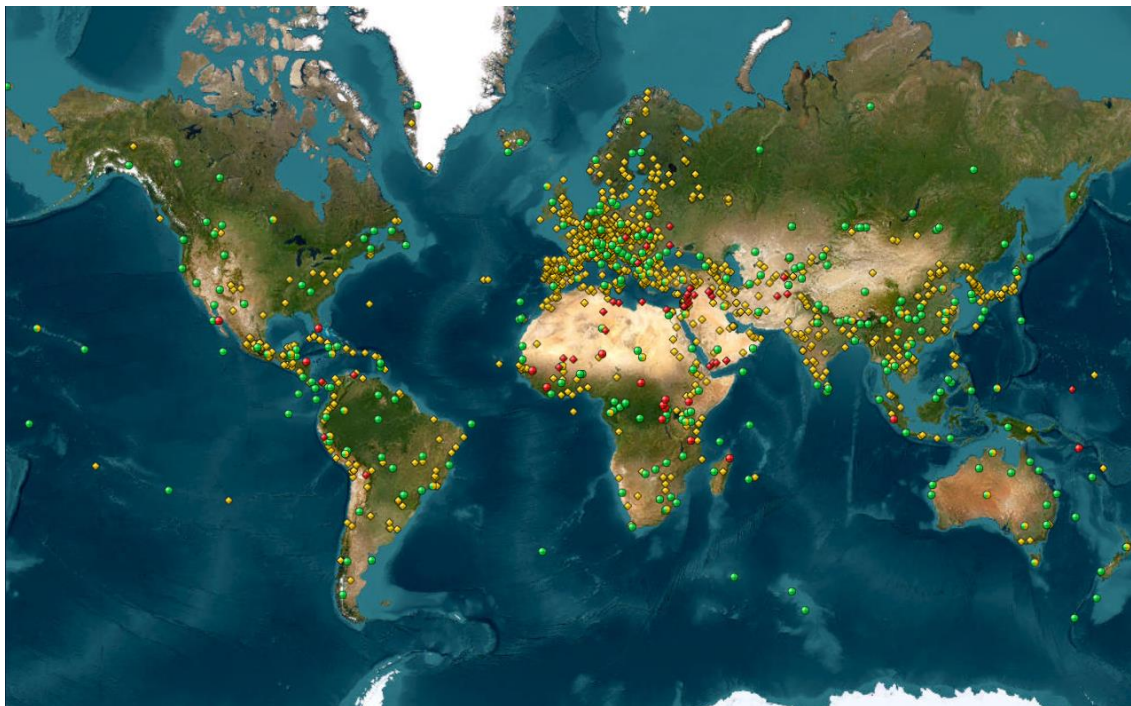
WORLD HERITAGE LIST. - World Heritage List [Em linha]. [S.l.]: UNESCO, [s.d.].

Disponível em WWW:URL:<https://whc.unesco.org/en/list/>. [Consult. 30 jan. 2024 e 21 jul. 2024].

YOUNG, C. - Conventions and Charters: A shifting focus. Association for Studies in the Conservation of Historic Buildings Transactions. 32 (2011)

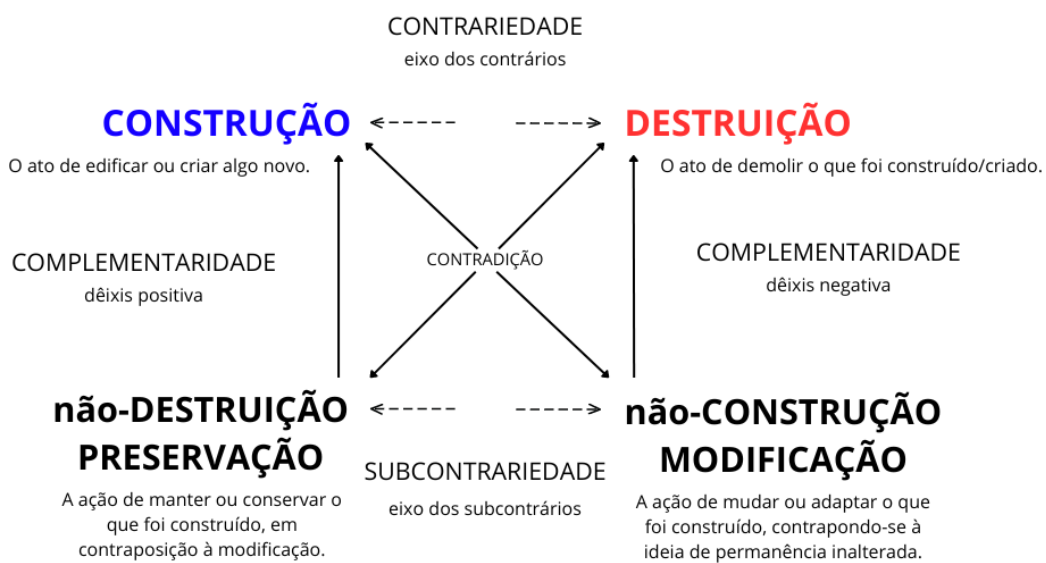
Anexos

Anexo 1 – Mapa do World Heritage List (site da web)

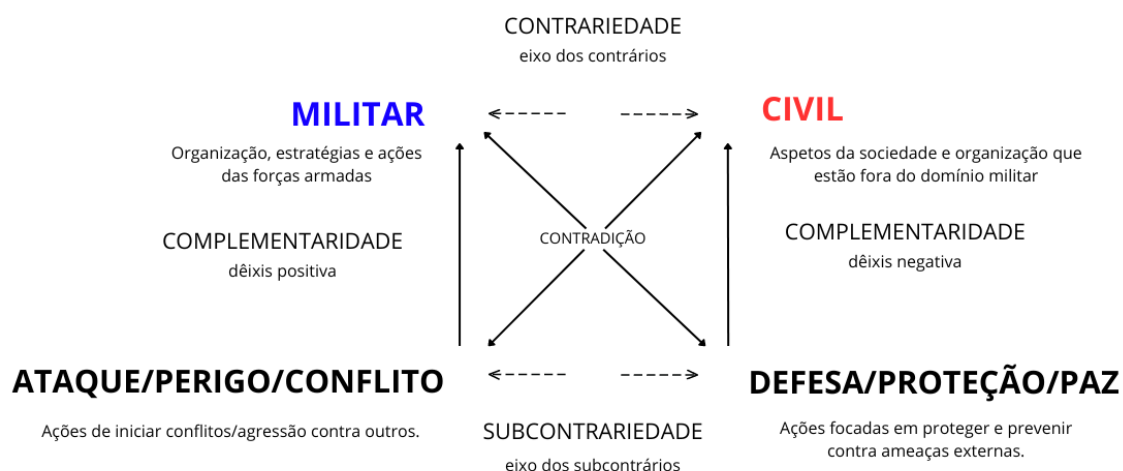


Fonte: <https://whc.unesco.org/en/list>

Anexo 2 – Quadrado Semiótico “Construção” e “Modificação”



Anexo 3 – Quadrado Semiótico “Militar” e “Defesa”



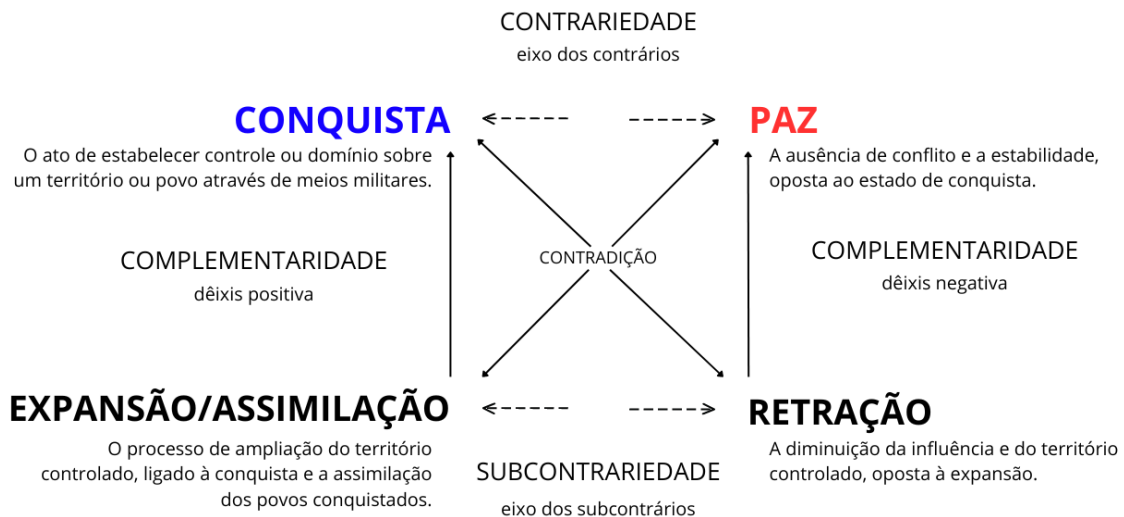
Anexo 4 – Quadrado Semiótico “Herança” e “Preservação”



Anexo 5 – Quadrado Semiótico “Significado” e “Reconhecimento”



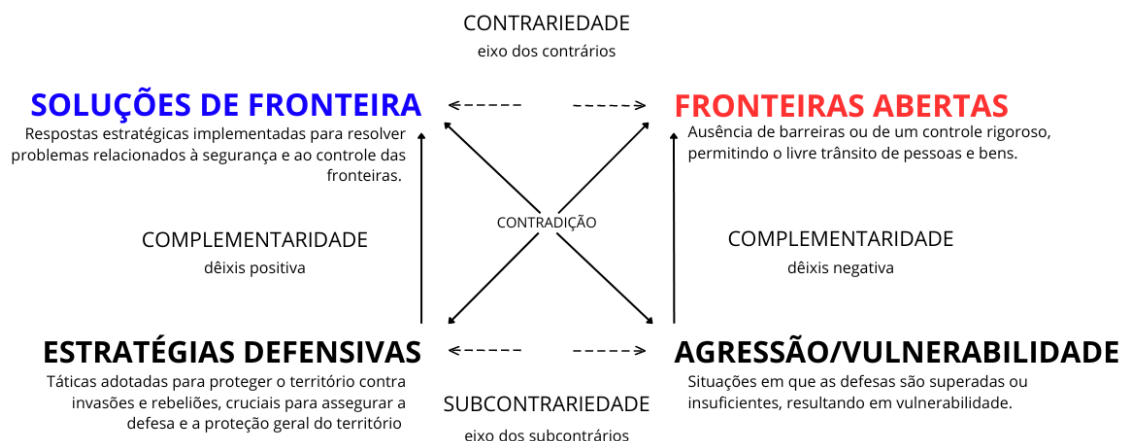
Anexo 6 – Quadrado Semiótico “Conquista” e “Expansão” (romanas)



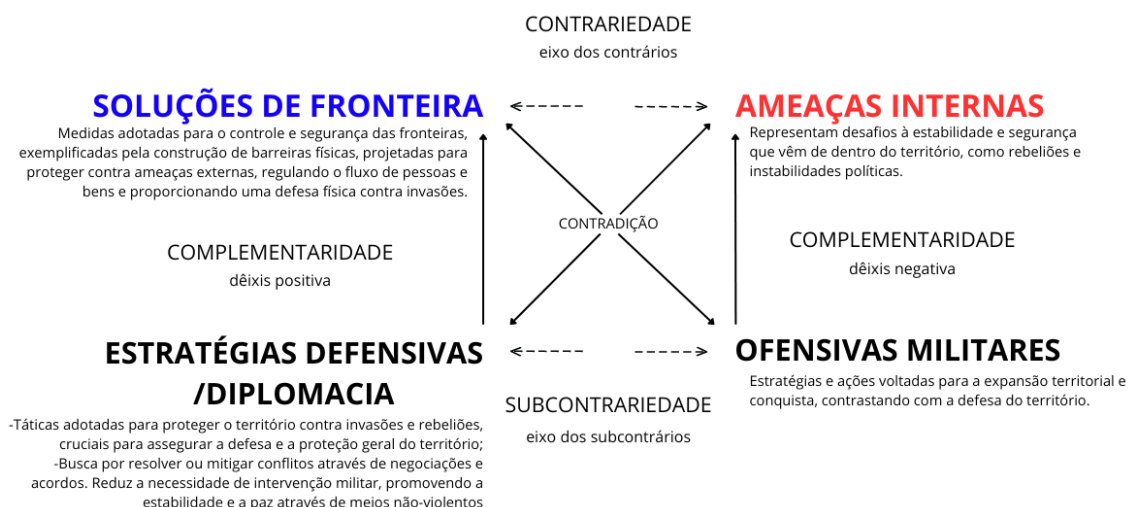
Anexo 7 – Quadrado Semiótico “Desafios” e “Resistências”



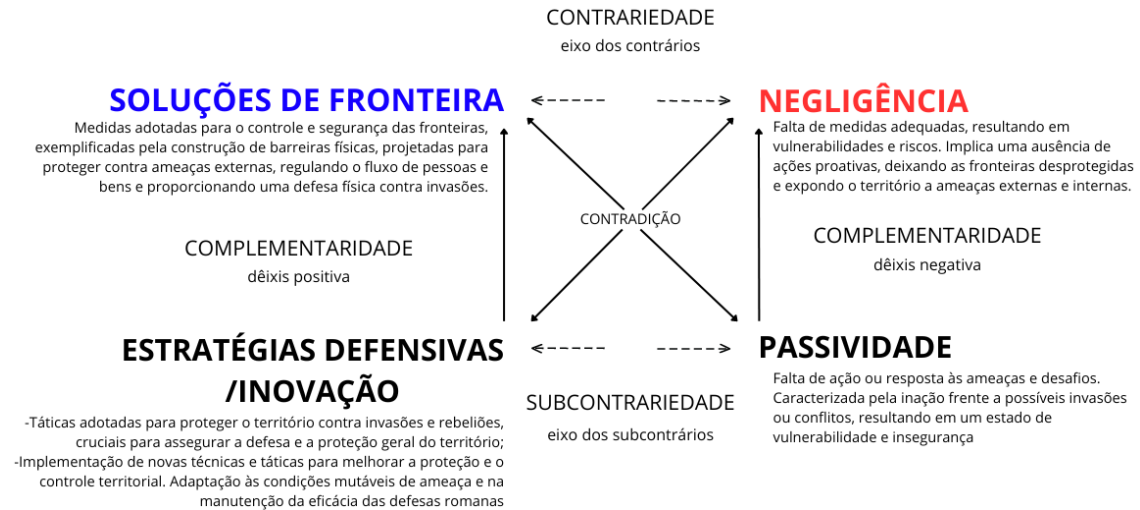
Anexo 8 – Quadrado Semiótico “Soluções de Fronteira” e “Estratégias Defensivas”



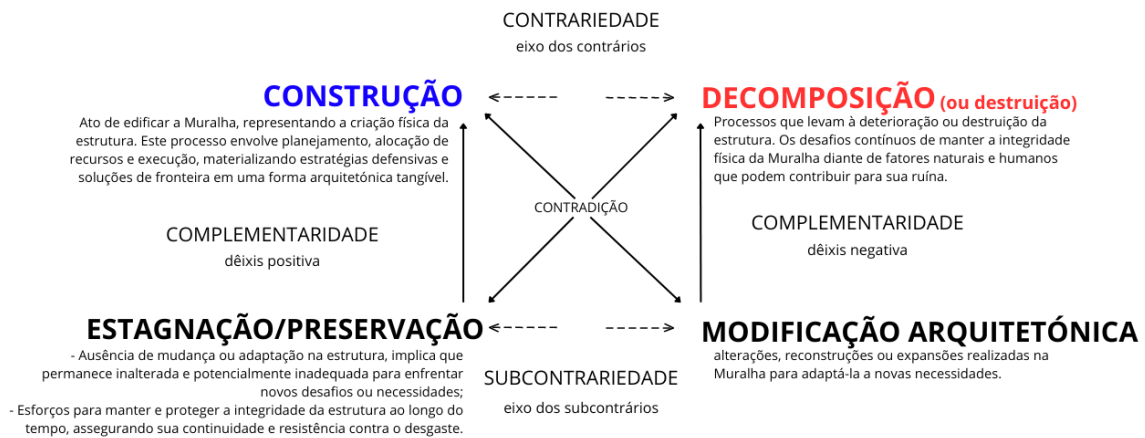
Anexo 9 – Quadrado Semiótico “Soluções de Fronteira” e “Estratégias Defensivas”



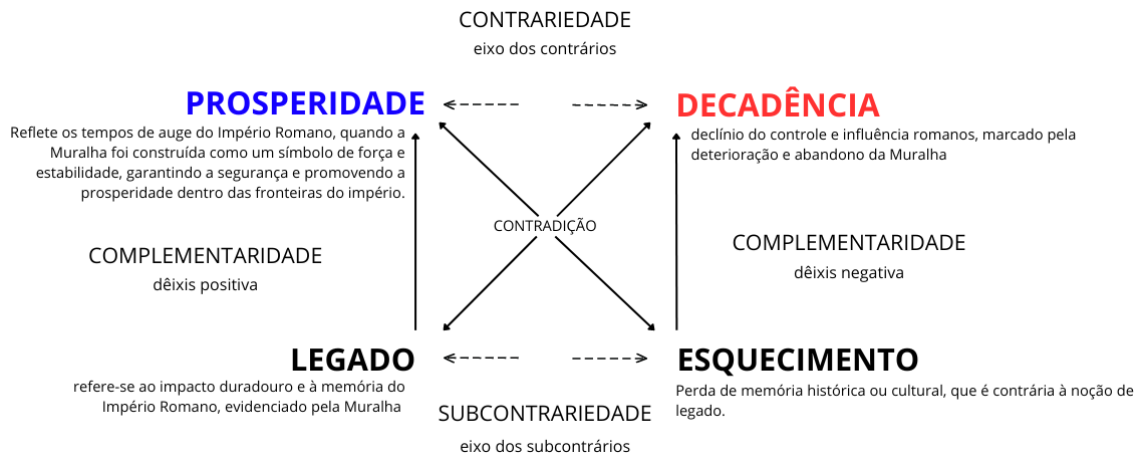
Anexo 10 – Quadrado Semiótico “Soluções de Fronteira” e “Estratégias Defensivas”



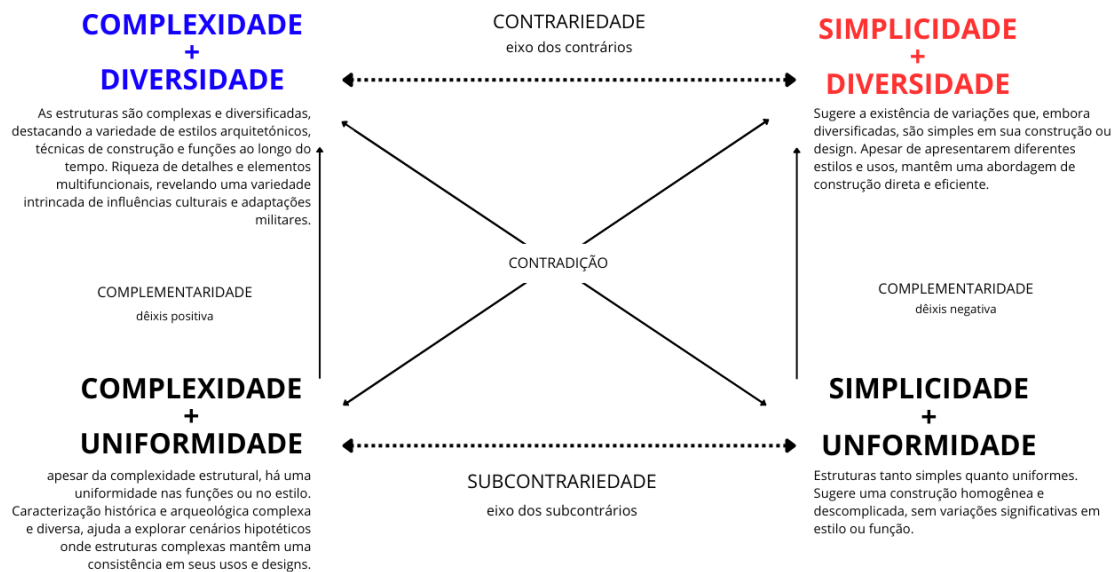
Anexo 11 – Quadrado Semiótico “Construção” e “Modificação Arquitetônica”



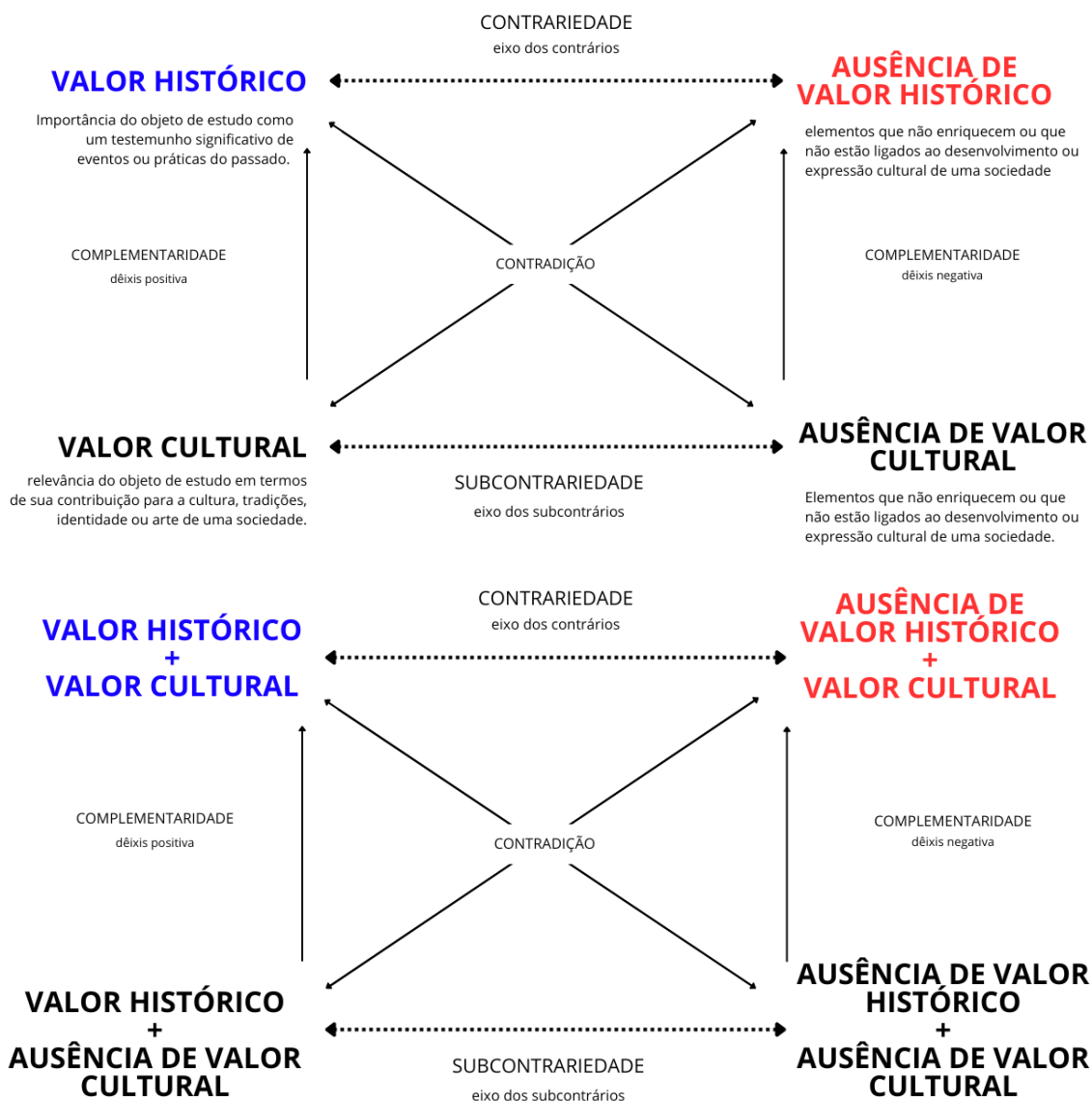
Anexo 12 – Quadrado Semiótico “Decadência” e “Legado”



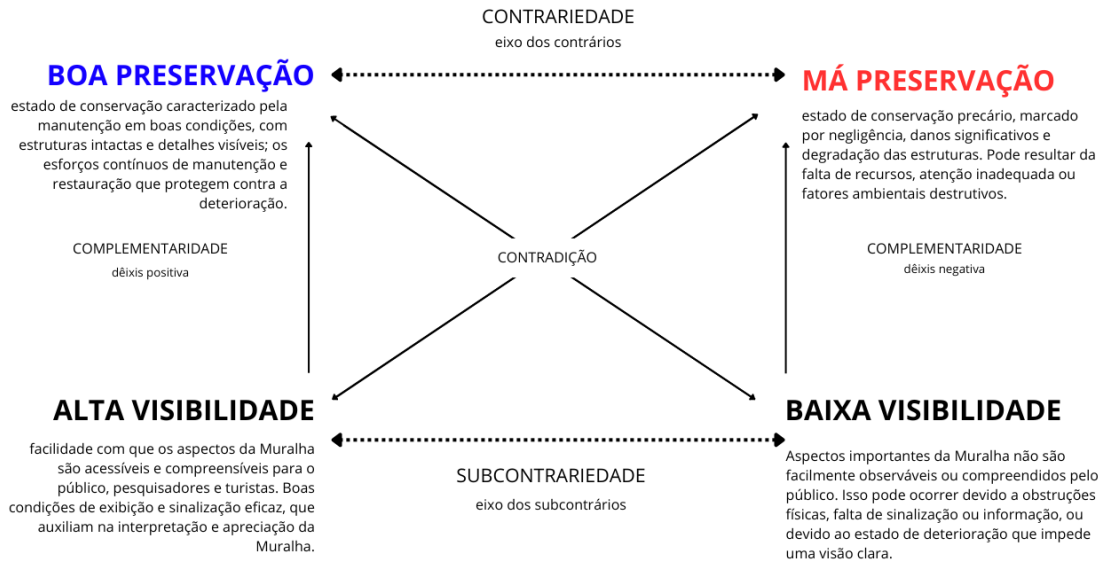
Anexo 13 – Quadrado Semiótico "Complexidade Arqueológica" e "Diversidade Arqueológica"



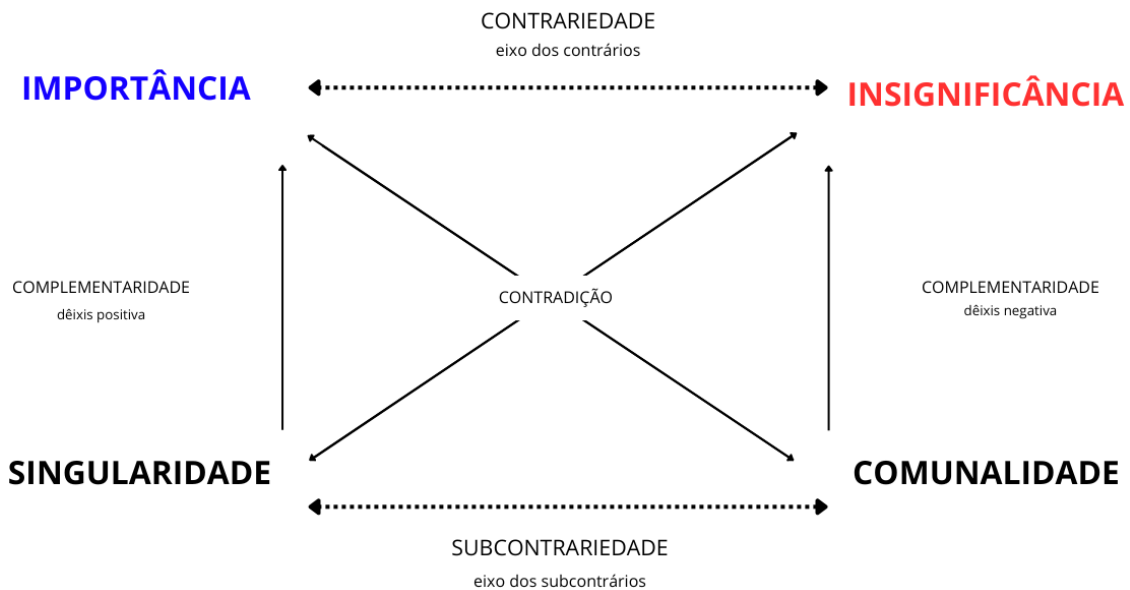
Anexo 14 – Quadrado Semiótico “Valor Histórico” e “Valor Cultural”



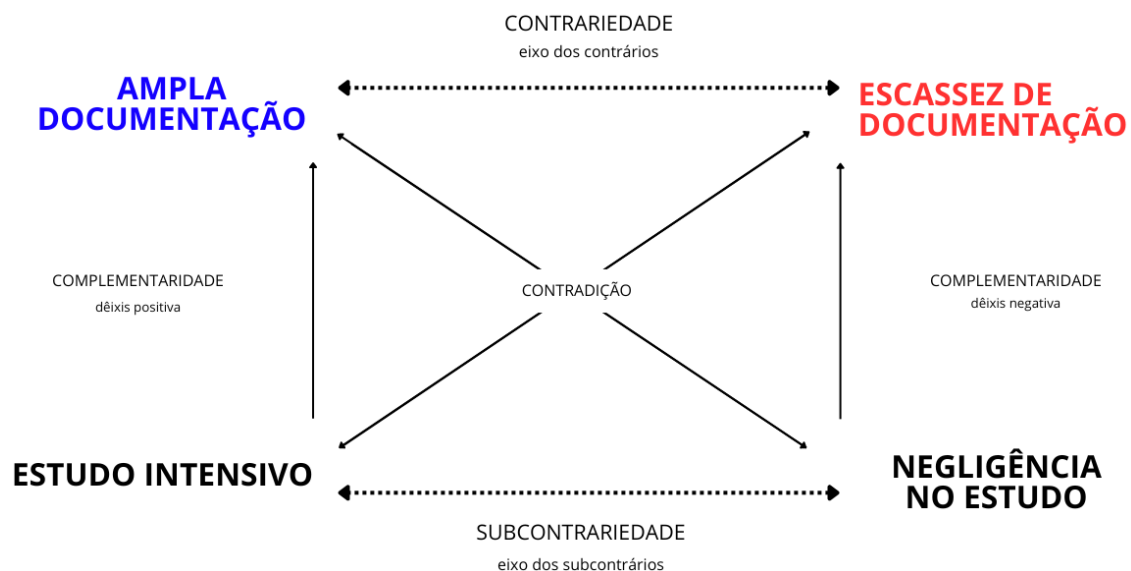
Anexo 15 – Quadrado Semiótico “Preservação” e Visibilidade”



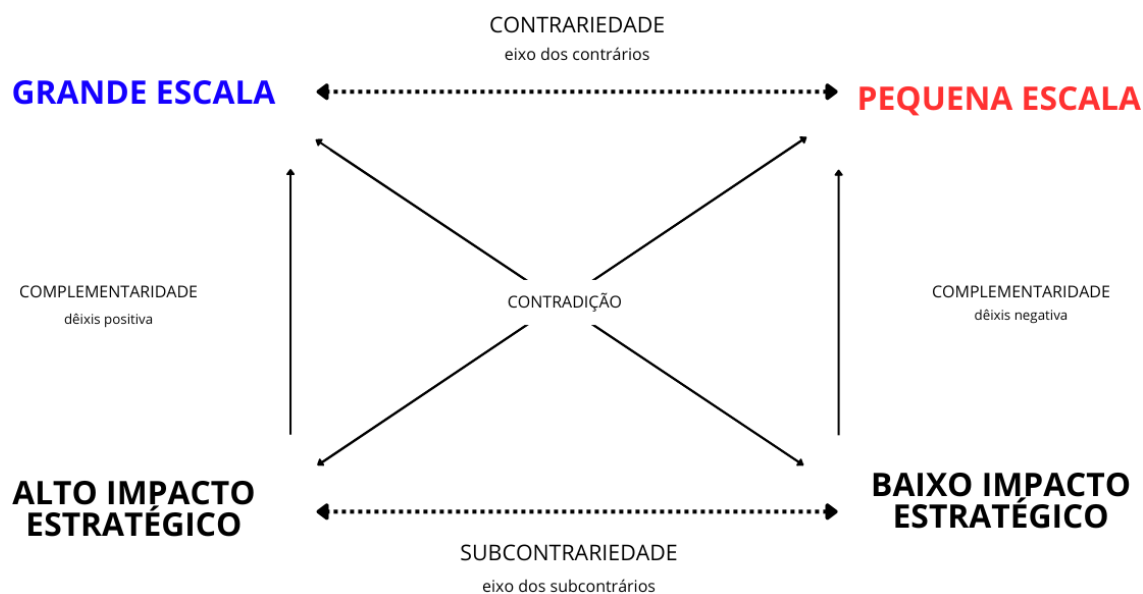
Anexo 16 – Quadrado Semiótico “Importância” e “Singularidade”



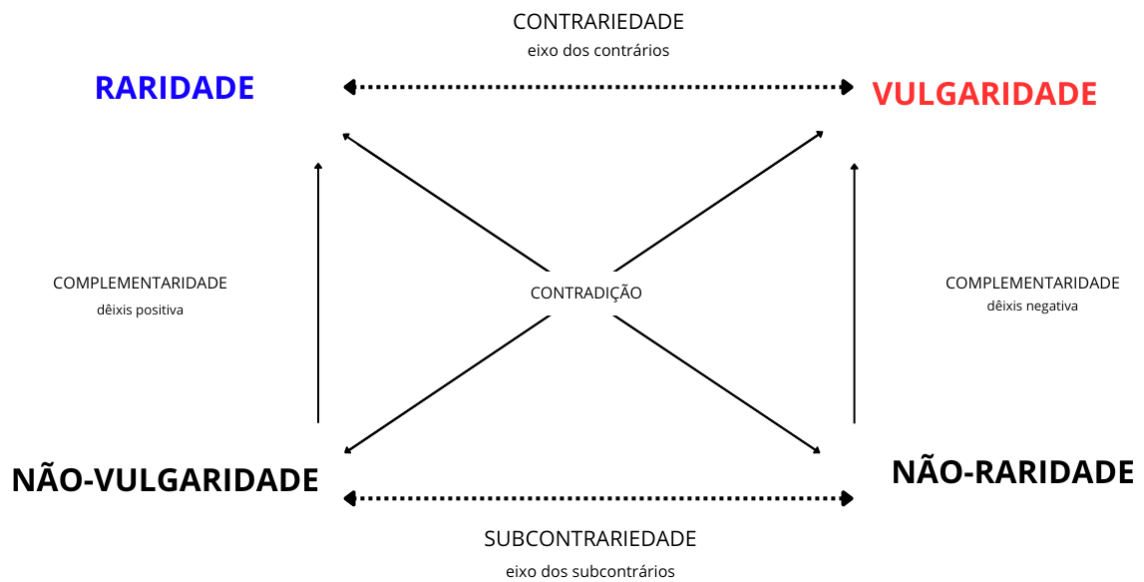
Anexo 17 – Quadrado Semiótico “Documentação” e “Estudo”



Anexo 18 – Quadrado Semiótico “Escala” e “Impacto Estratégico”



Anexo 19 – Quadrado Semiótico “Raridade”



Apêndices

Apêndice 1 – Extrato “Summary” do Dossiê

SUMMARY

The Hadrian's Wall area comprises a complex of Roman frontier works built at various periods, but first planned and implemented in the early second century AD. The Wall itself was constructed on the orders of the Emperor Hadrian in the years following AD 122, and formed the basis for Roman military control of this zone for much of the following three centuries. During that period, there were many alterations and modifications to the original scheme. Thus the Wall and its structures can be expected to contain evidence for about 300 years of occupation.

The surviving remains in the Wall area comprise earthworks, buried sites and standing structures. The earliest elements are military posts established in and soon after the 80s AD along the Roman military road network, based on the main centres at Carlisle and Corbridge. When the Wall was completed, it stretched 80 Roman miles (117 km) from Wallsend in the east to Bowness in the west. It was the main element in a controlled military zone across northern Britain from coast to coast, but was also supplemented by other surveillance posts not on its immediate line: these included the series of towers and fortlets which extended Roman control for at least 26 miles (42 km) down the western coastline of Britain though there are supporting forts, marching camps and other traces of Roman military influence in a wide area both north and south of the Wall itself.

Even though planned and constructed within a relatively short timespan, the sequence of construction of the Wall and its constituent elements is of some complexity. The stretch from Newcastle to the crossing of the River Irthing was planned and built in stone, while the portion from the Irthing crossing to Bowness was constructed of turf. Before these proposals were completed, the Wall was extended eastwards from Newcastle to Wallsend. As at first planned, the Wall was built to incorporate small

fortlets, or "milecastles", spaced almost exactly one Roman mile apart. In those portions of the Wall west of the River Irthing, these were built of turf, but elsewhere they were of stone. Between each milecastle there lay two towers or turrets, equally spaced. All of these, on both turf and stone walls, were built in stone.

Further significant alterations to the plan followed: the parts of the Wall built in turf were (apart from one short stretch) rebuilt in stone on the same line. This involved rebuilding milecastles in stone, but the work incorporated the existing turrets. Relatively soon, too, a change of plan resulted in the addition of forts as permanent troop bases to the Wall curtain and in associated positions along its line. After these had been added, an earthwork, the "Vallum", was constructed south of the Wall, and a road was built later to provide communication between all the wall-forts.

Piecemeal rebuilding of the Wall took place from time to time followed by overall reconstruction, possibly due to decay rather than hostile action, at the end of the third century. In the fourth century historical references to the Wall are rare, but a document of 367 records a barbarian conspiracy which may have affected it. Thereafter it was drained of its garrison by successive withdrawals and finally abandoned.

The first important modern account of the Wall was a survey made by William Camden, the Elizabethan antiquary, in 1599. The first accurate survey was made by Henry Maclauchlan for the third Duke of Northumberland in 1852-4. Since the passage of the first Ancient Monuments Act in 1882 the State has been increasingly involved in the protection, care and presentation of the sites and monuments in the area and there are now 27 monuments in State care and over 100 protected by scheduling in the

designated area including the Wall itself and associated monuments. In addition to sites still in individual private ownership, an outstandingly well preserved length of Wall belongs to the National Trust, while the Vindolanda Trust owns the fort of that name and Local Authorities own the forts at Birdoswald, Rudchester, South Shields and Walls End. There are museums at a number of sites, and outstanding collections of Roman antiquities from the area are housed in the Museum of Antiquities at Newcastle upon Tyne and in the Tullie House Museum at Carlisle.

Taken as a whole the Hadrian's Wall military zone, with its multiplicity of structures, forts and earthworks, is not only the best-preserved and most complete example of a Roman limes, but indeed one of the most significant complexes of archaeological remains of any period in the world.

UNESCO Criteria a(ii), (iv) and (vi).

Apêndice 2 – Extrato “History” do Dossiê

c. Photographic and/or
cinematographic
documentation

See Appendix B: List of photographs
Appendix C: List of slides.

d. History

After invading Britain in AD 43, the Romans quite quickly established control of southern England. The conquest of the north followed more slowly, in the wake of military campaigns. In the 70s and 80s the Roman general Agricola led a major assault on the tribes of north England and lowland Scotland, basing his operations on a new road from the Tyne to the Solway, the Stanegate. Despite a successful campaign, the Romans were unable in the long term to retain their gains in Scotland. Forts were built in the lowland areas, and the Stanegate road was strengthened by new posts and signal-towers.

These northern forts came under hostile pressure in the early years of the second century, and a visit from the Emperor Hadrian in AD 122 led to the adoption of a new, more radical solution to the border problem. This was the building of a wall between the new bridge over the Tyne at Newcastle and the Solway estuary. The eastern part was to be of stone, and the portion west of the River Irthing (because lime was not immediately available) of turf. The wall was to be provided with a small fort every Roman mile (a milecastle) and, evenly spaced

between them, two look-out towers (turrets). A series of watch-towers and small fortlets continued the system, but not the actual wall, down the Cumbrian coastline.

Building began almost immediately in 122. By 124-5 much had been completed, when the decision was made to build new forts spaced roughly at 7 mile (11 km) intervals on the line of the wall itself. These would replace the Stanegate line of forts and fortlets. The wall was also extended eastwards from Newcastle to the Tyne at Wallsend where a further fort was built. Some of the forts which were added to the wall at this time occupied the sites of turrets (or in one place a milecastle) already built but then dismantled. Later still, probably in the 130s, further forts were added to plug specific gaps, and part of the wall originally built of turf was rebuilt in stone.

By 138-9, preparations were being made for a new campaign in Scotland, and, with the rapid establishment of a new frontier between the Forth and the Clyde, Hadrian's Wall was promptly abandoned. Once again, however, the Roman hold on Scotland proved tenuous and by about 160 Hadrian's Wall was again reoccupied. The remaining stretch of turf wall was then rebuilt in stone. Disturbances in 180 and in the following years, particularly 205-8, were met with sharp campaigns by the Emperor Severus in

209-11, and much local rebuilding took place on the Wall in the ensuing peace which lasted a considerable time. Not until the end of the third century was there any overall reconstruction and even this may have been due not to hostile action, but to natural decay.

In the fourth century, events in Britain figure rarely in Roman history, though several barbarian raids from northern tribes are attested. Their effect on Hadrian's Wall is largely unknown, and even the invasion of 367 - the so-called Barbarian Conspiracy when hostile tribes from all over Britain attacked together - has left little trace on the ground. Drained of their garrison troops by successive withdrawals, Hadrian's Wall and its forts were finally abandoned, a monument to the splendour of the Roman Empire's past.

Apêndice 3 – Extrato “Justification” do Dossiê

5. Justification for
inclusion in the World
Heritage List

a. Cultural property

Taken as a whole, with all its complex of structures, forts and earthworks of the Roman period, the Hadrian's Wall zone is one of the most significant complexes of archaeological remains of the period in the world. Its importance rests on a combination of several factors.

Diversity

The remains in the Roman military zone are of many different types. As well as the structure of the curtain wall, its milecastles and turrets, and all the associated earthworks, there are 17 forts either on the Wall or closely linked to it, each of which has an individual history of occupation, as well as having attracted to itself a settlement of civilians or camp-followers. In addition, there are further forts or smaller posts in the controlled territories both north and south of the Wall, linked by military roads. These, together with their associated signalling- or watch-towers, marching camps, quarries, aqueducts and settlements emphasise Roman control over their landscape.

Complexity and archaeological potential

The remains are of great complexity. Many of the fort and settlement sites were occupied for a

considerable timespan, and can be shown to have undergone many changes in layout and planning during their period of use. Examination of these in detail can pave the way to substantial advances in understanding of the nature and character of Roman occupation of specific sites.

Group value

The value of the Hadrian's Wall complex as an inter-related group of sites cannot be over-estimated. Data from individual sites can be readily assessed against other immediately comparable sites, and the study of the frontier as a whole can lead, in a way not easily paralleled by other archaeological material, to conclusions which may have a direct bearing on military and hence Roman political history.

Preservation and condition

Although the Wall is overlain by the modern conurbations of Newcastle and Carlisle, about four-fifths of its line runs through more open country. Within the central 28 miles (45 km) of its course (Wall miles 33-62), the remains are in an exceptionally good state of preservation, surviving as part of a landscape which still contains significant traces of the Roman military presence. Even outside this central zone, however, many

individual sites are well-preserved: of the 17 forts on the wall or in close association with it, there are now 10 which are virtually free from development or encroachment, and the sites of only four of the remainder are completely overlain by modern urban or village settings. Research on the Wall, which has reached its peak in the last 60 years or so, has shown that there is a large store of information about the Wall and its structures still buried intact. All elements of the surviving remains have potential for containing significant information.

Documentation

The Wall is mentioned in Roman historical accounts, and there are many surviving inscriptions from Wall sites. From such material the framework of the history of the frontier can be plotted, but much of the detail has to be added as a result of archaeological work. The fact that the Roman frontier works and the Wall itself are mentioned in contemporary source material gives the remains an enhanced importance and a secure context for their study and evaluation.

Scale

The overall scale of the Wall and its associated frontier works gives it particular prominence. The strategic prowess of the Romans, shown by the way the

planning and siting of the Wall makes full use of the landscape, commands respect. It is a significant factor in understanding Roman military skills and practices to be able to see these remains within their overall setting.

Rarity

Although large in itself, and extending over a wide area, the combination and complexity of this associated series of Roman frontier works is unparalleled in Britain. Any assessment of the rarity or uniqueness of the monument must be set on a European, if not world, scale. There are other Roman frontier works in parts of what was once the Roman world, but few are so concentrated, so well-preserved or so immediately dependent on one another as those in the Hadrian's Wall area. There can be no hesitation therefore in claiming that the Wall and the Roman military zone surrounding it are of the highest national archaeological importance and form one of the nation's monuments which ranks high on a world or European scale of importance.

Overall assessment

In terms of its documentation, diversity, complexity, group value and state of survival, the combination of Roman remains and landscapes in the military zone in the north is of major national importance. Its scale

and rarity as a group of inter-related monuments, in effect the survival of a large swathe of territory which still bears the marks of Roman military occupation, mark it out as one of the most important archaeological sites in Europe.

UNESCO Criteria a(ii), (iv) and (vi).